

ONU ANUNCIA VITÓRIAS NA CAPITAL DE TSHOMBE

Aviões americanos levam mais soldados da ONU para Catanga

Elizabethville, Leopoldville, 8 (AP-UPUI-JB) — Escoltas por caças a jacto da ONU, os aviões de transporte norte-americanos reúnem, hoje, seus vôos, levando reforços de tropas e equipamentos para o Exército das Nações Unidas em Catanga. Quatro enormes aparelhos Globemaster levantaram vôo de Leopoldville, conduzindo a Elizabethville 200 soldados irlandeses, enquanto um quinto avião partia para Kinshasa, a fim de apanhar veículos blindados, munições e equipamentos, já malia para levá-los à Capital de Catanga.

As tropas da ONU em Catanga, que contam agora com mais de 4 500 soldados suecos, irlandeses e indianos, estão levando a melhor na luta travada com as forças catanguesas nos arredores de Elizabethville, tendo-se apoderado já de todas as estradas que conduzem à capital da província separatista, onde se continua a ouvir o barulho dos morteiros. As forças internacionais, contudo, não fizeram, até agora, nenhum esforço para atacar a cidade.

TSHOMBE ACUSA

O Presidente Moisés Tshombe, que regressou a Elizabethville, para reassumir o comando das forças catanguesas, atacou violentamente os Estados Unidos, acusando-os de procurarem assassinar Catanga da mesma forma que a União Soviética assassinou a Hungria.

Responsabilizando os Estados Unidos pela ação da ONU em Catanga, disse: "O Governo dos Estados Unidos envia ao Congo dólares, aviões e diplomatas, exceto soldados, porque os americanos são demasiado covardes e decadentes para executar tarefas perigosas e porque pode utilizar a pele e o sangue dos homens de Nehru."

O líder catangueses acusou os "mercenários dos Estados Unidos de terem bombardeado igrejas, escolas, hospitais e zonas residenciais, matando mulheres e crianças. Tshombe convidou 30 correspondentes estrangeiros a visitarem as igrejas e hospitais bombardeados a fim de "verem ali a guerra que os Estados Unidos estão levando a cabo através das Nações Unidas".

Em Leopoldville, centenas de estudantes realizaram, hoje, manifestações de protesto em frente às embaixadas britânica, francesa e portuguesa, enquanto em frente à representação diplomática dos Estados Unidos, davam "vivas a Kennedy".

Os manifestantes, empunhando cartazes em que se lia "abolição do imperialismo", se dirigiram à residência oficial do Primeiro-Ministro Cyrille Adoula, depois de quebrarem as vidraças daquelas três embaixadas e apedrejaram os automóveis estacionados à frente das referidas representações.

A decisão da Grã-Bretanha de fornecer à ONU bombas para os aviões indianos Cambera, utilizados em Catanga, que provocou viva surpresa nos círculos políticos, não representa mudança na política britânica a respeito do Congo, declarou-se, hoje, no Ministério de Exterior britânico.

Afirmar-se nos círculos bem informados que o Governo britânico atendeu ao pedido da ONU de má vontade e para evitar um conflito com os Estados Unidos e a ONU no caso do Congo, ao mesmo tempo procurando atrair a boa vontade de um grande número de países afro-asiáticos, alguns dos quais são membros da Commonwealth.

Ao fazer isso, Londres arrisca-se a criar descontentamento entre alguns dos seus aliados europeus e africanos e a provocar fortes reações numa parte da opinião pública britânica.

No entanto, julgam os observadores, o Governo britânico não podia negar-se ao pedido da ONU sem que se viessem os ataques à sua política em Catanga, principalmente os de O'Brien, representante da ONU em Elizabethville. Ontem mesmo, a delegação soviética chegou a acusar a Inglaterra de sabotar a ação da ONU em Catanga e de ter uma certa responsabilidade na morte de Dag Hammarskjöld.

Por outro lado, irritado pela negativa do Presidente Tshombe de aplicar a resolução do Conselho de Segurança de dispensar os mercenários e os conselheiros políticos estrangeiros, o Governo britânico pensa "afastar-se de um homem cuja atitude não facilita as tentativas de conciliação com o Governo central congolês, que a Inglaterra sempre apoiou".

Apesar de o Governo de Londres não prognosticar um Governo catangues independente, acredita-se que a solução aceitável para ele seria uma federação ou até uma confederação das províncias congolêsas.

Finalmente, nos círculos oficiais declara-se que, contrariamente a certas alegações, os interesses financeiros britânicos não estão concentrados unicamente em Catanga, mas repartidos quase por igual entre todas as regiões do Congo.

OPFERECIMENTO

Disse ainda que o fogo de morteiros silenciou um ponto forte de catangueses próximo ao Palácio Presidencial, obrigando os soldados nativos a abandoná-lo. Depois de uma noite atribulada, em que houve ativo fogo por parte dos franco-atiradores, as tropas da ONU continuaram impetuosas, em sua ação de limpeza nas cercanias de Elizabethville.

Segundo o porta-voz, o Secretário-Geral Intermédio U Thant, da Organização aceitou o oferecimento britânico de 24 bombas aéreas de meia tonelada cada, as quais seriam empregadas apenas defensivamente. O Secretário-Geral manifestou grande satisfação ante os entendimentos em curso para aumentar o poderio da ONU, através de maior dotação de armas e munições. "Ao anunciar o oferecimento ante a ONU", disse o porta-voz, "o delegado britânico esclareceu que essa oferta era uma resposta às acusações soviéticas de que a Inglaterra está sabotando as operações da ONU no Congo".

Um porta-voz dos Estados Unidos anunciou também que a ONU não solicitou o fornecimento de bombas, embora não soubesse dizer se estava sendo empregado armamento norte-americano nas operações. Esclareceu que a ONU pediu aos Estados Unidos apenas aviões de transporte, empregados no deslocamento de tropas e mantimentos para Elizabethville.

Os Estados Unidos e outras seis nações dirigiram uma proposta à Organização, pedindo que se interpelasse a Corte Mundial, sobre se a URSS e vários outros países têm o direito de recusar sua contribuição financeira à ONU, para que ela possa fazer frente aos gastos que tem no Congo. Entretanto a proposta foi imediatamente rejeitada pelo delegado A.A. Roschlin, da Comissão de Organização, sob a alegação de que seu país não reconhece a Corte Internacional o direito de tratar desses assuntos. Recordou-se que há bastante tempo, o bloco soviético anunciou que não pagaria as operações em curso no Congo, as quais custam à ONU dez milhões de dólares por mês.

Nações Unidas, 8 (AP-JB) — Afirmando ser boa a situação em Elizabethville, um porta-voz da ONU afirmou que as tropas internacionais destacadas em Catanga ganharam terreno na luta contra os soldados do Presidente Moisés Tshombe, os quais mantêm na cidade referida apenas o Hotel Lido e o Palácio Presidencial. Todos os demais pontos fortes da capital catanguesa caíram nas mãos da força especial da ONU.

Em uma entrevista coletiva à imprensa, o porta-voz esboçou a situação militar do momento, em Catanga, afirmando, porém, não haver indícios de que os soldados da Organização mundial tenham planos para atacar os dois pontos ainda dominados pelos soldados nativos de Tshombe.

Secessão de Catanga é porta aberta ao comunismo, diz Rusk

Washington, 8 (AP-UPUI-JB) — O Secretário de Estado Dean Rusk declarou, hoje, que a secessão de Catanga poderá levar o Congo à guerra civil e abrir as portas do país ao comunismo.

Rusk reafirmou o apoio total dos Estados Unidos à política das Nações Unidas no Congo, frisando que o objetivo do Governo norte-americano é consolidar o país sob um governo estável, a fim de que os próprios congolêses dirijam seus destinos. Disse que a ONU foi obrigada a usar a força para fazer frente aos reiterados ataques das tropas de Catanga e acrescentou que a organização mundial deve consolidar sua posição militar antes de firmar qualquer acordo de cessação das hostilidades com o regime de Elizabethville.

BERLIM

Na entrevista que concedeu à imprensa, véspera de sua viagem a Paris, onde assistirá à Conferência de Ministros da OTAN, o Secretário de Estado afirmou que as divergências entre os aliados ocidentais sobre o momento mais oportuno para se estabelecer negociações com os soviéticos sobre Berlim não têm maior importância. "As divergências de maior importância — disse — são as que existem entre Moscou e o Ocidente e a União Soviética respalda os direitos aliados em Berlim".

Rusk recusou-se a prognosticar o resultado da reunião da OTAN, cujo tema principal será a crise berlimense. Disse que as divergências aliadas, particularmente com a França, se relacionam com os aspectos de procedimento e não de fundo, acrescentando que o Ocidente se mantém firme em sua determinação de preservar seus interesses vitais na antiga capital do Reich. Afirmou, ainda, ser quase certo que a reunião dos ministros do exterior dos 15 países da OTAN discutirá os pontos da Alemanha Ocidental e de outros países membros de exercerem controle sobre suas armas nucleares.

CUBA

Abordando a questão cubana, Rusk disse que ficou animado e impressionado com a aprovação pela OEA de uma reunião ministerial com o objetivo de examinar o problema da infiltração comunista e castrista no Hemisfério ocidental.

Afirmou que a votação, a 4 do corrente, pelo Conselho da OEA da proposta colombiana no sentido de convocar uma reunião consultiva ministerial constitui um importante passo a frente, frisando que a importância da decisão era, na realidade, maior do que a votação indicava. Sublinhou que os países que se absteram — Brasil, Argentina, Bolívia, Chile e Equador — tinham rejeitado a utilidade e a necessidade de tal conferência e que a "resistência se tinha baseado puramente em razões jurídicas".

Instado a comentar a recente profissão de fé comunista feita por Fidel Castro, o Secretário de Estado respondeu que não tinha podido achar uma explicação no que se refere ao momento escolhido pelo líder cubano para confessar suas convicções marxistas-leninistas. "A confissão de Fidel Castro, como outras declarações análogas feitas pelos dirigentes cubanos, pouparam-nos o trabalho de demonstrar nos demais países o que nos sabíamos há muito tempo".

No que concerne à questão dominicana, afirmou: "Lamento que as informações procedentes da República Dominicana indiquem que não se realizou nenhum progresso entre o Governo e os partidos da oposição para solucionar a crise. Nós, que estamos afastados do problema, devemos pensar, com o coração cheio de dificuldades, que para se encontrar uma solução, devem existir para esse país, durante mais de 30 anos, viveu sob um regime de terror, suspeita e ódio.

"Estou, todavia, impressionado com os esforços dos dirigentes de todos os partidos dominicanos para se encontrar essa solução. Não é fácil achar um remédio imediato. Temos esperanças, contudo, de que se chegue a um acordo que permita à República Dominicana reintegrar-se na comunidade internacional e satisfazer as aspirações de seu povo."

CATANGA

A entrevista de Rusk versou sobre os problemas internacionais mais importantes, mas a maior parte esteve dedicada à crise do Congo, onde o divisionista Moisés Tshombe denunciou os Estados Unidos como potência intervencionista e onde os países europeus, aliados dos norte-americanos, parecem sentir menos entusiasmo do que antes sobre a ação que a ONU vem desempenhando naquele turbulento país africano.

"Se Catanga não se reintegrar pacificamente, declarou Rusk, o Congo correrá o risco da guerra civil e da anarquia e terá as portas abertas à penetração comunista. A política norte-americana consiste em ajudar o povo congolês a resolver a crise atual e dar à ONU todo o nosso apoio para que ela possa cumprir a sua missão.

Participação do Exército no novo Governo impede solução na R. Dominicana

São Domingos, Washington, 8 (FP-UPUI-AP-JB) — Os entendimentos entre o Governo dominicano e a Oposição chegaram, aparentemente, a um impasse, pois surgiu uma divergência sobre o grau de participação que o Exército deverá ter no Governo de transição que dirigirá o país até as eleições gerais.

Enquanto a situação, por esse lado, se agravava, anunciou-se, em Washington, que os Estados Unidos retiraram a esquadra que estava diante da costa dominicana.

ADIAMENTO

Francisco José Oyarzun, diplomata chileno que orientava os entendimentos entre o Governo e os opositores, foi informado a nova situação, a qual surgiu a noite de ontem, quando se reuniu em Washington, para discutir a situação, o representante chileno, o qual chegou ao Rio de Janeiro, ontem, para discutir a situação com o Secretário de Estado.

Hoje, Pérez Negri, o qual chegou ao Rio de Janeiro, anunciou estar investido de uma "missão especial" de seu Governo, sem poder apresentar pareceres.

Hoje, Pérez Negri manteve entretanto uma reunião com o Embaixador de Chile, o qual chegou ao Rio de Janeiro, ontem, para discutir a situação com o Secretário de Estado.

A medida foi tomada a despeito das recentes denúncias soviéticas de supostas atividades agressivas da OTAN, sobretudo na Alemanha Ocidental, Escandinávia e zona do Mar Báltico.

CHEFES

Em comunicado expedido pelo Comandante Supremo, General Lauris Norstad, revelou-se que o novo Comando foi criado "de conformidade com a política e direção das devidas autoridades do OTAN".

Norstad nomeou chefe do Báltico o Tenente-General da Força Aérea dinamarquesa, Tage Andersen, e Subcomandante o Major-General Peter von der Groeben, da Alemanha Ocidental.

Andersen foi, nos últimos dois anos e meio, Comandante das Forças Aéreas aliadas na Europa Setentrional. Von der Groeben era Comandante da Sexta Divisão Blindada. Ambos foram propostos para os novos cargos pela Dinamarca e pela Alemanha Ocidental, a pedido de Norstad.

APUPOS

Hoje, grande massa popular apitou o Presidente Balaguer por ter rejeitado o plano da Oposição para formar um Governo interino no país, enquanto se processa sua democratização. A rejeição, segundo se recorda, ocorreu às últimas horas de ontem, quando se reuniu o Conselho de Estado e o União Civil Radical abandonaria os entendimentos, os opositores continuaram a discutir com o Governo, ainda com base na proposta de Balaguer de ontem, de um acordo de solução apresentada, Balaguer deveria renunciar antes de 31 de dezembro.

Logo depois de rejeitada a proposta da Oposição, o Governo apresentou, por sua vez, uma fórmula que foi imediatamente rejeitada por Balaguer, o qual anunciou definitivamente os debates. Ante esta situação, os embaixadores de Balaguer e de Rusk apresentaram imediatamente a proposta, Feliberto Díaz, conselheiro presidencial que pôs de lado a proposta de Balaguer, apresentou, sem delongas, outra fórmula. Os opositores afirmaram porém que a nova modalidade fora preparada pelo próprio Balaguer e que também não era aceitável. O fato parece demonstrar que os meios governamentais estão dispostos a aceitar a forma de entrar em acordo com os opositores. Os elementos da velha guarda governamental, que ainda estão no Poder, se mostram pouco favoráveis a ceder terreno ante os inimigos dos Trujillos. Entretanto, os moderados querem uma solução rápida, sob a orientação de Emilio Rodríguez Demorzi, Ministro da Educação, que teria apresentado uma fórmula aceitável, com pequenas modificações, pelos opositores. Tudo indica, porém, que a proposta apresentada pelo Governo não foi a apresentada por Rodríguez Demorzi.

De acordo com rumores insistentes, o Governo estaria decidido a emergitar a força para aceitar uma greve geral. Por outro lado, os opositores, temerosos de um rompimento final com o Governo, estavam propensos a pedir o fim da greve, iniciada com o seu apoio.

Desmentida reunião de Presidentes

Bogotá, 8 (UPI) — Fontes oficiais indicaram que não há planos concretos para uma entrevista imediata dos Presidentes da Colômbia, Alberto Lleras Camargos, e Venezuela, Rómulo Betancourt, na nova ponte internacional sobre a fronteira dos dois países.

Em Caracas, fontes oficiais haviam indicado que os dois mandatários conferenciariam no dia 29 de dezembro, para inaugurar a nova ponte internacional construída pelos dois governos.

BATALHA DE CATANGA



Membrs da Cruz Vermelha belga transportam o corpo de um catangues morto em ação (Radiofoto da AP, especial para o JORNAL DO BRASIL)

Nehru recusa ultimato à Portugal

Nová Délí, Lisboa, 8 (UPI-UPUI-JB) — Discordando da opinião de vários elementos da Assembléia Nacional, o Premier Nehru manifestou-se contrário ao envio de um ultimato a Portugal exigindo o abandono do território de Goa, sob a alegação de que isso fecharia totalmente as portas a qualquer negociação.

Em Lisboa, entretanto, a reação foi diferente, pois o Capitão Carvalho Figueira, chefe do Gabinete do Governador-Geral português na Índia, anunciou ao Diário Popular que o espaço aéreo luso foi violado pelos indus, os quais concentraram muitas tropas na fronteira norte de Goa. "Todavia estamos dispostos a defender nosso território", disse.

OTAN cria comando no Báltico

Paris, 8 (UPI-JB) — Como parte do Comando da OTAN para o Norte da Europa, criou-se o Comando Aliado dos Acessos ao Báltico — BALTOP — consistirá em um comando central e três comandos de terra aliados em Schleswig-Holstein e Jutlândia (Lândia); 2 — Forças navais aliadas para os acessos ao Báltico (Navalbatop); 3 — Forças aéreas aliadas para os acessos ao Báltico (Airbatop).

A medida foi tomada a despeito das recentes denúncias soviéticas de supostas atividades agressivas da OTAN, sobretudo na Alemanha Ocidental, Escandinávia e zona do Mar Báltico.

Comunistas pressionam em Berlim

Berlim, 8 (UPI-JB) — Os comunistas deram hoje novo passo para intensificar o controle do tráfico aliado para o setor oriental de Berlim, ordenando a instalação de barreiras móveis nos sete pontos que ainda estavam abertos ao tráfego entre as duas zonas da antiga Capital alemã. A medida impedia que os veículos aliados passassem sem parar no cruzamento da Praça Friedrich, que era o único por onde os veículos aliados ainda podiam circular à vontade.

De Roma, informou-se que se desenvolveram dentro do maior sigilo as negociações franco-italianas, com vistas à preparação de um tratado dos problemas que existem entre os dois países, incluindo o relativo à Bretia. Dependentes de ambos os países se reuniram, ontem, nos Embaixados da Tunísia e da França, negociando, em seguida, a formulação de declarações. Limitaram-se a comentar que não temature fazê-las neste momento.

Aprovado o orçamento soviético

Moscou, 8 (UPI — JB) — O Soviete Supremo aprovou, hoje, o maior orçamento da União Soviética em tempos de paz: 80 bilhões de rublos novos que equivalem, em dólares, a 88 bilhões.

A verba para a defesa, também a maior, se eleva a 13 bilhões e 400 milhões de rublos (cerca de 15 bilhões de dólares), enquanto o plano econômico para 1962 compreende um aumento de 26 bilhões de rublos, no total bruto sobre 1961.

PROJETO

Quando teve sua aprovação com pequenas emendas de pouca importância, após um discurso do Ministro da Fazenda, Vasil Gabuzov, que fez um retrospecto dos três dias de debates que antecederam a decisão sobre o orçamento.

Este calcula a receita em 81 918 641 000 rublos (quase 91 bilhões de dólares) e as despesas em 89 369 904 000 rublos, ou sejam, cerca de 89 bilhões de dólares.

Quando ao plano econômico, entre outras coisas inclui a produção de 76 900 000 toneladas de aço, um aumento de 30% na produção da indústria leve, e amplias verbas para a construção de casas, para os estudos científicos e serviços sociais.

De Gaulle ataca a direita

Paris, 8 (UPI-PP-JB) — Por disposição adotada na reunião do Gabinete de quarta-feira passada, o Governo francês anunciou, hoje, a dissolução da Organização do Exército secreto (OES), proibindo oficialmente suas atividades, em medida destinada a levar, ante a Justiça, os extremistas terroristas.

Milhares de policiais, em toda a França, iniciaram uma série de batidas para prender os elementos ativos e simpatizantes da organização. É possível que, ao fim de alguns dias, seja divulgada uma longa lista de detidos.

As atividades da OES, que recrudesceram nestes últimos tempos, provocaram diversas reações, a última das quais é a distribuição, nesta Capital, e o envio a deputados, senadores, conselheiros municipais, advogados, indústrias, médicos, que mostraram alguma simpatia pela OES, de um volante assinado pelo Comitê de Defesa da República.

O Comitê explica que está reunindo "homens sérios, provados pela resistência, pela França Livre, na Indochina e na Argélia". O volante acrescenta: "A OES preparará com eles no caminho. E não unidos, organizados, armados. Os comunistas da OES conhecem a lei da guerra clandestina e serão implacáveis."

O volante termina com um "Viva De Gaulle, viva a República, viva a França", depois de observar que "esta é uma advertência" e que "devolveremos o golpe por golpe".

De Roma, informou-se que se desenvolveram dentro do maior sigilo as negociações franco-italianas, com vistas à preparação de um tratado dos problemas que existem entre os dois países, incluindo o relativo à Bretia. Dependentes de ambos os países se reuniram, ontem, nos Embaixados da Tunísia e da França, negociando, em seguida, a formulação de declarações. Limitaram-se a comentar que não temature fazê-las neste momento.

Fogo no hospital

Hartford, Connecticut, 8 (AP) — De 12 a 20 pessoas morreram esta tarde em um incêndio que destruiu parte dos últimos andares do Hospital Hartford.

Líderes de partidos decidem aprovar Reforma Tributária

UM LONGO PROGRAMA



O Presidente da República, ao lado do Padre Alexandre Lingua, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Engenho Novo, assistiu a um programa de solenidades que incluiu recitativos e discursos

Presidente e ministros ouvem apêlo de Padre contra a demagogia

Homenagem a Nossa Senhora da Conceição reuniu ontem, à tarde, na Igreja do Engenho Novo, onde se constrói o Lar do Cristo Trabalhador, o Presidente João Goulart, os Ministros Clóvis Travassos e Alfredo Nasser, dezenas de oficiais superiores do Exército, Marinha e Aeronáutica e os paroquianos do Padre Alexandre Lingua, que pediu ao Presidente da República "reformas objetivas e nada de demagogia".

Durante a visita que fez às obras sociais do Lar do Cristo Trabalhador, que está sendo construído ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, o Presidente João Goulart — que por várias vezes referiu-se ao Padre Alexandre qualificando-o de seu amigo — assinou decreto considerando-as de utilidade pública e merecedoras de ajuda do Governo.

UMA AVE-MARIA

Uma Ave-Maria, rezada por todos os presentes, e o Hino Nacional encerraram a festa de Nossa Senhora da Conceição, uma hora depois da chegada do Presidente João Goulart, acompanhado da Sr.ª Maria Teresa Goulart.

Recebido como amigo da paróquia, o Presidente da República, que há dois anos inaugurou ali a imagem do Cristo Trabalhador, percorreu as obras em andamento, e dirigiu-se aos presentes, em pequeno discurso de louvor à encíclica Mater et Magistra.

Nenhuma autoridade eclesiástica convidada compareceu à festa, nem o Governador da Guanabara, que, no entanto, ganhou uma faixa de homenagem dos moradores do Morro de São João. O Padre Alexandre Lingua, promotor da festa, procurou todos os jornalistas presentes para insistir no sentido puramente religioso da festa. — "É uma homenagem a Nossa Senhora da Conceição; nada mais", — afirmou.

CRIANÇAS PARTICIPAM

Várias menores abandonadas, recolhidas recentemente pelo Lar do Cristo Trabalhador, foram apresentadas à Sr.ª Maria

Teresa Goulart, que foi também homenageada com a recitação de uma poesia, pela neta Maria Luísa, vestida de branco, como a primeira dama.

Falou, ainda, durante a cerimônia, um menino morador do conjunto residencial do IAPI em Caxambu, Edison, para agradecer ao Presidente João Goulart a doação feita, quando era Ministro do Trabalho, de um terreno para uma capela de Nossa Senhora de Fátima. A capela, construída no conjunto residencial, foi também iniciativa do Padre Alexandre Lingua.

LOTT

O Padre Alexandre, expondo a situação de pobreza da classe trabalhadora no Brasil, afirmou que "o mundo do trabalho precisa de solução urgente", implorando a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da igreja, que desse ao Presidente da República "força e energia para realizar a tarefa dentro da doutrina da Igreja". O Presidente respondeu, afirmando que, "aqui no Brasil, lutamos pelos mesmos princípios expressos na Mater et Magistra".

O Marechal Teixeira Lott foi representado por seu filho, Major Duffles.

Diretor-Geral da UNESCO vai discutir em Brasília como colaborar com Brasil

O Diretor-Geral da Organização de Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas (UNESCO), Sr. René Maheu, informou, ontem, em entrevista coletiva, que vai avistar-se com o Ministro da Educação, em Brasília, hoje, para discutir a forma como a entidade poderá colaborar com o Brasil, principalmente no campo da educação técnica.

Segundo o Sr. René Maheu — que assumiu o cargo em novembro e escolheu a América Latina para a sua primeira viagem oficial —, o Brasil necessita não só de educação técnica, nos diferentes níveis, mas também do desenvolvimento sistemático de pesquisas científicas, para que possa explorar seus recursos naturais, e da intensificação das pesquisas de base já existentes.

MOMENTO IMPORTANTE

Disse o Diretor-Geral da UNESCO que considera que o momento atual é de extrema importância para a ação da UNESCO na América Latina, porque o Continente precisa fazer esforços no campo da educação e das ciências, tendo em conta que sua expansão demográfica — a mais alta do mundo — começa a ultrapassar, de forma grave, os índices de expansão econômica e de crescimento da renda nacional.

Acentuando a necessidade de um intenso programa econômico e social no Continente, disse que a América Latina tem capacidade para fazê-lo, diante da tomada de consciência dessas necessidades por parte de seu povo e da ajuda que outros países estão dispostos a oferecer, por compreenderem essas necessidades. Lembrou, a propósito, a importância atribuída ao problema da educação na Conferência Econômica de Punta del Este.

Informou o Sr. René Maheu que, antes de vir ao Brasil, partici-

pou, em Buenos Aires, de uma reunião com as Comissões Nacionais da UNESCO na América Latina, na qual se estabeleceu o programa da entidade para o Continente, levando-se em conta as necessidades de cada país.

PROGRAMA AMPLIO

Observou ainda que o Brasil, por sua extensão e dinamismo, exige um programa de aspectos amplos, admitindo que a UNESCO já mantém no Nordeste quatro técnicos em geologia e hidrologia, trabalhando em estreita colaboração com a Sudene, e poderá ampliar sua ajuda neste campo, se o Governo o solicitar.

Ao concluir, salientou que o Brasil, além de receber ajuda, pode também colaborar na assistência a outros países, principalmente no campo da arquitetura. Essa ajuda poderia beneficiar não só outros países da América-Latina, mas também da Europa, da África e da Ásia, entre os quais destacou o Senegal e a Índia.

Brasília (Sucursal) — Os líderes de todos os partidos na Câmara dos Deputados decidiram intensificar as articulações para a aprovação da Reforma Tributária, tomando como ponto de partida o projeto oriundo do Governo, com as alterações que a Comissão Especial julgar conveniente introduzir, baseadas nas emendas que forem apresentadas à proposição.

TUBARÕES

O Primeiro-Ministro Tancredo Neves afirmou que a contribuição do PTB representava grande serviço ao País, uma vez que a posição fixada pelo partido é que possibilitou a aglutinação de todas as forças políticas para a análise objetiva da Reforma Tributária. Referindo-se à mudança de posição de alguns parlamentares, agora inclinados a aprovar o projeto do Governo, disse o Sr. Tancredo Neves:

— O tubarão acabou de sair daqui, e ele, que lutava pela aprovação do Ato Adicional, pura e simplesmente, agora proclama a aceitação do projeto do Governo, no recuo de ver aprovado o substitutivo do PTB.

O Primeiro-Ministro afirmou ser correta a posição do PTB, que se fixou em torno do substitutivo Bocaliava Cunha, na parte relativa ao Imposto de Renda, propondo-se a discutir os demais capítulos do projeto, excluindo qualquer aumento de imposto indireto que venha a agravar o custo de vida.

COMISSÃO ESPECIAL

Encerrada a discussão do projeto, a Comissão Especial, incumbida de examiná-lo, procederá ao exame das emendas oferecidas pelo plenário. O Primeiro-Ministro e os líderes deverão comparecer à Comissão talvez amanhã, quando se espera que os trabalhos estejam adiantados. Dessa reunião, participaram também os líderes dos partidos no Senado.

Do encontro com o Primeiro-Ministro no IPê, participaram ainda os Srs. Leite Neto, Presidente da Comissão Especial; Bocaliava Cunha e o Senador Vitorino Freire.

Morreu Luís Edmundo

Aos 83 anos de idade, morreu ontem, às 16 horas, o historiador e memorialista Luís Edmundo de Moraes, após 60 anos de estrear na literatura, como poeta e seus primeiros textos foram publicados no JORNAL DO BRASIL, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, no ano de 1944, para ocupar a Cadeira 33, cujo patrono é Raul Pompeia.

O Sr. Luís Edmundo, que sucedeu na ABL, a Fernando de Magalhães, tornou-se conhecido pelas suas recordações do Rio Antigo, do tempo das Vice-Reis e pela memorialização do Rio de seu tempo de mocidade. O corpo do acadêmico Luís Edmundo está sendo velado desde às 22 horas de ontem, em câmara ardente, devendo ser sepultado hoje, às 16 horas, no Cemitério de São João Batista. Luís Edmundo era caríaco e deixou suas Memórias como último volume de sua obra.

Tancredo interpelado por deputado

Brasília (Sucursal) — O Primeiro-Ministro Tancredo Neves foi interpelado, ontem, através de Mesa da Câmara Federal, pelo Deputado Vilmar Guimarães, sobre a não observância, no momento do Conselho da Novação, do Artigo 12, § 6, da Lei 2874, que determina que um terço dos membros do Conselho seja escolhido, em lista tríplice, pelo Diretório Nacional do maior partido que integrar a corrente oposicionista no Congresso.

O Deputado Vilmar informou ao Primeiro-Ministro, ao interpellá-lo, que o PSB e o PST estão vigilantes na fiscalização dos atos do Gabinete. Considerando ilegal a nomeação do Conselho da Novação, o Deputado Vilmar diz estranhar que ele tenha sido formado, em sua maioria, por elementos do PTB.

Catete diz que janismo vai bem

Brasília (Sucursal) — O ex-Ministro Catete Filho chegou ontem a Brasília para tratar de alguns problemas particulares. Informou que o Diretório Nacional do PTB do Paraná foi eleito ontem à noite, sendo ele presidente, tendo como Vice o Deputado Pedro Carneiro e como Secretário-Geral o Sr. Icar Silva.

O Sr. Catete Filho declarou ainda que a situação do janismo no Paraná é a melhor possível, "assim como no resto do País", concluiu.

Registro do PTB espera documentação

Brasília (Sucursal) — Somente na próxima semana o Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal poderá apreciar o pedido de registro provisório do Partido Trabalhista Brasileiro, uma vez que o requerimento não tinha todos os documentos exigidos.

Liberada verba para Energia

Brasília (Sucursal) — O Ministro da Fazenda liberou a verba de Cr\$ 18 milhões e 700 mil, destinada ao Ministério das Minas e Energia.

COISAS DA POLÍTICA

Lott, apreensivo com situação, recusa cadeira de senador oferecida pelo PTB

O Marechal Henrique Lott, procurado por emissários tanto do PSD como do PTB, recusou convites para disputar uma cadeira de senador ou deputado federal nas eleições de 1962. Segundo uma das pessoas que estiveram com ele em Teresópolis, para isto, nos últimos dias, sua atitude de resistência à disputa eleitoral não significava, pelo que disse ele próprio, desencanto ou desinteresse pela vida política. Ao contrário, o ex-Ministro da Guerra deu sinais abundantes de estar acompanhando atentamente a evolução da experiência parlamentarista, em cujos resultados finais continua a não acreditar.

Além de demonstrar um conhecimento minucioso dos fatos políticos, o Marechal Lott revelou-se grandemente apreensivo com a situação geral, preocupado sobretudo com notícias que lhe chegam de um afrouxamento dos freios morais aplicados a certos setores da administração, ao menos para efeito externo, pelo ex-Presidente Jânio Quadros. Comentando um dos fatos que nesse particular lhe foi comunicado, teria ele feito a seguinte observação: "As vezes se torna duro lutar pela legalidade no Brasil".

Esta observação, tomada no contexto da conversa, não significa, entretanto, que o Marechal Henrique Lott haja recuado da posição que tomou em agosto, quando desencadeou com seu famoso manifesto o movimento militar em favor da posse do Sr. João Goulart. As palavras do ex-Ministro da Guerra revelam a preocupação de quem se julga responsável, até certo limite, pela atual situação do País e deseja continuar a participar da responsabilidade geral pelos rumos que possam ser imprimidos aos fatos no futuro próximo. O Marechal Lott, ao recusar o convite para disputar uma cadeira de senador ou deputado, disse apenas que não desejava em qualquer hipótese partidária, muito menos seletarizar, a sua existência política. Transferido para a Reserva, não deixou de ser procurado por companheiros da ativa, que querem a todo passo ouvir a sua palavra. Sem pretender fazer vida política, no sentido da militância ou do profissionalismo, deseja corresponder à parte que lhe toca na responsabilidade pela paz interna, em grande parte confiada ao Exército, do qual não se desvinculou, apesar de formalmente afastado.

O Marechal Lott mostra-se apreensivo também diante do volume a que vão atingindo os movimentos grevistas no País, enquanto a autoridade, segundo ele diz, "como que se demite" ou contribui para avolumar-se a onda de inquietação social.

Denis conversa

O estado de espírito revelado pelo Marechal Lott coincide com o do Marechal Odílio Denis, que nestes últimos dias intensificou os contatos que vinha promovendo, desde a posse do Sr. João Goulart, entre os chefes militares vencidos em setembro.

É evidente que os dois ex-Ministros da Guerra, vindo a situação de ânimo semelhante, não buscam o mesmo objetivo. O Marechal Denis continua a sustentar a tese defendida por ele em agosto para tentar impedir a investidura do Sr. João Goulart na Presidência da República. Procurado já agora por civis que mantêm a mesma desconfiança diante da ação política do Sr. João Goulart, o ex-Ministro da Guerra do Sr. Jânio Quadros declara-se convencido de que daqui a algum tempo (ele fixa esse tempo, às vezes, em um ano) todos terão verificado que ele tinha razão. A maioria do Exército chegaria, fatalmente, segundo ele, a essa conclusão, e "agiria em consequência".

Nas conversas frequentes promovidas pelo Marechal Denis, em sua casa, com a participação de outros oficiais-generais, da reserva e da ativa, o Sr. João Goulart é acusado de pretender mudar o regime para adotar a "República Sindicalista" de que se falou há alguns anos, quando o atual Presidente era Ministro do Trabalho do Governo Vargas.

Não haverá manifesto

Nas primeiras dessas conversas, surgiu a ideia de um manifesto de oficiais superiores, principalmente generais, que seria divulgado com as apreensões mantidas pelos mesmos grupos que tentaram impedir a posse do Sr. João Goulart em agosto.

Medidas preventivas que se impõem

Há dias, em bem feito e oportuno tópico, um matutino comentava a situação em que se encontra o Aeroporto do Galeão, principalmente no que se relaciona com o sistema de iluminação da pista central de aterrissagem.

Argumenta, então, o comentarista: "O Aeroporto do Galeão não dispõe sequer de geradores sobressalentes e quando, por qualquer motivo, ocorre um defeito no sistema de iluminação de sua pista principal, as partidas são sumariamente canceladas e os pousos transferidos para Campinas, em São Paulo. Isso se tem registrado várias vezes nas últimas semanas e nunca é encontrada, na hora, uma autoridade capaz de solucionar pequenos problemas que geram aborrecimentos e comprometem o bom conceito que o Brasil desfruta no estrangeiro, pelo volume de passageiros de diversas origens que são obrigados a descer no Galeão."

O problema da iluminação das pistas do Galeão não é, portanto, dos nossos dias. Vem de longa data os protestos, quando, por circunstâncias imprevisíveis, o fornecimento de energia elétrica sofre a menor interrupção e o movimento dos aviões, que na aterrissagem, quer na decolagem, oferece perigo de graves acidentes.

Mas, não é somente o problema da iluminação das pistas do Galeão que está a merecer os cuidados dos responsáveis pela segurança do público em edifícios que atendem a serviços de interesse da população. Destaqueamos, dentre esses, os hospitais, sujeitos, como quaisquer outros, às eventuais interrupções no seu sistema de iluminação.

É certo que há uma lei que pretende regular essa matéria. É a de número 6.000, de 1.º de julho de 1937, referendada pelo então Intendente do Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara, e que estabelece em seu artigo 425 — Seção VI "Condições Hospitalares" — letra "F", o seguinte:

"Deverão ser servidas por instalação de emergência, de funcionamento automático, que suprirá as falhas eventuais de corrente elétrica para iluminação."

Essa lei, em sua essência, é boa, mas somente como grilo de alerta, pois não especifica o que é, afinal — "instalação de emergência".

O que se faz necessário, rio, imprescindível — não será demais repetir — para suprir eventuais deficiências no fornecimento de energia elétrica, não somente nos hospitais mas em todos os estabelecimentos ligados direta ou indiretamente ao interesse público, é a instalação de geradores em todos eles, com a garantia de pleno funcionamento nos casos de emergência.

Não se pode ignorar que as condições climáticas do Rio, em determinadas épocas do ano, produzem temporais violentos, fortes rajadas de vento, imprevisíveis e inevitáveis, prejudicando as redes de distribuição de energia elétrica e, conseqüentemente, os consumidores de luz e de força.

A instalação de geradores nos hospitais e nas instituições que servem ao público é a solução rápida e eficiente em tais conjunturas.

Mariani diz que emendas à Sudene abalaram crédito brasileiro no exterior

Sabador (Correspondente) — O ex-Ministro da Fazenda, Sr. Clemente Mariani, declarou que as emendas do Senado ao Plano Diretor da Sudene determinaram o enfraquecimento da confiança dos órgãos internacionais de crédito, em virtude das alterações feitas ao trabalho do Sr. Celso Furtado, que sempre elogiaram.

Informou o Sr. Clemente Mariani que, além dos US\$ 10 milhões concedidos pelo Banco Interamericano do Desenvolvimento para a Sudene cumprir o seu programa, o Governo dos Estados Unidos se preparava para ajudar o Nordeste com um empréstimo de US\$ 40 milhões, havendo ainda — frisou — perspectivas de a Alemanha conceder US\$ 50 milhões a Sudene.

PRELIMINARES

Os estudos preliminares da Conferência da Associação Latino-Americana de Livre Comércio, em Montevideu, asseguraram à Sudene uma cota vultosa da Aliança para o Progresso — disse o Sr. Clemente Mariani, revelando estar informado, seguramente, de que os centros internacionais de crédito se mantêm em expectativa, em relação ao Brasil, contendo vários investimentos de natureza pública e privada.

O Sr. Clemente Mariani culpou a falta de controle do Governo e a decisão da Câmara Federal sobre o novo tratamento do capital estrangeiro, classificando-as como atitudes que contradizem a promessa do Gabinete de cumprir o programa do Governo do Sr. Jânio Quadros, inquietando os investidores e criando uma situação de alarme nos órgãos internacionais de crédito.

— A instabilidade política, a descontinuidade de programas e a confusão financeira são servem para prejudicar o prestígio do Brasil — disse o Sr. Clemente Mariani.

Mariani diz que emendas à Sudene abalaram crédito brasileiro no exterior

Sabador (Correspondente) — O ex-Ministro da Fazenda, Sr. Clemente Mariani, declarou que as emendas do Senado ao Plano Diretor da Sudene determinaram o enfraquecimento da confiança dos órgãos internacionais de crédito, em virtude das alterações feitas ao trabalho do Sr. Celso Furtado, que sempre elogiaram.

Informou o Sr. Clemente Mariani que, além dos US\$ 10 milhões concedidos pelo Banco Interamericano do Desenvolvimento para a Sudene cumprir o seu programa, o Governo dos Estados Unidos se preparava para ajudar o Nordeste com um empréstimo de US\$ 40 milhões, havendo ainda — frisou — perspectivas de a Alemanha conceder US\$ 50 milhões a Sudene.

PRELIMINARES

Os estudos preliminares da Conferência da Associação Latino-Americana de Livre Comércio, em Montevideu, asseguraram à Sudene uma cota vultosa da Aliança para o Progresso — disse o Sr. Clemente Mariani, revelando estar informado, seguramente, de que os centros internacionais de crédito se mantêm em expectativa, em relação ao Brasil, contendo vários investimentos de natureza pública e privada.

O Sr. Clemente Mariani culpou a falta de controle do Governo e a decisão da Câmara Federal sobre o novo tratamento do capital estrangeiro, classificando-as como atitudes que contradizem a promessa do Gabinete de cumprir o programa do Governo do Sr. Jânio Quadros, inquietando os investidores e criando uma situação de alarme nos órgãos internacionais de crédito.

— A instabilidade política, a descontinuidade de programas e a confusão financeira são servem para prejudicar o prestígio do Brasil — disse o Sr. Clemente Mariani.

Medidas preventivas que se impõem

Há dias, em bem feito e oportuno tópico, um matutino comentava a situação em que se encontra o Aeroporto do Galeão, principalmente no que se relaciona com o sistema de iluminação da pista central de aterrissagem.

Argumenta, então, o comentarista: "O Aeroporto do Galeão não dispõe sequer de geradores sobressalentes e quando, por qualquer motivo, ocorre um defeito no sistema de iluminação de sua pista principal, as partidas são sumariamente canceladas e os pousos transferidos para Campinas, em São Paulo. Isso se tem registrado várias vezes nas últimas semanas e nunca é encontrada, na hora, uma autoridade capaz de solucionar pequenos problemas que geram aborrecimentos e comprometem o bom conceito que o Brasil desfruta no estrangeiro, pelo volume de passageiros de diversas origens que são obrigados a descer no Galeão."

PRELIMINARES

O problema da iluminação das pistas do Galeão não é, portanto, dos nossos dias. Vem de longa data os protestos, quando, por circunstâncias imprevisíveis, o fornecimento de energia elétrica sofre a menor interrupção e o movimento dos aviões, que na aterrissagem, quer na decolagem, oferece perigo de graves acidentes.

Mas, não é somente o problema da iluminação das pistas do Galeão que está a merecer os cuidados dos responsáveis pela segurança do público em edifícios que atendem a serviços de interesse da população. Destaqueamos, dentre esses, os hospitais, sujeitos, como quaisquer outros, às eventuais interrupções no seu sistema de iluminação.

É certo que há uma lei que pretende regular essa matéria. É a de número 6.000, de 1.º de julho de 1937, referendada pelo então Intendente do Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara, e que estabelece em seu artigo 425 — Seção VI "Condições Hospitalares" — letra "F", o seguinte:

"Deverão ser servidas por instalação de emergência, de funcionamento automático, que suprirá as falhas eventuais de corrente elétrica para iluminação."

Essa lei, em sua essência, é boa, mas somente como grilo de alerta, pois não especifica o que é, afinal — "instalação de emergência".

O que se faz necessário, rio, imprescindível — não será demais repetir — para suprir eventuais deficiências no fornecimento de energia elétrica, não somente nos hospitais mas em todos os estabelecimentos ligados direta ou indiretamente ao interesse público, é a instalação de geradores em todos eles, com a garantia de pleno funcionamento nos casos de emergência.

Não se pode ignorar que as condições climáticas do Rio, em determinadas épocas do ano, produzem temporais violentos, fortes rajadas de vento, imprevisíveis e inevitáveis, prejudicando as redes de distribuição de energia elétrica e, conseqüentemente, os consumidores de luz e de força.

A instalação de geradores nos hospitais e nas instituições que servem ao público é a solução rápida e eficiente em tais conjunturas.

Como o aeroporto do Galeão, os hospitais são, também, de vital interesse para a população permanente e em trânsito. Daí a necessidade premente de que sejam providas as suas instalações de geradores capazes de garantir a segurança dos vivos, no caso do aeroporto do Galeão e da vida humana nos hospitais.

Medidas preventivas que se impõem

Há dias, em bem feito e oportuno tópico, um matutino comentava a situação em que se encontra o Aeroporto do Galeão, principalmente no que se relaciona com o sistema de iluminação da pista central de aterrissagem.

Argumenta, então, o comentarista: "O Aeroporto do Galeão não dispõe sequer de geradores sobressalentes e quando, por qualquer motivo, ocorre um defeito no sistema de iluminação de sua pista principal, as partidas são sumariamente canceladas e os pousos transferidos para Campinas, em São Paulo. Isso se tem registrado várias vezes nas últimas semanas e nunca é encontrada, na hora, uma autoridade capaz de solucionar pequenos problemas que geram aborrecimentos e comprometem o bom conceito que o Brasil desfruta no estrangeiro, pelo volume de passageiros de diversas origens que são obrigados a descer no Galeão."

PRELIMINARES

O problema da iluminação das pistas do Galeão não é, portanto, dos nossos dias. Vem de longa data os protestos, quando, por circunstâncias imprevisíveis, o fornecimento de energia elétrica sofre a menor interrupção e o movimento dos aviões, que na aterrissagem, quer na decolagem, oferece perigo de graves acidentes.

Mas, não é somente o problema da iluminação das pistas do Galeão que está a merecer os cuidados dos responsáveis pela segurança do público em edifícios que atendem a serviços de interesse da população. Destaqueamos, dentre esses, os hospitais, sujeitos, como quaisquer outros, às eventuais interrupções no seu sistema de iluminação.

É certo que há uma lei que pretende regular essa matéria. É a de número 6.000, de 1.º de julho de 1937, referendada pelo então Intendente do Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara, e que estabelece em seu artigo 425 — Seção VI "Condições Hospitalares" — letra "F", o seguinte:

"Deverão ser servidas por instalação de emergência, de funcionamento automático, que suprirá as falhas eventuais de corrente elétrica para iluminação."

Essa lei, em sua essência, é boa, mas somente como grilo de alerta, pois não especifica o que é, afinal — "instalação de emergência".

O que se faz necessário, rio, imprescindível — não será demais repetir — para suprir eventuais deficiências no fornecimento de energia elétrica, não somente nos hospitais mas em todos os estabelecimentos ligados direta ou indiretamente ao interesse público, é a instalação de geradores em todos eles, com a garantia de pleno funcionamento nos casos de emergência.

Não se pode ignorar que as condições climáticas do Rio, em determinadas épocas do ano, produzem temporais violentos, fortes rajadas de vento, imprevisíveis e inevitáveis, prejudicando as redes de distribuição de energia elétrica e, conseqüentemente, os consumidores de luz e de força.

A instalação de geradores nos hospitais e nas instituições que servem ao público é a solução rápida e eficiente em tais conjunturas.

Como o aeroporto do Galeão, os hospitais são, também, de vital interesse para a população permanente e em trânsito. Daí a necessidade premente de que sejam providas as suas instalações de geradores capazes de garantir a segurança dos vivos, no caso do aeroporto do Galeão e da vida humana nos hospitais.

Medidas preventivas que se impõem

Há dias, em bem feito e oportuno tópico, um matutino comentava a situação em que se encontra o Aeroporto do Galeão, principalmente no que se relaciona com o sistema de iluminação da pista central de aterrissagem.

Argumenta, então, o comentarista: "O Aeroporto do Galeão não dispõe sequer de geradores sobressalentes e quando, por qualquer motivo, ocorre um defeito no sistema de iluminação de sua pista principal, as partidas são sumariamente canceladas e os pousos transferidos para Campinas, em São Paulo. Isso se tem registrado várias vezes nas últimas semanas e nunca é encontrada, na hora, uma autoridade capaz de solucionar pequenos problemas que geram aborrecimentos e comprometem o bom conceito que o Brasil desfruta no estrangeiro, pelo volume de passageiros de diversas origens que são obrigados a descer no Galeão."

PRELIMINARES

O problema da iluminação das pistas do Galeão não é, portanto, dos nossos dias. Vem de longa data os protestos, quando, por circunstâncias imprevisíveis, o fornecimento de energia elétrica sofre a menor interrupção e o movimento dos aviões, que na aterrissagem, quer na decolagem, oferece perigo de graves acidentes.

Mas, não é somente o problema da iluminação das pistas do Galeão que está a merecer os cuidados dos responsáveis pela segurança do público em edifícios que atendem a serviços de interesse da população. Destaqueamos, dentre esses, os hospitais, sujeitos, como quaisquer outros, às eventuais interrupções no seu sistema de iluminação.

É certo que há uma lei que pretende regular essa matéria. É a de número 6.000, de 1.º de julho de 1937, referendada pelo então Intendente do Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara, e que estabelece em seu artigo 425 — Seção VI "Condições Hospitalares" — letra "F", o seguinte:

"Deverão ser servidas por instalação de emergência, de funcionamento automático, que suprirá as falhas eventuais de corrente elétrica para iluminação."

Essa lei, em sua essência, é boa, mas somente como grilo de alerta, pois não especifica o que é, afinal — "instalação de emergência".

O que se faz necessário, rio, imprescindível — não será demais repetir — para suprir eventuais deficiências no fornecimento de energia elétrica, não somente nos hospitais mas em todos os estabelecimentos ligados direta ou indiretamente ao interesse público, é a instalação de geradores em todos eles, com a garantia de pleno funcionamento nos casos de emergência.

Não se pode ignorar que as condições climáticas do Rio, em determinadas épocas do ano, produzem temporais violentos, fortes rajadas de vento, imprevisíveis e inevitáveis, prejudicando as redes de distribuição de energia elétrica e, conseqüentemente, os consumidores de luz e de força.

A instalação de geradores nos hospitais e nas instituições que servem ao público é a solução rápida e eficiente em tais conjunturas.

Como o aeroporto do Galeão, os hospitais são, também, de vital interesse para a população permanente e em trânsito. Daí a necessidade premente de que sejam providas as suas instalações de geradores capazes de garantir a segurança dos vivos, no caso do aeroporto do Galeão e da vida humana nos hospitais.

RELÓGIOS CYMA

O RELÓGIO SUIÇO DE CLASSE EXCEPCIONAL. DE BELEZA E PERFEIÇÃO CONJUGADAS

Novo modelo extremamente elegante, para os homens mais exigentes.

...o Cyma possui CYMAFLEX

Representantes exclusivos

EMMANUEL BLOCH, JÓIAS S/A.

Rio de Janeiro - São Paulo - Porto Alegre

Custo de vida no Rio subiu em novembro 5,8 por cento, a maior ascensão desde 58

Em seu estudo mensal sobre problemas econômicos diversos, o Departamento Econômico da Federação das Indústrias do Estado da Guanabara e do Centro Industrial do Rio de Janeiro, tendo por base dados fornecidos pelo Serviço de Estatística e Economia, do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, informa que a expansão do índice do custo de vida, em novembro, alcançou mais 5,8%.

"Constituiu aquele incremento não só a mais expressiva variação mensal de 1961, mas, inclusive, veio superar todos os aumentos mensais já registrados desde 1958, se abstrairmos o ocorrido em fevereiro daquele ano, quando o índice do custo de vida variou em mais de 9,4%."

PRINCIPAIS CAUSAS

Adianta o estudo que, entre as causas primeiras que concorreram para a elevada expansão do índice em referência, mereceram destaque os reajustes nos preços de, praticamente, todas as utilidades, em consequência do novo salário mínimo decretado em outubro, assim como a redução das quantidades ofertadas de vários produtos agrícolas, em virtude de se encontrarem, presentemente, em períodos de entre-safra. A alimentação, em novembro, aumentou de 8,8% seguindo-se o agregado "Serviços Públicos", com 7,5%, em decorrência da majoração das tarifas do bonde, dos ônibus e dos telefones.

De janeiro a novembro, o índice do custo de vida atingiu, na Guanabara, a um in-

cremento de 38,5%, praticamente o dobro do que ocorreu em 1960, no mesmo período.

TÍTULOS PROTESTADOS E PALENCIAS

Sobre este item, o estudo do Departamento Econômico da FIEGA-CIRJ revela que, em novembro, foram levados a protesto, no Estado da Guanabara, 1.600 títulos, com o valor global de, aproximadamente, 96 milhões de cruzeiros, com os títulos de grande porte alcançando 46 milhões.

Foram requeridas, em novembro, aqui no Rio, 21 falências e deferidas 3 concordatas, conforme dados de "Conjuntura Econômica". Neste mês de 1961, as falências requeridas na Guanabara somam 214, com 59 concordatas deferidas.

INVESTIMENTOS DIRETOS

Outra informação do Departamento Econômico da FIEGA-CIRJ, em sua análise econômica mensal, é a de que, segundo a CACEX, no decorrer do mês de outubro não foram licenciados pedidos de investimentos estrangeiros, nos termos do Decreto n.º 42.820, em seu Capítulo IV (antiga Instrução 113 da SUMOC).

Problemas agrários do Paraná: solicitação ao BID de US\$ 20 milhões

Será da ordem de vinte milhões de dólares o financiamento a ser pleiteado pelo Governo do Paraná junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, por ocasião da visita que os dirigentes daquele organismo farão ao Brasil a fim de auscultar as nossas necessidades.

Com tal cifra, o Governador Nei Braga pretende solucionar os problemas da erosão no nordeste do Estado, promover a reconstrução de glebas e construir armazéns e silos. A solicitação ao BID será feita pela Fundação Paranaense de Colonização e Imigração.

EROSÃO

A adoção de medidas corretivas que evitem a erosão é uma das preocupações do Governo paranaense, visto que o fenômeno, no Paraná, atinge vinte e seis municípios, provocando "vigorosas" de até 20 metros de profundidade. A desmatamento indiscriminado e a prática de uma agricultura empírica são consideradas pelas autoridades que tem examinado aquela área como as causas do fenômeno.

RECOLONIZAÇÃO DE GLEBAS

Outra parte do auxílio a ser solicitado pelo Paraná ao BID destina-se a promover a reconstrução de glebas de terras consideradas improdutivas através do fornecimento de equipamento agrícola e ensino especializado nos campos de agricultura, aliado ao que preconiza o projeto encaminhado pelo Executivo da Assembleia Estadual, regulamentando o uso da terra, solucionar o problema agrário no Paraná.

ARMAZENS E SILOS

Os meios financeiros para a construção de armazéns e silos, finalmente, completam o ciclo de solicitações do Paraná, pois dispoem dos mesmos e solucionadas as questões do

campo, estará o Estado em condições de cumprir seu plano Alimentar para o Brasil, segundo o qual poderá abastecer todo o território nacional de gêneros alimentícios.

No dia 12 a instalação da II Reunião Plenária das Classes Produtoras

No dia 12, às 11 horas, na sede da Associação Comercial do Rio de Janeiro, será instalada, em solenidade presidida pelo Governador Carlos Lacerda, a II Reunião Plenária das Classes Produtoras, promovida pela Federação das Associações Comerciais do Brasil, por iniciativa do Sr. Rui Gomes de Almeida, e a qual comparecerão cerca de 500 delegações representantes de todos os pontos do País.

Os trabalhos do conclave, tanto os de plenário como os de comissões técnicas, se efetuarão nos dias 12, 13 e 14, na sede da ACRJ, pela manhã, a tarde e à noite. A cerimônia de encerramento terá lugar no mesmo local, no dia 14, às 18 horas, sob a presidência do Sr. Tancredo Neves, Chefe do Conselho de Ministros.

CONFERENCIA

Na instalação, após falarem os Srs. Carlos Lacerda e Rui Gomes de Almeida, o Deputado João Mendes, líder da Ação Democrática Parlamentar fará uma conferência focalizando a posição do Congresso Nacional em face da atual conjuntura política, econômica e social.

TEMARIO

E o seguinte o temário que orientará as atividades dos participantes da II Reunião Plenária das Classes Produtoras:

Redução nos preços do café tem reflexos no nível de vida dos países produtores

Gainesville, Flórida, 8 (UPI) — Apesar do extraordinário aumento da população e de outros obstáculos, é possível transformar rapidamente e modernizar a economia dos países da América Latina, segundo declarou hoje um especialista colombiano.

Andrés Uribe, representante nos Estados Unidos da Federação Nacional de Produtores de Café da Colômbia, disse, em conferência auspiciada pela Universidade da Flórida, que o intenso declínio que sofreu o preço do café, desde 1954, coincidiu com o dinâmico despertar da estática sociedade rural da maioria dos países da América Latina, bem como um aumento notável da população mundial.

SISTEMA MUDDO

Afirmou que o sistema de comunicações mudou para

sempre a característica da América Latina; existe mais gente e essa quer mais e espera receber mais".

"Estou assombrado com o impacto emocional causado na Colômbia em apenas 15 anos, pela evolução moderna".

O orador indicou que isso tem enorme importância para os Estados Unidos. O fato de que o preço do café colombiano vendido em Nova Iorque tenha declinado em 53 por cento desde 1954, ao passo que o preço de um automóvel norte-americano que é vendido em Bogotá tenha aumentado em 40 por cento — disse — é apenas um dos aspectos do problema que provocou a cessação em 1955, do aumento do nível de vida nos países produtores de café.

INVEJA

No Interim — frisou — os latino-americanos olham com inveja para o Norte e vêem que o povo dos Estados Unidos melhora seu nível de vida de ano para ano.

Vribe disse que para enfrentar o problema criado pelo aumento extraordinário da população, a América Latina necessita de um crescimento econômico anual de 2,5 por cento, bem como melhorar, simultaneamente, seu nível de vida a um grau mínimo aceitável. Isto exigirá um desenvolvimento econômico geral de quase seis por cento por ano.

O cronista colombiano acrescentou que para se alcançar tal objetivo por seus próprios meios, os países latino-americanos deverão voltar a aplicar, cada ano, em sua economia, de 20 a 25 por cento de seu já inadequado produto nacional bruto. Isto não poderá obter — disse — bem mediante a rígida disciplina e a repressão do comunismo.

Por conseguinte — concluiu — a única maneira de se encontrar solução para o problema é através do programa "Aliança Para o Progresso", do Presidente John F. Kennedy, e a melhor maneira de se alcançar os objetivos previstos por Kennedy, é fazer o possível para estabilizar e melhorar os preços das matérias-primas básicas e dos produtos agrícolas dos países latino-americanos, em particular do café.

Aprovadas conclusões do GT que estudou medidas para a defesa florestal

O Presidente do Conselho de Ministros aprovou as conclusões do Grupo de Trabalho instituído com o fim especial de propor medidas para a conveniente defesa florestal do País, com a proteção eficiente de nossas matas e com providências tendentes a induzir os Estados, municípios, entidades particulares e proprietários em geral à efetivação de uma vigorosa política de reflorestamento, além da campanha educativa a ser levada a efeito em todas as escolas primárias e de grau médio no País.

As conclusões consubstanciam a política do Governo quanto aos problemas de defesa de nossas florestas. O Serviço Florestal e o Conselho Florestal Federal estão incumbidos de implantar as recomendações do Grupo de Trabalho.

Segundo as sugestões aprovadas, competirá ao Governo Federal, através do Ministério da Agricultura, a preservação das florestas e reservas brasileiras existentes, e a regulamentação das concessões para exploração florestal em terras de domínio público. Outras conclusões se referem à formação de agrônomos silvicultores e práticos em florestas, pela Escola Nacional de Florestas; pesquisas florestais, através dos Institutos; formação de vilas capazes de atender às demandas que certamente surgirão com a organização de Companhias de reflorestamento.

Entrega de diplomas no Recife

Em cerimônia solene marcada para amanhã, às 16 horas, no Teatro Santa Isabel, no Recife, receberá o diploma da Faculdade de Odontologia da Universidade de Recife e Srta. Marlurdes Gomes de Menezes. Hoje, às 17 horas, haverá missa solene em Ação de Graças e Bênção dos Anéis, na Basílica N. S.ª do Carmo, celebrada por D. Carlos Coelho, Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife.

Amanhã, a partir das 22 horas, será realizado o baile de formatura da nova turma de 1961, no Clube Internacional do Recife, com orquestra e conjunto da Boate José Menezes.

LIIONS HOMENAGEIA MARINHA



A Marinha da Guerra do Brasil foi homenageada, no noite do dia 7 do corrente, pelo Lions Club de Botafogo, em jantar na Casa da Suíça. Na oportunidade, o Almirante Hélio Garnier Sampaio, Chefe-de-Esquadra, foi recebido como novo membro daquela Associação, sendo saudado pelo engenheiro Enaldo Circo Peixoto, Vice-Presidente do Lions, que aparece no flagrante acima.

QUISISANA HOTEL
Poços de Caldas
Balcário — Piscina — Sauna — Bote — Cinema — Tênis — Parques.
Diárias com refeições:
1 pessoa: Cr\$ 1.200,00
2 pessoas: Cr\$ 2.600,00

IMPERIAL HOTEL
Lambari
Balcário — Piscina — Sauna — Bote — Cinema — Tênis — Parques.
Diárias com refeições:
1 pessoa: Cr\$ 1.200,00
2 pessoas: Cr\$ 1.900,00
REABERTURA: 1.º DE JANEIRO

GRANDE HOTEL
Lambari
Diárias com refeições:
1 pessoa: Cr\$ 700,00
2 pessoas: Cr\$ 1.350,00
Reservas: Edifício REX — 5.º andar — sala 501 — Tel.: 22-8554.

Exija o melhor para o seu lar
Artigos domésticos

FLEXA Carioca

Bonitos - Duráveis - Econômicos

LLOYD BRASILEIRO
Patrimônio Nacional
Edital de Concorrência Pública N.º 14
Para Aquisição de Material em Geral

O Lloyd Brasileiro — Patrimônio Nacional, torna público, para conhecimento de todo e qualquer interessado inscrito no Autarquia, que adquirirá mediante concorrência pública, a reabrir-se no dia 15 do corrente, às 14 horas, com prazo de vigência previsto para o período de 20/12/1961 a 30/1/1962, cabos de aço, balança para caminhão, ferragens, solda e acessórios para máquinas solda, fazendas, material elétrico, material de expediente, tintas, madeiras, acessórios para motores marítimos etc., conforme editais publicados no Diário Oficial do Estado da Guanabara, edições dos dias 17, 20 e 21/11/1961 e 5, 6 e 7/12/1961. O edital em questão e as relações dos materiais que se pretende adquirir estão à disposição dos interessados no Serviço de Abastecimento (Rua do Rosário n.º 1 — 13.º andar). Esclareçamos que as propostas devem ser entregues até as 18 horas do dia 14/12/61.

(a) MARIO LOPES MACIEIRA — Chefe de Serviço de Abastecimento.

INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ

RESOLUÇÃO N.º 210.

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, na conformidade do que dispõe o Art. 2.º da Lei n.º 1.179, de 22/12/52, e o Art. 1.º da Resolução n.º 189, de 15/5/61, e tendo em vista o disposto no Art. 4.º da Resolução n.º 188, de 12/5/61 (Regulamento de Embarques da safra 1961/1962), RESOLVE:

Art. 1.º — Adquirir, a partir de 15 de janeiro próximo, nome de "SÉRIE DE MERCADO" o nome de "SÉRIE DE MERCADO" através do Banco do Brasil S/A, com opção por parte do vendedor, todos os cafés da Série de MERCADO, desde que devidamente registrados no Instituto Brasileiro do Café, nos termos do Art. 2.º da Resolução n.º 188, de 12/5/61, e bem assim, aqueles que venham a ser registrados.

CAFÉS DA "SÉRIE DE MERCADO"

Art. 2.º — As faturas dos cafés da "SÉRIE DE MERCADO" deverão ser apresentadas às Agências do Instituto Brasileiro do Café, situadas nos portos de exportação, dentro do seguinte critério:

a) — durante o período de 15 a 31/1/1962 as faturas que se referirem a cafés registrados durante os meses de julho e agosto de 1961;

b) — durante o período de 1.º a 15/2/1962, para os cafés registrados em setembro, outubro e novembro de 1961;

c) — durante o período de 1.º a 15/2/1962, para os cafés registrados em dezembro de 1961, janeiro e fevereiro de 1962;

d) — a partir do dia 16/2/1962 em diante, os interessados deverão manifestar o desejo de não vender os seus cafés por ocasião do registro de que trata o Art. 2.º da Resolução n.º 188, de 12/5/61.

Art. 3.º — Os preços para o faturamento serão os determinados no Art. 8.º da Resolução n.º 189, de 15/5/61, com o deságio de 10% previsto no citado artigo, observadas a classificação de tipo e bebida que houver alcançado o café constante dos Certificados de Classificação emitidos pelo Instituto Brasileiro do Café, com carta dirigida ao armazém geral autorizando-o a emitir Recibo de Depósito em nome do Instituto Brasileiro do Café quando da liquidação de faturas.

Art. 4.º — As faturas emitidas na conformidade do parágrafo anterior serão pagas pelo Banco do Brasil S/A contra a entrega dos documentos representativos do café faturado.

Art. 5.º — As despesas do armazenamento desses cafés correrão por conta dos interessados até 30 dias contados da data da apresentação da fatura correspondente à Agência do Instituto Brasileiro do Café.

CAFÉS DA "SÉRIE RETIDA" (Quota de Retenção Provisória com Reversão)

Art. 6.º — As faturas dos cafés da "SÉRIE RETIDA" (Quota de Retenção Provisória com Reversão) deverão ser apresentadas às Agências do Instituto Brasileiro do Café, situadas nos portos de exportação, dentro do seguinte critério:

a) — durante o período de 15 a 31/1/1962 as faturas que se referirem a cafés registrados durante os meses de julho e agosto de 1961;

b) — durante o período de 1.º a 15/2/1962, para os cafés registrados em setembro, outubro e novembro de 1961;

c) — durante o período de 1.º a 15/2/1962, para os cafés registrados em dezembro de 1961, janeiro e fevereiro de 1962;

d) — a partir do dia 16/2/1962 em diante, os interessados deverão manifestar o desejo de não vender os seus cafés por ocasião do registro de que trata o Art. 2.º da Resolução n.º 188, de 12/5/61.

Art. 7.º — Os preços para o faturamento serão os determinados no Art. 8.º da Resolução n.º 189, de 15/5/61, com o deságio de 10% previsto no citado artigo, observadas a classificação de tipo e bebida que houver alcançado o café constante dos Certificados de Classificação emitidos pelo Instituto Brasileiro do Café, com carta dirigida ao armazém geral autorizando-o a emitir Recibo de Depósito em nome do Instituto Brasileiro do Café quando da liquidação de faturas.

Art. 8.º — As faturas emitidas na conformidade do parágrafo anterior serão pagas pelo Banco do Brasil S/A contra a entrega dos documentos representativos do café faturado.

Art. 9.º — Quando as Cooperativas desejarem faturar os seus cafés, deverão, no momento de registro, apresentar ao Escritório Estadual de Registro de São Paulo, o "Termo de Depósito" observado o disposto no Art. 1.º do Regulamento de Embarques, emitido pelo Instituto Brasileiro do Café, e a declaração de que o café constante dos Certificados de Classificação emitidos pelo Instituto Brasileiro do Café, que se pretende adquirir estão à disposição dos interessados no Serviço de Abastecimento (Rua do Rosário n.º 1 — 13.º andar). Esclareçamos que as propostas devem ser entregues até as 18 horas do dia 14/12/61.

(a) MARIO LOPES MACIEIRA — Chefe de Serviço de Abastecimento.

Art. 10.º — Quando as Cooperativas desejarem faturar os seus cafés, deverão, no momento de registro, apresentar ao Escritório Estadual de Registro de São Paulo, o "Termo de Depósito" observado o disposto no Art. 1.º do Regulamento de Embarques, emitido pelo Instituto Brasileiro do Café, e a declaração de que o café constante dos Certificados de Classificação emitidos pelo Instituto Brasileiro do Café, que se pretende adquirir estão à disposição dos interessados no Serviço de Abastecimento (Rua do Rosário n.º 1 — 13.º andar). Esclareçamos que as propostas devem ser entregues até as 18 horas do dia 14/12/61.

(a) MARIO LOPES MACIEIRA — Chefe de Serviço de Abastecimento.

Art. 11.º — O faturamento será autorizado pelo Instituto Brasileiro do Café, mediante a apresentação de um documento representativo do café faturado.

Art. 12.º — As faturas desses cafés deverão ser apresentadas às Agências do Instituto Brasileiro do Café, nos portos de exportação, dentro do seguinte critério:

a) — durante o período de 15 a 31/1/1962 as faturas que se referirem a cafés registrados durante os meses de julho e agosto de 1961;

b) — durante o período de 1.º a 15/2/1962, para os cafés registrados em setembro, outubro e novembro de 1961;

c) — durante o período de 1.º a 15/2/1962, para os cafés registrados em dezembro de 1961, janeiro e fevereiro de 1962;

d) — a partir do dia 16/2/1962 em diante, os interessados deverão manifestar o desejo de não vender os seus cafés por ocasião do registro de que trata o Art. 2.º da Resolução n.º 188, de 12/5/61.

Art. 13.º — Os preços para o faturamento serão os determinados no Art. 8.º da Resolução n.º 189, de 15/5/61, com o deságio de 10% previsto no citado artigo, observadas a classificação de tipo e bebida que houver alcançado o café constante dos Certificados de Classificação emitidos pelo Instituto Brasileiro do Café, com carta dirigida ao armazém geral autorizando-o a emitir Recibo de Depósito em nome do Instituto Brasileiro do Café quando da liquidação de faturas.

Art. 14.º — As faturas emitidas na conformidade do parágrafo anterior serão pagas pelo Banco do Brasil S/A contra a entrega dos documentos representativos do café faturado.

Art. 15.º — Quando as Cooperativas desejarem faturar os seus cafés, deverão, no momento de registro, apresentar ao Escritório Estadual de Registro de São Paulo, o "Termo de Depósito" observado o disposto no Art. 1.º do Regulamento de Embarques, emitido pelo Instituto Brasileiro do Café, e a declaração de que o café constante dos Certificados de Classificação emitidos pelo Instituto Brasileiro do Café, que se pretende adquirir estão à disposição dos interessados no Serviço de Abastecimento (Rua do Rosário n.º 1 — 13.º andar). Esclareçamos que as propostas devem ser entregues até as 18 horas do dia 14/12/61.

(a) MARIO LOPES MACIEIRA — Chefe de Serviço de Abastecimento.

Art. 16.º — Quando as Cooperativas desejarem faturar os seus cafés, deverão, no momento de registro, apresentar ao Escritório Estadual de Registro de São Paulo, o "Termo de Depósito" observado o disposto no Art. 1.º do Regulamento de Embarques, emitido pelo Instituto Brasileiro do Café, e a declaração de que o café constante dos Certificados de Classificação emitidos pelo Instituto Brasileiro do Café, que se pretende adquirir estão à disposição dos interessados no Serviço de Abastecimento (Rua do Rosário n.º 1 — 13.º andar). Esclareçamos que as propostas devem ser entregues até as 18 horas do dia 14/12/61.

(a) MARIO LOPES MACIEIRA — Chefe de Serviço de Abastecimento.

Art. 17.º — Quando as repartições estaduais competentes concordarem com os preços das matérias-primas básicas e dos produtos agrícolas dos países latino-americanos, em particular do café.

Art. 18.º — Desde que se encontrem em ordem os documentos entregues, e uma vez conferidos os cálculos e verificada a sua exatidão, as faturas serão enviadas, dentro do prazo previsto no Art. 5.º da Resolução n.º 189, de 15/5/61, ao Banco do Brasil S/A, Agência local, que promoverá o seu pronto pagamento.

Art. 19.º — Fica dispensada a juntada às faturas dos conhecimentos de frete que se encontram em poder de estabelecimentos bancários por força de financiamento. Neste caso os conhecimentos, além dos e-mails documentos exigidos, deverão entregar um memorando do estabelecimento bancário detentor do conhecimento em que declare a posse desse documento, dando todas as características do conhecimento de frete, inclusive, o número do seu registro no Instituto Brasileiro do Café, devendo os interessados se dirigir ao Escritório Estadual de Registro de São Paulo, para a apresentação do café e para o processamento das faturas para quaisquer esclarecimentos e instruções no preenchimento dos formulários.

Art. 20.º — As faturas deverão ser emitidas para cada remessa ou despacho, não sendo permitida, em hipótese alguma, a inclusão de mais de uma remessa ou despacho em uma única fatura.

Art. 21.º — As faturas não serão emitidas para cada remessa ou despacho, não sendo permitida, em hipótese alguma, a inclusão de mais de uma remessa ou despacho em uma única fatura.

Art. 22.º — Quando as repartições estaduais competentes concordarem com os preços das matérias-primas básicas e dos produtos agrícolas dos países latino-americanos, em particular do café.

Art. 23.º — Quando as repartições estaduais competentes concordarem com os preços das matérias-primas básicas e dos produtos agrícolas dos países latino-americanos, em particular do café.

Art. 24.º — Dentro de cada período especificado nos arts. 2.º e 6.º terão prioridade na conferência e processamento as faturas emitidas pelos próprios cafeicultores. Neste caso, o Banco do Brasil S/A só efetuará o pagamento dessas faturas quando o recibo for firmado também pelo próprio cafeicultor.

Parágrafo Único — Se o volume de faturas na conformidade deste artigo assim o exigir, os cinco primeiros dias de cada período serão reservados, exclusivamente, para o processamento das faturas apresentadas pelos próprios cafeicultores.

Art. 25.º — As Agências do Instituto Brasileiro do Café nos portos de Santos, Paranaguá, Rio de Janeiro e Vitória estarão habilitadas a processar o faturamento de café nas condições desta Resolução registrados em qualquer de suas agências. Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1961.

(a) SERGIO ARMANDO FRAZAO PRESIDENTE

(De um Observador em Washington)

José Montello

Rio, 9 de dezembro de 1961

Diretor-Presidente:
C. Pereira Carneiro

Diretor:
M. F. do Nascimento Brito

HAEDO E CUBA

O discurso do Presidente do Conselho do Uruguai, Sr. Eduardo Víctor Haedo, e a Declaração Conjunta assinada por ele e pelo Presidente João Goulart, vieram demonstrar que os dois países — como Argentina, Chile, México, Bolívia e Equador — estão dispostos a manter uma posição racional na questão cubana. O Presidente Haedo, ao chegar ao Brasil, desautorizou o representante uruguaio que, na reunião do Conselho da Organização dos Estados Americanos, votou pela convocação de uma conferência de Chanceleres no mês de janeiro. E, referindo-se, diretamente, à questão de Cuba, deixou de receber os aplausos de uns quantos Deputados brasileiros que continuam a pensar em termos do mais puro belicismo e a encarar o problema cubano como alguma coisa que pode ser resolvida a ferro e fogo. Só por essa atitude de firmeza, o Presidente Haedo já mereceria o apoio de todos aqueles que se recusam, terminantemente, a abrir mão de todo o patrimônio jurídico e político interamericano para que seja extirpado o primeiro Governo declaradamente marxista da América Latina.

O que os chefes de Estado das nações mencionadas dizem ao resto do Continente é que rejeitam o sistema de Governo vigente em Cuba, mas não se dispõem a rasgar ou reescrever os tratados existentes, liquidando o princípio da não-intervenção, só porque alguns grupos políticos nervosos, nos Estados Unidos e na América Latina, querem convencer o mundo inteiro de que a ditadura comunista do Primeiro-Ministro Fidel Castro é uma ameaça imediata à segurança das Américas. Não restam dúvidas de que o Governo cubano é comunista. Mas pensar que ele, sediado numa ilha a menos de 200 quilômetros dos Estados Unidos e cercada de bases norte-americanas e de Governos hostis, possa abalar a segurança do Continente é um exagero. E julgar que é impossível se negociar com Cuba é cometer um erro. Como é erro acreditar-se que o processo totalitário naquele País é irreversível. A mudança das estruturas sociais é, sem dúvida, irreversível. Mas a centralização burocrática e policial, com o predomínio do Partido Comunista, é uma experiência condenada ao malogro.

Se Cuba vier a representar, de fato, um perigo para a segurança das Américas, há instrumentos internacionais que prevêm a ação conjunta e imediata. Mas enquanto o perigo residir apenas no exemplo cubano, as nações do Continente podem fazer duas coisas: executar o plano da Aliança para o Progresso, com urgência, e procurar uma solução política para o caso de Cuba. Na medida em que, pelo menos, algumas nações da América Latina ultrapassarem a barreira do subdesenvolvimento econômico, o exemplo cubano deixará de interessar às grandes massas populares. E na medida em que o regime cubano se vir forçado a transacionar, mais remotas se tornarão as possibilidades de Cuba se transformar numa ameaça às Américas.

As nações que encaram o problema de maneira racional e não emocional têm um importante papel a desempenhar. Os Estados Unidos não podem, por enquanto, manter um diálogo sereno com Cuba — como hoje procuram, por exemplo, mantê-lo com a União Soviética. Os intermediários naturais serão as nações que se conduziram com prudência e que, inevitavelmente, não de trazer Cuba de volta à comunidade americana. Com paciência e firmeza, essas nações poderão se incumbir dessa tarefa. Isso se a maioria, atropeladamente, não agravar a crise ainda mais, com tentativas de boicote de intervenção.

Ao Congresso

A Câmara dos Deputados tomou, ontem, uma posição histórica: entre o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, escolheu a Sudene. Entre o passado — passado remoto e vergonhoso — e o presente, escolheu o presente, presente carregado de futuro, consistente e ousado. Está salva a Sudene — de uma tentativa de assassinio à traição. Pode-se adiantar, com uma dose de otimismo justificada, que está salvo o Nordeste. Salva, também, está a Aliança para o Progresso. E deu-se um grande passo para a salvação da América Latina.

Os antecedentes das sessões em que a Câmara demoliu as emendas do Senador Figueiredo são, talvez, mais importantes que o fato mesmo da demolição. Em primeiro lugar, a criação da Sudene, em pleno Governo do Presidente Kubitschek. Uma tentativa de planejamento regional sério, eficiente, atualizado — numa época de lances pessoais audaciosos mas desconjuntos, no plano nacional, e, na área regional, numa era dominada pelos últimos estertores desse passado escandaloso e desumano, dessa indústria da seca que o Senador Argemiro quis ressuscitar. Planejamento sério que recebeu imediatamente o apoio do País, fazendo de um jovem economista, que nada tinha de carismático, uma figura nacional. Veio, depois, o Governo Jânio Quadros. Pela antiga ordem natural das coisas, era de se esperar que a nova administração, fosse ela como fosse, pusesse de lado o jovem líder, competente demais, popular demais, capaz de fazer sombra à personalidade de muito Presidente. Mas não, o Sr. Jânio Quadros manteve o Sr. Celso Furtado, apesar de todas as manobras contrárias, à testa da Sudene. Fêz mais: deu-lhe categoria de Ministro. Fêz colaborar na formulação de diretrizes nacionais — o que, automaticamente, colocou o Plano da Sudene dentro de um contexto nacional. Caiu o Sr. Jânio Quadros. Multiplicou-se o ímpeto da pressão contra o Sr. Celso Furtado. Mas os Srs. João Goulart e Tancredo Neves mantiveram e prestigiaram o Sr. Celso Furtado.

Surgiu, então, o Sr. Argemiro de Figueiredo com suas emendas. O que se viu foi inédito em nossa História, inédito, talvez, na história do mundo: o povo do Nordeste foi às ruas defender, não a pessoa do Sr. Celso Furtado, mas a Sudene e seu Plano. Nada mais nada menos: o povo, em praça pública, clamando por um plano. Nos Estados Unidos, ao tempo da *Tennessee Valley Authority*, o povo lutou, a ferro e fogo, mas contra o plano. O povo brasileiro, com seu instinto histórico inigualável, manifestou-se, nestes últimos dias, inconfundivelmente, em favor do planejamento econômico, em favor da atualização da política e da economia, em favor da ordem, contra a improvisação. A Câmara, em seguida, primeiro as comissões, depois o plenário, escutou a voz do povo e derrubou as emendas, salvando o Plano.

Faltam, agora, duas coisas: em primeiro lugar, é preciso que, salva a Sudene, venham outras Sudenes. É preciso, por exemplo, que o povo da Amazônia se levante e varra da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia os politiquês que lá estão e exija a formulação e a execução de um novo, e eficiente, plano de salvação da Amazônia. É preciso planejar, urgentemente, a valorização do planalto central brasileiro em torno do complexo político-econômico-social lançado por Brasília. É preciso planejar a economia do Estado da Guanabara, em conjunto com a hinterlândia carioca, fluminense e mineira que vive em função desta Cidade. É preciso, finalmente, um plano nacional que integre todos os planos locais, estaduais e regionais. E que se faça isso tudo dentro do contexto da Aliança para o Progresso. A manifestação do Recife deveria, por si só, convencer norte-americanos e latino-americanos da validade e da oportunidade não só da Aliança para o Progresso, como de algo muito maior, de um verdadeiro Plano Marshall para a América Latina.

Em segundo lugar, é preciso que se troquem as posições e que o Senado imite a Câmara, derrubando, por sua vez, o inepto projeto sobre remessa de lucros que esta mandou aquele. A questão do capital estrangeiro no Brasil é séria demais para ser submetida a um projeto ininteligente e ininteligível, eivado de erros grosseiros, preconcebido, demagógico, chauvinista. Comprando mais uma vez a vantagem do sistema bicameral de pesos e contrapesos, o Senado tem que dizer não à Câmara. Tem que rejeitar, *in totum*, o projeto obscurantista. A Câmara, então, que tente de novo e procure dar ao Brasil, não um projeto isolacionista como o que aprovou há dias, num mau momento, e sim um projeto compreensivo e inclusivo, que dê ao País um plano de investimentos no qual o capital estrangeiro encontre seu verdadeiro lugar, dentro de uma disciplina geral, onde se sinta capaz, auferindo lucros justos, de trabalhar pelo futuro deste grande País.

A Nação não se levantou apenas contra as emendas anti-Sudene. Levantou-se, também, nitidamente, contra o projeto anticapital estrangeiro. Contra o projeto que nos quer deixar isolados no mapa da economia internacional. A Câmara, ontem, ouviu a Nação. O Senado, amanhã, que faça o mesmo.

Separadas, as duas Casas podem errar. Mas uma corrige a outra. Esperamos que dentro de alguns dias estará definitivamente desmentida a balela segundo a qual com este Congresso não se governa o Brasil. O Congresso, junto, é o Brasil. E só com o Congresso, sejam quais forem os deputados e os senadores, é que este País permite que se o governe.

MANIFESTOS

As reuniões de militares, para a análise da situação nacional, têm sido frequentes, nos últimos dias. São grupos minoritários os que se reúnem, em caráter privado e à paisana. Nada proíbem tais reuniões, sendo mesmo aconselhável que companheiros de ofício — especialmente de um ofício tão nobre — mantenham ameno contato social e que, incidentalmente, conversem sobre a situação do País. No entanto, apesar da aparente calma no Brasil, alguns militares — da direita e da esquerda, das três armas e de várias patentes — têm procurado convencer seus camaradas a preparar memoriais ao Governo ou manifestos à Nação. Felizmente, contêm-se pelos dentes os militares que incitam os outros à indisciplina e à subversão.

A esses poucos e irrequietos cavalheiros, é preciso que se diga alguma coisa: a Nação, que eles vivem pensando em tutelar, já está cansada de manifestos, relatórios, memoriais, pronunciamientos que signifiquem a intromissão de militares nos assuntos políticos, econômicos e sociais. Os militares patriotas sabem, muito bem, que a pior coisa que nos poderia acontecer, depois de tantas emoções e abalos, seria a volta àquela época em que a inquietação reinava nos quartéis e, portanto, em todo o País. A crise que se seguiu à renúncia do Presidente Jânio Quadros demonstrou que o povo exige o respeito ao poder civil.

Qualquer tentativa de predomínio deste ou daquele grupo de militares sobre as autoridades civis — sejam estas quais forem — não só poderá ter consequências desastrosas para o Brasil como terá profundas repercussões na América Latina, num instante em que tantas outras nações procuram se valer do nosso exemplo. Assim, a melhor coisa que os redatores de tais manifestos podem fazer é não gastar papel, tempo e latim, inutilmente.

A NOTA DO GOVERNO

A nota divulgada pelo Conselho de Ministros sobre a questão da remessa de lucros para o exterior deve ser aceita, sem críticas, se significar, realmente, um primeiro passo para a rejeição integral do projeto do Sr. Celso Brant, que a Câmara Federal, em má hora, aprovou. Compreendemos que o Governo se pronuncie de maneira discreta e comedida se já tiver ele, realmente, conseguido um acordo político que garanta a recusa do projeto pelo Senado Federal e, em seguida, a reconsideração, pela Câmara, do ato precipitado de uma maioria ocasional e desavisada.

Mas se a nota tiver apenas retratado a timidez do Governo diante dos homens e das coisas, é inaceitável. De fato o Conselho de Ministros reconhece que o País não pode prescindir do capital estrangeiro, que o reinvestimento e a seleção devem ser estimulados, que a soberania nacional não pode — numa Nação como esta — ficar à mercê de manobras emocionais e demagógicas. O problema, porém, é que o Gabinete, ao se referir às lobbies aprovadas, diz que o projeto "contém dispositivos que merecem aprimoramento" e que o Governo vai "colaborar" com o Congresso.

Esperamos que tal colaboração seja proveitosa para o País. E que o aprimoramento seja, na realidade, a anulação desse projeto inoportuno que já causou tantas preocupações ao Brasil. Se tal coisa não acontecer, o Conselho de Ministros capitulará numa questão que é vital. A sua nota, assim, deverá ser rejeitada pela Nação inteira, como um sinal intolerável de fraqueza.

O autor destas linhas escreveu há meses um artigo intitulado *Os Perigos de Paulina*, no qual comparava a carreira política de Chester Bowles a aquela do velho filme em série. Sucediam-se aventuras sensacionais e, no último instante, surgia sempre o mocho para salvá-la. O mocho no caso era o Presidente Kennedy, que por motivos de amizade pessoal e de interesse político, e em dado a mais ao boquierto Subsecretário de Estado.

Conforme prevê, então, os dias do ex-Governador de Connecticut estavam contados, apesar da manifestação pública de confiança que o Presidente lhe fizera. Quando um funcionário necessita declaração oficial de confiança para manter-se no posto, é porque o momento não convém para despachá-lo. Foi o que se deu com Chester Bowles: depois de inveterado e três vezes, Kennedy aproveitou o recesso parlamentar, quando as pressões políticas estão em repouso, para apeli-lo ao lugar, na confusão de importante reorganização da assessoria da Casa Branca e do alto escalão do Departamento de Estado.

O público brasileiro tomou conhecimento pelas agências noticiosas das mudanças efetuadas naqueles cargos e terá, talvez, imaginado alterações sensíveis na política exterior norte-americana. Nada mais enganador. A dança das personalidades ficou, na realidade, limitada à oficialização de fatos consumados. Há meses que George Ball é o verdadeiro Subsecretário de Estado e que Chester Bowles assumiu funções de Embaixador itine-

rante junto aos países subdesenvolvidos. Desejou, portanto, o Presidente Kennedy esperar o período de férias dos congressistas e o 1.º aniversário de sua eleição para oficializar situações de facto, indispensáveis para sanear os inconvenientes causados por nomeações apressadas, impostas por injunções políticas hoje superadas. Falamos em *Artes e Transfiguração de Paulina* com acento straussiano porque, ao contrário do que acontece habitualmente nos filmes em série, nosso herói foi praticamente eliminado do cenário mundial, embora lhe restem ainda oportunidades para prestar valiosos serviços a seu país.

Em ascensão veio o velho milionário Averell Harriman, que por um ano, modestamente, se contentou com o posto ora entregue a Bowles e só agora obteve a direção dos assuntos do Extremo Oriente. Kennedy precisa dele para as eleições de 1962, em Nova Iorque, e sua experiência na Ásia certamente será útil ao Departamento de Estado. Aliás, Harriman deu prova de pouca soberba ao aceitar esse cargo, uma vez que já foi Subsecretário de Estado no Governo Truman.

O que mais interessa a nós brasileiros é que Richard Goodwin continuará a orientar os assuntos interamericanos. Como assistente direto de Woodward, agora dentro do elefante branco, certamente dinamizará a atividade do Departamento de Estado, aceitará as engrenagens emperradas e — Deus queira — e entrará funcionários de maior preparo e boa vontade para ocupar-se de nossos assuntos. A juventude brilhante do

genio harvardiano será incentivado para o "homem tranqüilo" que é Woodward e dará maior peso político e independência às decisões do ministério no setor interamericano. Faça Woodwin possa visitar o Brasil com mais vagar e não apenas em viagens meteorológicas, como tem feito ultimamente.

Aliás, os representantes diplomáticos da América Latina em Washington ficaram seriamente preocupados com a demonstração de força em São Domingos. Esse ressurgimento do que posso chamar "berlismo" causou enorme desalento nesta capital e o velado protesto do Brasil na OEA foi muito bem recebido nos corredores. A fotografia publicada na revista *Time*, mostrando os navios de guerra norte-americanos fundeados de frente ao porto dominicano, dramatizou o que, se não foi intervenção, certamente se revestiu do caráter óbvio de coercedor imediato a todos. Continuamos a confiar em Kennedy, Woodward e Goodwin, e fim na sinceridade da política norte-americana em nosso continente. Indoviam não podemos deixar de ver com apreensão movimentos "berlístas" como o de São Domingos. Chester Bowles, espírito liberal e progressista, poderá ainda ser útil nos contatos oficiais com a América Latina, sobretudo porque ele abertamente se opôs à invasão de Cuba e se dissociou da imagem do "americano frio". Espere que "Paulina", em sua transfiguração, possa trazer valiosas contribuições à Aliança para o Progresso e facilite a recondução de Cuba ao seio do sistema interamericano.

Maurice Barrès, no seu discurso de recepção na Academia, disse de Herédia que o velho poeta parnasiano concentrava nos seus quatorze versos de um soneto a matéria de sessenta volumes bem escolhidos.

O labor de um único verso consumia-lhe as horas de semanas ou de meses a fio. Trabalhando, o concentrava-se diante do papel, como o médium na sessão espírita. Ou então ia e vinha, de um lado para o outro, ao comprido da sala de trabalho, como se área de seu gabinete fosse a sala dos passos perdidos.

Havia assim, na elaboração literária de Herédia, um trabalho mental e outro físico, de tal sorte que, ao fim de um soneto, o poeta sentia extenuado.

Nesse processo de composição penosa e lenta, levou ele dez anos para encontrar o último terceto de *Vitrail*. E justificou o seu esforço nesta consolidação: "O homem, se não é eterno, deve ser pelo menos paciente." E a paciência era uma de suas virtudes.

No campo da prosa, o mesmo século que nos deu Herédia na poesia nos deu Flaubert. Deste, afirmou Jacques Banville que escreveu com o suor de seu rosto. E com efeito o que lhe saía da pena era o resultado de uma rija batalha de pena e papel, por entre consultas aos glossários.

Essa lição de paciência e obstinação pode ser dada a um romancista, a um poeta, a um crítico, a um teólogo, a um contista e a um ensaísta. Nunca a um jornalista, cujo primeiro pré-requisito vocacional consiste, precisamente, no dom da improvisação escrita.

No duelo da pena com o papel em branco, o homem de jornal não tem o direito de negociar. Tem de ir direto à luta, disposto a sair vitorioso. Nada de hesitar ou aletornar-se. Em outro lugar da casa, o intolipista está à sua espera. E ninguém pode perder tempo, porque jora, na rua, o público não se compadecerá de estilistas.

Quem lê um jornal raramente se dá conta do que ele significa como labor de autênticos repentistas da prosa. O verdadeiro jornalista não sabe como é o lustre de sua sala de redação. Mas conhece como ninguém o teclado de sua máquina. Seu olhar é para ela. Nunca para as coisas e circunstâncias que se encontram acima de sua cabeça.

Herédia, numa redação de jornal, seria despedido no primeiro dia de experiência. E o velho Flaubert, com todo o seu gênio, terminaria por sua vez no olho da rua.

Ao tempo em que trabalhou na redação de O Século, em Lisboa, Ferreira de Castro exigia um canto escondido para trabalhar a seu gosto. E que ele, grande romancista, não era um jornalista genuíno. E se não tem olhos e ouvidos para o que anda à sua volta. O rumor da sala, longe de inibi-lo, desatava-lhe o dom da escrita. E ele vai riscando o papel, ou dedilhando o teclado da máquina, para entrar a seu turno na grande sinfonia de ruídos que sacode a casa, quando um jornalista autêntico e moderno começa a trabalhar.

Quem escreve em silêncio e decavar não é jornalista. em hipótese alguma. Quando muito, colaborador de jornal.

Desastre em mina do Peru

Lima, 8 (FP) — Doze trabalhadores pereceram, ontem, num acidente nas instalações minerais de Atacocha, ao Norte de Cerro de Pasco, na zona central do Peru. O desastre produziu-se no partidar-se os cabos do elevador onde se encontrava um grupo de operários.

Denúncia a uma editora paulista

Lisboa, 8 (UPI) — Em uma sessão da Academia de Ciências de Lisboa, o Acadêmico António Pereira Forjaz informou que, segundo notícias provenientes do Brasil, uma editora de S. Paulo, infringindo o Artigo 663 do Código Civil Brasileiro de 1938, se apropriou das obras de Eça de Queirós, reduzindo-as a "mercadorias obscenas".

Dizendo que se trata de uma afronta às letras luso-brasileiras, Pereira Forjaz propõe que a Academia leve o fato ao conhecimento da Academia Brasileira de Letras para que as duas instituições culturais possam, juntas, fazer seu protesto. A proposta foi aprovada por unanimidade.

Reflexão nordestina

Mucio Leão

Nordestino que sou, e me prezo de ser, tenho lido o meu pensamento carinhosamente voltado para o Recife, nestes últimos dias. Ainda na quarta-feira, estive em espírito tomando parte na expressiva manifestação-monstro com que todo o Nordeste, reunido em uma praça recifense, lavrou o seu protesto contra os chamados industriais da seca, e fez a demonstração de que está disposto a ir a todos os extremos para a defesa da Sudene.

Pois, hoje, levado pelas minhas saudades pernambucanas, deliberei mergulhar um pouco no meu velho mundo nordestino. E vim tratar de pôr em ordem e seriar algumas notas que através de tempos e de leituras venho tomando. São notas relativas aos cangaceiros, que em outros tempos — e a caso ainda hoje — constituíram, ou constituem, uma das características mais veementes e dramáticas daquela região brasileira.

OBSERVAÇÃO N.º 116

Não será em termos de ódio, de acusação de promotor eloquente em tribunal de júri, que, a meu ver, devemos considerar o fenômeno cangaço. A não ser que essa acusação, que esse julgamento, se dirija em primeiro lugar a nós outros, os brasileiros dos grandes meios, os verdadeiros responsáveis pela civilização em nossa terra.

Porque o que me parece evidente é que o cangaço foi em todos os tempos o índice mais expressivo que poderíamos ter desse pro-

fundo desajustamento social que em todos os tempos impere em nosso País.

Bem sei que há cangaceiros que são cangaceiros porque assim nasceram, porque uma predisposição natural incoercível os arremessa para a senda da aventura, da tropelia, do roubo, do assalto, do assassinato. Mas, em compensação, há outros, e a caso mais numerosos, que foram jogados ao crime pela crueldade de uma sociedade mal organizada, pelo excesso de mandonismo de um chefe político, pela necessidade justa de reagir contra uma maldade, uma violência, um delito de outrem.

E o que vemos em toda a história do cangaço, o que podemos personificar em um indivíduo que ficou como uma espécie de símbolo de todos os seus comparsas: refiro-me ao famoso Balaia, o homem que deu o nome à Balaia, e que mostrou ser um dos mais ministros criminosos daquele ciclo de grandes crimes que tão monstruosamente devastou a pobre Província do Maranhão.

É lícito perguntarmos: qual foi o motivo que impeliu para o cangaço, para a chacina e para a destruição, aquele homem que tinha o nome de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, e que até então se mostrara um sertanejo ordeiro, tranqüilo, respeitador de Deus e da autoridade constituída?

Simplemente o fato de ter agasalhado em sua casa — na casa modesta em que, na companhia da esposa e de duas filhas moças, vivia de sua modesta indústria de fabricante de balaios —

o oficial que comandava uma tropa que, para a pacificação de uma localidade do interior, mandava o Governo de São Luis. Hospedara-o — e, quando o oficial se retirou, o pai foi informado de que o oficial havia feito mal às duas moças. A reação foi a que devia, logicamente, ser, num homem de instintos incultos como aquele e numa sociedade como aquela: a de tomar a carabina, a de ir vingar-se. Foi o que o balaio fez: proclamou a todos a sua desgraça doméstica, reuniu em torno de si, sob as armas, os amigos que o quiseram seguir. E criou-se assim uma nova e tenebrosa gesta no cangaçorismo brasileiro.

É, pois, uma verdade que, antes de julgar e condenar esses nossos patriotas — que revelam, tantos deles, a bravura, a altivez e até a generosidade — devemos julgar. E a nós outros, os representantes do que no País está a perfeição dentro do que é normal, dentro do que é ordem, dentro do que é considerado bom e certo.

Só depois de nos termos honestamente absolvido de todas as culpas, só depois de havermos isentado de nós a sociedade que constituímos, é que podemos lançar a condenação sobre esses nossos patriotas, que, ao contrário do que estamos habituados a ler e a ouvir, as mais das vezes representam um elemento de protesto, de afirmação, de reação — evidentemente mal dirigido e às vezes insano — contra coisas que há muito já deveriam ter desaparecido.

Peregrino Júnior

O médico, esse grande administrador

Toda gente pensa — e não sem uma certa dose de boa lógica — que médico só deve saber fazer a perfeição uma coisa: tratar doentes. Este, animal de contos, o seu ofício — e exercido corretamente já constitui um privilégio. Mas, como mesmo sem ostensivo bovarismo, todos nós temos na vida o nosso violão d'inglês, que nos encanta e consola, sem contar as vezes que nos atormenta, os médicos, nas horas vagas, gostam de exercitar a arte, entre todas as coisas, de bem administrar e o fazem, sem dúvida, com dignidade e proveito. Bons administradores, em verdade, são os nossos médicos. Basta atentar numa coisa: as instituições médicas do Brasil são dirigidas com ordem, sobriedade e honestidade. Homens de contatos claros e corretos, os médicos são dinâmicos, prudentes, realizadores. Todas as instituições brasileiras dirigidas por médicos entre nós são modelares — e, o que é mais, dispõem de sede própria e rico patrimônio: a Sociedade de Medicina e Cirurgia, o Sindicato Médico, o Colégio Brasileiro de Cirurgiões, a Academia Brasileira de Ciências. Instaladas em edifícios de imóveis de sua propriedade, têm economia prospera, vida tranqüila e programada. São o melhor documento da capacidade administrativa dos nossos médicos sempre autênticos, juízes na sua discreta modestia. Mais do que todos

as nossas chamadas sociedades sábias, porém, como era natural que acontecesse, a Academia Nacional de Medicina — instituição centenária, cujas tradições lustres têm suas raízes na cultura serena e grave do Império, é um autêntico padrão de administração competente, honrada, leal e fecunda. Construiu, num regime perfeitamente democrático, sob a direção de vários Presidentes sucessivos (Sansón, Santana, Deolindo, Ugo), a sumtuosa sede que hoje possui — palácio de sete pavimentos que é também um patrimônio e uma generosa fonte de renda. Com seus vastos e belos salões, tão dignos da sua decoraçãoculta, os mais amplos, os mais luminosos, os de mais severo gosto que o Rio hoje possui! — além de loja e salas que já lhe asseguram uma receita líquida mensal de mais de quinhentos mil cruzeiros! — a Academia Nacional de Medicina é motivo de orgulho não só para a classe, senão também para a própria Cidade.

E agora, coroando a obra coerente, silenciosa e incessante de seus antecessores, o Professor Olímpio da Fonseca soube utilizar essa grande renda de modo adequado e inteligente: adotou algumas iniciativas que devem servir de exemplo às instituições congêneras. 1.º Criou um amplo Serviço de Secretariado, gratuito, para os acadêmicos (radiografia, estenografia, mimeografia, cópia de trabalhos, distribuição de correspondência pessoal etc.); 2.º Estabeleceu, com pontualidade inalterável, além da revista oficial, o excelente Boletim organizado por diligência de Darcy Monteiro, que divulga as atas das sessões desde a fundação da Casa, os discursos acadêmicos, os pareceres dos Prêmios, os relatórios das comissões, os trabalhos lidos e debatidos em plenário e a relação completa dos membros titulares com os seus respectivos endereços (em trabalho sério, utilíssimo, que está permitindo o levantamento total da história da Academia desde a sua criação); 3.º Envia à véspera da sessão aos acadêmicos a cópia mimeografada da ata da reunião anterior; 4.º Põe à disposição dos membros da Casa um salão especial para contraluz às sessões; 5.º E, como se tudo isso não bastasse, instituiu o auxílio-funeral para as famílias dos acadêmicos que faleceram.

Como se vê, os médicos são mestres — e extraordinários mestres! — na arte de bem administrar: sabem trazer sua casa em ordem, com as contas limpas, certas e leais, dinamizando de tal forma a sua atuação que o seu exemplo pode servir de estímulo a outros administradores bisninhos, anafados ou delirantes, que atravessem com sua ambição, sua validade e sua insensatez repartições públicas e instituições privadas por todos estes nossos vastos Brasil.

Cr\$ 5 bilhões para urbanizar e terminar obras de Brasília

A segurança de Kennedy na Venezuela provoca polêmica

Brasília (Sucursal) — Cerca de Cr\$ 5 bilhões serão aplicados na urbanização, águas e esgotos, telefones, força e luz, abastecimento e escolas do Plano Piloto e cidades-satélites de Brasília, segundo informou o Prefeito Sette Câmara, em sua primeira entrevista à imprensa, em exposição a respeito do programa de obras a ser imediatamente iniciado.

O saneamento e a urbanização do Núcleo Bandeirante serão imediatamente atacados com a verba de Cr\$ 200 milhões, prevista no projeto recentemente aprovado que dispõe sobre sua transformação em cidade satélite. Apenas o problema da eliminação das favelas não foi incluído no programa, sua solução dependerá da obtenção de crédito de US\$ 12 milhões junto ao Banco Interamericano.

CONSTRUÇÕES

Várias obras cuja construção se encontra paralisada, serão reiniciadas, o que contribuirá para a solução do desemprego. Entre essas mencionou o prefeito Sette Câmara o anexo e garagem do Congresso Nacional, o Tribunal de Contas da União, a Imprensa Nacional, o Hospital Distrital e o novo Supermercado. Ao mesmo tempo serão iniciadas outras edificações, como a do Ministério das Relações Exteriores, a Central de Telex, o Estádio Municipal, o Palácio da Municipalidade, praças de esportes, creches e abrigos nas praças dos ônibus. A sede do Instituto Brasileiro do Café deverá também ter a sua construção iniciada no princípio do próximo ano.

Será construído um ginásio industrial e vários clubes das unidades de vizinhanças, segundo projetos do arquiteto Oscar Niemeyer.

O plano de urbanização abrange toda a cidade e pre-

ve o arjardimento de todas as superquadras, pavimentação das praças, construção de calçadas para pedestres, conclusão da Praça dos Três Poderes, ligação das ruas com a pista central do Eixo Monumental, pavimentação das vias de acesso ao setor industrial e acabamento dos clubes situados à margem do lago.

Serão efetuados os loteamentos residenciais nas penínsulas Norte e Sul, no setor das Embaixadas e no das mansões urbanas.

As cidades-satélites de Taguatinga, Sobradinho e Gama, além do Núcleo Bandeirante, também serão beneficiadas com a pavimentação das suas principais ruas e avenidas. Na parte de urbanização o programa prevê a aplicação de Cr\$ 1 bilhão e 144 milhões, e na de edificações, Cr\$ 1 bilhão e 346 milhões, aproximadamente.

FORÇA E LUZ

O aumento das disponibilidades de energia elétrica, para atender às necessidades de crescimento da cidade, será obtido com a conclusão, dentro dos próximos seis meses, da primeira etapa da Usina de Paranoá, cuja capacidade é de nove mil quilowatts, e da Usina Térmica, que fornecerá dez mil quilowatts para a iluminação das superquadras, ruas e praças das áreas Sul e Norte e bairros residenciais, suprindo ainda setores de indústrias e abastecimento.

Atualmente, o suprimento de energia é feito praticamente apenas com a produção da Cachoeira Dourada, que fornece 12 mil quilowatts, o que obriga o reforço com geradores diesel para atender às necessidades nas horas em que é maior o consumo, sem evitar contudo frequentes interrupções no abastecimento.

TELEFONES

A rede de telefones da Capital, que dispõe de cerca de sete mil aparelhos, será aumentada dentro de dois meses, com mais mil.

E a partir desse prazo, deverão ser instalados mensalmente 300 telefones, o que bastará para atender à demanda.

Para o serviço interurbano, atualmente muito precário, serão entregues, nos próximos dez dias, sete canais que ligarão Brasília a Belo Horizonte. Um mês depois, serão inaugurados outros 19 canais entre as duas cidades e mais 12 de Belo Horizonte ao Rio, que serão alugados à Companhia Telefônica de Minas Gerais.

Dentro desse programa estarão à disposição do público, já no próximo mês, 65 canais para o Rio, dez para Goiânia, quatro para Anápolis, quatro para Uberlândia, além dos oito de que dispõem os órgãos da Administração Federal.

ÁGUA E ESGOTOS

O programa de emergência elaborado pela Prefeitura prevê a duplicação da capacidade de abastecimento de água da Capital, o que assegura o fornecimento diário de 70 milhões de litros, suficiente para o consumo normal de 200 mil habitantes. A rede de distribuição será ampliada para atender à área norte, seto, industrial, setor econômico, setor das embaixadas e loteamentos do Plano-Piloto.

O problema da poluição das águas do Lago desaparecerá com a conclusão da estação de tratamento de esgoto, uma das mais modernas da América do Sul, com capacidade para atender a uma população de 150 mil habitantes. Providências urgentes estão sendo tomadas para o serviço de esgotos da área norte, ao mesmo tempo que se iniciam os estudos para o saneamento da Cidade Livre.

A conclusão de toda a rede de águas pluviais no Plano-Piloto, prevista no plano de emergência, eliminará as inundações e a erosão dos trevos. Cerca de Cr\$ 1 bilhão serão empregados nos serviços de águas e esgotos do Plano-Piloto e cidades-satélites.

HOSPITAL E ESCOLAS

No próximo dia 21, será inaugurado totalmente o Hospital Distrital de Brasília, cuja conclusão está sendo realizada. A Prefeitura está providenciando moradias para o pessoal especializado de alguns serviços do hospital, que não estão funcionando porque não há acomodações para os elementos que serão contratados.

Com a inauguração de várias escolas, em fevereiro próximo, estará, por outro lado, inteiramente resolvido o problema do ensino em Brasília.

OUTRAS OBRAS

A Prefeitura do Distrito Federal está tomando providências para assegurar o financiamento da construção dos estabelecimentos comerciais a serem transferidos para a Zona Norte, através da Caixa Econômica. O Prefeito considera que esse financiamento deve ser concedido, já que os comerciantes pioneiros para lá se transferiram confiados na obtenção da me-

didada, até o limite de Cr\$ 5 milhões.

A torre de televisão deverá ser instalada nos próximos seis meses, estando já concluída a estrutura de aço, feita em volta da praça de esportes. Além das praças serão construídas piscinas flutuantes no Lago de Brasília, a exemplo do que se faz em grandes cidades europeias, segundo declarou o Sr. Sette Câmara.

ABASTECIMENTO

Afirma o Prefeito Sette Câmara que o abastecimento de gêneros da Capital Federal ficará normalizado com as providências em curso adotadas pela Prefeitura, tais como a melhoria de transportes para os locais de produção e a instalação de mercados-livres em que os produtores venderão diretamente ao consumidor, ou distribuidor de gêneros essenciais.

É objetivo da Administração Municipal eliminar, tanto quanto possível, os intermediários, a fim de possibilitar preços menores e regularidade nos fornecimentos.

FAVELAS

Considera o Prefeito Sette Câmara que o problema das favelas é dos mais graves em Brasília, onde 40 a 50 por cento da população são favelados, percentagem muito superior à do Rio e de Recife, o que impossibilita a sua solução em prazo relativamente curto.

Para isso, estão se processando negociações com o Banco Interamericano, que poderá conceder um empréstimo de US\$ 12 milhões para a construção de moradias populares em Brasília. A solução do problema, entretanto, depende principalmente da melhoria das condições econômicas das populações das favelas.

Violência racial na Rodésia

Salisbury, Rodésia do Sul, 8 (AP-JB) — A Polícia e contingentes do Exército lançaram bombas de gás lacrimogêneo contra uma turba rebelde de cerca de mil africanos, em pleno centro da cidade.

Hoje foi o segundo dia consecutivo em que ocorreram violências nesta Capital da Federação da Rodésia, governada por brancos.

Começou carnaval em Brasília

Brasília (Sucursal) — O Serviço de Censura, em virtude do grande número de pedidos para a realização de bailes carnavalescos, se reuniu hoje, extraordinariamente, para apreciar o assunto.

Alguns clubes, que começaram as suas funções sábado último, sem licença, foram fechados pela Censura.

Palm Beach, Flórida, 8 (UPI-JB) — A Casa Branca informou serem exageradas as notícias sobre recentes manifestações antiamericanas na América Latina, afirmando que elas não justificariam o cancelamento da visita do Presidente Kennedy à Venezuela e Colômbia, na próxima semana.

Não é esta a opinião da imprensa norte-americana. O Wall Street Journal disse que os "temores nos Estados Unidos, de que o Presidente Kennedy seja alvo de ataques na América do Sul, são maiores do que se reconhece oficialmente". Acha que "ainda existe a recordação da trágica recepção oferecida a Nixon, com a participação de agitadores comunistas, na Venezuela e na Colômbia".

PREPARATIVOS

Hoje, deve ter chegado a Caracas um grupo de funcionários da Casa Branca, para preparar a visita de

Tanganica independente hoje

Londres, 8 (UPI-JB) — Com a conquista de sua independência, amanhã, a Tanganica passará a constituir o 13.º membro da Comunidade Britânica. Será o primeiro Estado verdadeiramente multi-racial da África a obter a independência.

Tanganica, ex-colônia alemã, ficou sob a administração britânica depois da primeira guerra mundial. Do êxito político desta experiência de amanhã, dependerá o futuro dos planos britânicos em relação a um grupo de nações federadas, na metade oriental da África, para que brancos e negros cooperem, associados.

PREVISÕES

Numa época em que o progresso político se vê, em muitas partes da África, entravado e complicado por problemas de fanatismo racial e rivalidades entre tribos, Tanganica tem a tentadora antecedente de firme progresso político e confiança e boa-vontade entre as diferentes raças e comunidades.

As relações entre uma maioria de 98 por cento de africanos e as pequenas, porém importantes, comunidades europeias e asiáticas, sobre uma população de 9 200 000 habitantes, são, neste país, decididamente boas.

A população nativa africana está dividida num grande número de tribos relativamente pequenas. Assim, não existem as rivalidades que costumam aparecer nos lugares onde há um ou dois grupos dominantes de tribos, como sucede no Quênia.

Kennedy, Acompanha-o o Secretário de Imprensa, Pierre Salinger.

Seu substituto, Andrew Hatcher, declarou ter verificado as notícias acerca de manifestações na América Latina, e que comprovou serem "ilgeramente exageradas".

"É nossa opinião — prosseguiu — de que nada ocorreu nas últimas 48 horas que possa dissuadir o Presidente de seus planos de viagem."

Kennedy regressará amanhã a Washington, onde conferenciará, logo após, com o Secretário de Estado, Dean Rusk. Sua viagem, que se inicia daqui a uma semana, tem como escalas San Juan de Porto Rico, Caracas e Bogotá.

Entretanto, Salinger e seus acompanhantes não regressarão diretamente a Washington, como se previa. Irão, primeiro, às Bermudas, a fim de verificar as medidas já adotadas para a conferência que Kennedy realizará de 21 a 22 de de-

zembro, com o Primeiro-Ministro britânico Macmillan.

PERIGOS

Por sua vez, o Wall Street Journal, explicando seu ponto-de-vista sobre a viagem do Presidente, diz:

"O itinerário do Presidente, desde o aeroporto, inclui bairros perigosos, e se recorda, por este motivo, os incidentes ocorridos em Bogotá em 1958, nos quais o então jovem agitador Fidel Castro desempenhou um papel preponderante."

Os diplomatas duvidam que a URSS ordene aos comunistas locais que provoquem dificuldades, mas não estão muito seguros do controle que Moscou pensa exercer sobre eles. Muitos comunistas da América Latina recebem ordens, em troca, da China comunista, cuja política é de maior violência ainda.

Os auxiliares de Kennedy insistem em que se tomem precauções especiais, incluindo a proteção da guarda nacional venezuelana."

Justiça dos EUA exige que "Prensa Latina" se confesse agente cubano

Washington, 8 (UPI-JB) — A agência noticiosa cubana Prensa Latina foi acusada, nesta Capital, juntamente com seu correspondente norte-americano, por um tribunal federal, de ter desrespeitado a ordem de se registrar, e os seus empregados, como "agentes de uma potência estrangeira".

Enquanto isso, Joseph Forrer, advogado do PC dos Estados Unidos, dizia hoje que sua agremiação política está inocente da acusação de não se ter registrado como "agente da URSS".

DUPLA ACUSAÇÃO

Francisco V. Portella, cubano de nascimento mas naturalizado norte-americano, o qual representa a Prensa Latina nos Estados Unidos, foi preso nos escritórios de sua agência, em Nova Iorque, sob a dupla acusação de não se ter inscrito pessoalmente, e de não ter feito o mesmo, também, com relação à agir na estrangeira que dirige. Quanto a Prensa Latina foi acusada, apenas, de desrespeitar a ordem de inscrição.

A agência tem cerca de vinte empregados em Nova Iorque e um correspondente permanentemente localizado em Washington. Começou a funcionar nos EUA em julho de 1959, segundo informações prestadas pelo Departamento de Justiça.

O tribunal que a acusou afirma que ela é subsidiada pelo Governo cubano. Houve menção expressa, no tribunal, a Fidel Castro e a Ernesto "Che" Guevara, respectivamente Primeiro e Ministro da Economia de Cuba, como elementos que dão ajuda direta à agência.

O tribunal afirmou que a missão da Prensa Latina era recolher notícias relativas a Cuba e aos assuntos mundiais, disseminando-as, depois, de acordo com os pontos-de-vista do Governo cubano.

O Procurador Geral dos Estados Unidos, Robert Kennedy, comentou o assunto através do escritório de informações de seu Departamento, afirmando que a inscrição não impede que a agência referida continue a desempenhar sua missão, de acordo com a orientação desejada por seus dirigentes. Essas declarações de Kennedy foram, antes de serem feitas, na presença de cerca de 400 correspondentes estrangeiros, entre os quais se notaram os das

agências Tass, soviética, e Tanjug, iugoslava, os quais estão devidamente inscritos. De acordo com a legislação, a recusa à inscrição é passível de multa de 10 000 dólares e da pena máxima de prisão de cinco anos, para os responsáveis.

Quanto às declarações sobre a inocência do P. C. norte-americano, feitas por Joseph Forrer, cabe recordar que a agremiação comunista dos Estados Unidos foi acusada perante o juiz do tribunal federal do Distrito de Colômbia, onde fica a capital norte-americana, Matthew McGuire, que é o juiz referido, marcou a data de primeiro de fevereiro para o veredicto.

Gus Hall, chefe comunista norte-americano, não participou dos depoimentos em que Forrer alegou a inocência de sua agremiação. Durante o depoimento, o Governo dos Estados Unidos foi representado pelo advogado Kirk Maddix, da Divisão de Segurança Interna do Departamento de Justiça.

Ao terminar a sessão do tribunal, Gus Hall afirmou que nada tinha a dizer, embora entregasse, então, à imprensa, uma declaração de duas páginas sobre a situação do P. C. norte-americano.

Segundo o arrazoado de Hall, é a primeira vez na história dos Estados Unidos em que um partido político é levado à barra do tribunal criminal. "Há muitos anos", afirmou, "elementos fanatizados espalham a calúnia de que o Partido Comunista norte-americano é agente de uma potência estrangeira. Todavia, em ocasião alguma, foi possível provar isso em qualquer processo judicial". Hall afirmou, ainda, que seu partido não se registrou, com base no preceito constitucional que afirma: "Ninguém pode depor contra si mesmo".

Orador da ADESG aponta a ignorância e a fome como armas da ação comunizante

No discurso que pronunciou no Teatro Municipal, durante a sessão solene em que foi comemorado o 10.º aniversário de fundação da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, o Sr. Arnaldo R. Duarte, orador oficial, afirmou, a certa altura, que "a ignorância e a fome, de braços dados, são as duas armas da ação comunizante, não apenas no Brasil, mas em todos os pontos deste conturbado planeta".

A cerimônia foi aberta pelo General Osvaldo de Araújo Mota, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Presidente de Honra da ADESG, seguindo-se a apresentação das bandeiras dos Estados pelo coordenador Antônio Salem. A segunda parte da festa consistiu de números de ballet e execução de músicas clássicas pela orquestra do Teatro Municipal.

O DISCURSO

O Sr. Arnaldo R. Duarte assim começou o seu discurso:

"Todos que concluímos os cursos da Escola Superior de Guerra fomos convocados para o estudo dos atuais problemas brasileiros. E endoctrinados, sob o prisma da Segurança Nacional, em todos os campos (político, econômico, social, militar). Porque o superior fim daquela Escola é a formação de elites com capacidade de patriótica liderança, ante real visão da Política de Segurança Nacional. "Ali — bem o preveniu o ilustre Comandante Viana — aprendemos, numa comovedora confraternização entre civis e militares, irmanados no estudo dos problemas nacionais, que a Segurança Nacional não reside unicamente no Poder militar do País, porque este Poder, por sua vez, depende do Poder econômico, da ação esclarecida dos dirigentes políticos e todos dependentes, para a sua eficácia, do civismo dos cidadãos."

DIVISAO

"Os homens de ação — disse, mais adiante, o Sr. Arnaldo R. Duarte — estão divididos, ou mais certamente, foram e continuam sendo hábilmente divididos, em tática diversionista há muito diagnosticada.

O custo de vida — herança longínqua de milênios — é hoje acumulada em vários governos — sobre sempre, inexoravelmente. E isso — o que é muito mais grave — já é encarado, pelo povo, indiferente, sem reação, como fatalidade nacional.

As boas e patrióticas intenções, a ação austera, os princípios de respeito à dignidade da pessoa humana e ao valor do mérito vão sendo postergados e substituídos não raro pelas promoções de favor, onde padrinhos e apadrinhados se enfiaram num compadresco de abutres, à custa do Erário Público, já tão saziado.

É o conflito dos dois mundos, das duas mentalidades, das antagonistas ideologias — a luta acirrada dos habitantes, onde países são conquistados até sem ação armada, na tremenda guerra psicológica que o comunismo desencadeou contra a humanidade inteira. E o mais lamentável, sobretudo, é que, pela eficiência atuante de uma mínima parte de todo um povo, este — porque teve os braços cruzados e a posição tolerante, semio impassível — é dominado, subjugado e tutelado, tornando-se satélite depois e para sempre, pela ação tentacular do astro-rei do Oriente.

Neste Brasil sem líderes, estamos caminhando — com apatia geral — a passos largos, agora, hoje, neste momento, a passos ciclópicos de gigante, para essa órbita magnética onde já aravam povos pouco atentos como o de Cuba."

RASPUTIN, O MONGE LOUCO DA RÚSSIA

Instrumento de Deus... ou enviado do Demônio? Fosse como fosse, diante dele até o czar se inclinava! A história verdadeira é ainda mais fantástica do que as lendas: uma trama de intrigas, escândalos e assassinatos no seio da estranha aristocracia russa. Leia, em Seleções de dezembro, a extraordinária vida de Rasputin, o monge louco da Rússia. Já à venda em todas as bancas e oferecendo ainda mais 30 artigos interessantes e atualíssimos. Seleções é a revista que leva o mundo ao seu lar!

Reportagem do JB vai ser filme

Salvador (Correspondente) — A reportagem Ela, Cabras da Peste!, publicada pelo JORNAL DO BRASIL, quarta-feira última, na página semanal Brasil na sua Governança, de Nonato Masson, teve grande repercussão nos círculos culturais desta Capital e vai servir como base para o roteiro de um filme sobre a história do canção.



AGORA TAMBÉM SÃO PAULO-CURITIBA PELA COMETA

Os magníficos ônibus da VIAÇÃO COMETA trafegam, diariamente, pela moderna BR-2. Faça - de um Estado a outro - uma viagem fácil, tranquila e segura, beneficiando-se do mais perfeito serviço brasileiro de transporte.

Partidas simultâneas às 6:35 - 8:05 - 14:05 22:35 e 24:00 hs.

VIAÇÃO COMETA
A FROTA DO PROGRESSO

JB EM SOCIEDADE

Teatro entre dois coquetéis

Pedro Müller



Srs. Elsa Soares e Arnou de Melo

Aconteceu, na noite de quinta-feira, a estréia da peça Um Castelo na Suécia, com a presença de grande número de pessoas da sociedade. Antes de ter início o espetáculo, foi servido um coquetel. Quando a peça terminou — a comédia agradou bastante — Tônia, Celi e Auriana convidaram os espectadores a participar de outro coquetel, ao qual estiveram presentes os próprios artistas, com as roupas que haviam usado em cena. Foi muito abraçada a Sr.ª Rosita Tomás Lopes pelo bom desempenho no papel que lhe coube. Entre os presentes, Princesa Dona Esperança e Príncipe Dom Pedro de Orleans e Bragança, Sr.ª Maria Cecília Fontes, Sr. e Sr.ª Carlos Guinle, Sr.ª Célia Leite Garcia, Sr.ª Odete Monteliro, Sr.ª Léda Ribeiro, Sr. e Sr.ª Roberto Marinho, Sr. e Sr.ª João Miranda Jordão, Sr. e Sr.ª César Melo Cunha, Sr. e Sr.ª Carlos Eduardo Sousa Campos, Sr. e Sr.ª Alvaro Cañón, Sr. e Sr.ª Leopoldo Modesto Leal, Sr. e Sr.ª João Saavedra, Sr.ª Alzira Vargas do Amaral Peixoto, acompanhada da filha Celiânia, Srta. Rosário Tomás Lopes, Sr. Hercúlio Tomás Lopes, Sr. Fernando Augusto de Carvalho.

IAPC De um seguro do IAPC recebemos carta fazendo as maiores restrições ao Serviço Médico do Instituto, referindo-se à queda no atendimento de doentes. Fala ainda das constantes viagens dos dirigentes, ditas de inspeção, que estão custando milhares de cruzeiros à Previdência.

RUA NOEL Um público numeroso visitou ontem as dezenas de lojas do Shopping Center de Copacabana que estavam servindo às instituições de caridade, vendendo objetos para apurar dinheiro que se destinará aos gastos com o Natal.

Havia de tudo: do pequeno vaso baral de porcelana até quadros de Carlos Selar e Macier, passando por lençóis, roupas de crianças, sandálias, bebidas.

Do ponto-de-vista promocional, a melhor idéia foi, sem dúvida, a da Sr.ª Marisa Graça Couto, que montou um pequeno bar, onde se ensinava o chá-chá-chá. Dezenas de moças e rapazes mostraram-se interessadas, pediam explicações. Juntou multidão para ver a aula. De quando em quando, discretamente, uma senhora corria uma bandeja e recolhia ajudas.

Artistas ajudaram a atrair o público. Vimos Ema Dávila e Moacir Franco fazendo leilão.

Na loja das Pioneiras Sociais, aliás muito bem decorada, estiveram a Srta. Maristela Kubitschek e seu noivo, Lucas Lopes.

A Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação tinha diversas lojas e a Sr.ª Malu Rocha Miranda esteve em todas.

Nas barracas e percorrendo as lojas, verdadeira multidão, com dezenas de pessoas de sociedade comprando ou vendendo objetos. Um projeto humano e de modelo grande, essa promoção de Natal.

ANIVERSARIO Amanhã, a Srta. Maristela Kubitschek receberá amigos para comemorar seu aniversário.

PARA MOSCOU Ainda antes do fim do mês, embarcará para Moscou o Secretário Murilo de Carvalho, cujo último posto foi a Suécia. O Diplomata em questão é o preferido no Itamarati para fazer versões imediatas para o inglês e, quando na Secretaria-Geral, serve no Cerimonial. Na sua próxima viagem ajudará o Diplomata Roberto Assunção a escolher o local onde funcionará nossa representação diplomática.

FUJI-YAMA DIVIDIU RAIA NO HANDICAP DE ONTEM: ILHA

NOTAS

RELIGIOSAS

Doutrina social da Igreja

Em notável pastoral, o Revm.º Arcebispo de Coimbra, D. Emílio Guerry, ressaltou que Pio XII por várias vezes advertiu de que a doutrina social da Igreja não é matéria livre, assunto deixado à opção dos católicos, mas uma doutrina que nenhum de nós tem o direito de ignorar e de omitir na gramática de sua atividade profissional, social e civil.

Esse é, igualmente, um dos pontos mais destacados por S. Santidade João XXIII na Mater e Magistra. Acunha o Sauto Padre que o Magistério da Igreja formulou neste século uma doutrina que indica com clareza "o caminho seguro que leva ao restabelecimento das relações de convivência social, segundo critérios universais e correspondentes à natureza e aos meios diversos de ordem temporal e conforme, igualmente, às características da sociedade contemporânea".

Conclui a palavra do Santo Padre afirmando que hoje, mais do que nunca, é indispensável que essa doutrina seja conhecida, assimilada e aplicada à realidade.

É, sem dúvida, atendendo a esse desejo do Sumo Pontífice, que a Conferência dos Religiosos do Brasil vai realizar um curso intensivo sobre a doutrina social da Igreja, destinado principalmente a religiosos professores de Religião em casas de formação e colégios, a vigários e assistentes do apostolado dos leigos, a redatores de jornais e revistas e a diretores de rádioemissoras.

Esses cursos serão, mais tarde, extensivos às religiosas.

É, pois, uma oportunidade excepcional para os que pretendem conhecer e compreender matéria de tão alta relevância. — M. A.

MARITAIN

Notícia auspiciosa para a intelectualidade, sobretudo os católicos: Jacques Maritain vai publicar brevemente seu novo livro: Responsabilidade do Artista. E George Cattani preparou uma obra sobre Jacques Maritain.

Santo de Hoje:

SANTA LEOCÁDIA, VIRGEM E MARTIR

Santa Leocádia, oriunda de uma das mais ilustres casas do Tolceto, foi condenada por Daciano, na perseguição de Diocleciano, a ser vergastada como cristã. Meteram-na depois num cárcere por toda a vida. Emtron nele dizendo que esse cárcere lhe era mais agradável do que os mais belos palácios do mundo. Sabendo que a perseguição continuava, pediu a Deus a graça de morrer. Foi atendida a sua prece: morreu beijando a cruz, que tinha gravada nas paredes do cárcere, em 303.

A Missa de Hoje:

Hoje, 9 de dezembro — Sábado — Da Féria — Terceira Classe — Missa do Domingo precedente — Prefácio comum — Paramento de cor róxa.

Fuji-Yama revelou uma superioridade esmagadora no Handicap disputado ontem à tarde na Ilha do Governador, dividindo raia, com Manuel Silva fazendo posição.

A partida foi boa, despontando Afortunado, seguido de Fuji-Yama, Pimpinela Escarlata, Beto e Lajão, mas na reta oposta Bequinho foi alertando seu pilotado, para dominar de golpe o ponteiro, entrando na reta com a vitória assegurada. Ganhou fácil e firme, desforçando-se de Pimpinela Escarlata que o havia prejudicado no Prêmio Jôquei Clube do Rio Grande do Sul. O gaúcho foi muito contrariado por Antônio Ricardo, que tentou mudar sua principal característica de correr na ponta. A surpresa ficou a cargo de Lajão na formação da dupla, ficando Pimpinela Escarlata e Beto nos postos imediatos.

O tempo assinalado pelo filho de Kameron Khan para os 1 800 metros em pista de areia pesada foi de 114" 5/10.

Eis os resultados técnicos completos da Ilha:

1.º PAREO — 1 200 metros — Pista A. P. — Prêmios — Cr\$ 100 000,00. (Tribunal Federal de Recursos).

1.º Tio Paulo, D. Moreira 56
2.º Usianga, D. Neto, ap. 53
3.º Uliano, J. M. Santos, ap. 55
4.º Gandulo, A. Ricardo 56
5.º Xerém, A. Olivares, ap. 53
6.º Betty, J. Quintanilha, ap. 53

Não correu Jesuita. — Diferenças — 3 corpos e pescoco. Tempo: 73" 2/10. Vencedor: (1) 16,00. Dupla: (14) 46,00. Placês: (1) 13,00 e (6) 18,00. Movimento do páreo: Cr\$ 2 470 000,00.

2.º PAREO — 1 000 metros — Pista A. P. — Prêmios — Cr\$ 120 000,00. (Tribunal Regional do Trabalho).

1.º Frappant, R. A. Pinto 56
2.º Esquimo, P. Fontoura 56
3.º Xavi, S. Cruz 56
4.º Ourebon, A. Ricardo 56
5.º Prometheu, J. Barros 56
6.º Meruoca, D. Silva 54
7.º Mila, J. Vieira, ap. 47
8.º Laurito, D. Franzfeld 52
9.º Prosócio, L. Sousa 56

Não correu Banquete. — Diferenças — 1 1/2 corpos e 2 corpos. Tempo: 62" 6/10. Vencedor: (2) 49,00. Dupla: (12) 40,00. Placês: (2) 14,00 — (1) 12,00 e (4) 15,00. Movimento do páreo: Cr\$ 2 580 000,00.

3.º PAREO — 1 000 metros — Pista A. P. — Prêmios — Cr\$ 140 000,00. (Ordem dos Advogados do Brasil).

1.º Fagulha, A. Santos 57
2.º Karlane, O. Machado, ap. 53
3.º Xavi, J. M. Santos, ap. 54
4.º My Hay, J. Silva 57
5.º Oquilda, W. Andrade 57
6.º Estrita, D. Kranzfeld 57
7.º Etóale d'Amour, A. Oliveira, ap. 54

Não correram: Nepeta, Zilzica e Nangate. Diferenças — Vários corpos e 1/2 corpo. Tempo: 62" 6/10. Vencedor: (1) 24,00. Dupla: (12) 18,00. Placês: (1) 12,00 e (3) 12,00. Movimento do páreo: Cr\$ 3 710 700,00.

4.º PAREO — 4 M. C. — R. G. Sul. Town Crier e Albaneza. Criador: Jerônimo Mércio da Silveira. Prop.: Stud Alvorada. Treinador: A. Torres.

4.º PAREO — 1 800 metros — Pista: A. P. — Prêmios — Cr\$ 200 000,00. (Tribunal de Justiça do Estado da Guanabara).

1.º Fuji-Yama, M. Silva 57
2.º Lajão, D. Neto, ap. 54
3.º Pimpinela Escarlata, A. Ricardo 59
4.º Beto, J. Marchant 56
5.º Figueira, W. Andrade, ap. 53
6.º Afortunado, A. Azevedo, ap. 54

Não correram: Rebate, Atis e Zangão. Diferenças: vários corpos e 2 1/2 corpos. Tempo: 114" 5/10. Vencedor: (3) 20,00. — Dupla: (24) 33,00. — Placês: (3) 17,00 e (6) 36,00. — Movimento do páreo: Cr\$ 3 722 450,00.

FUJI-YAMA: — 4 M. C. — São Paulo. — Filiação: Kameron Khan e Maia. — Criador: Haras Ipiranga. — Proprietário: Stud Verde e Branco. — Treinador: Claudemiro Pereira.

5.º PAREO — 1 400 metros — Pista: A. L. — Prêmios — Cr\$ 100 000,00. (Instituto dos Advogados).

1.º Pampilina, D. Silva 51
2.º Bieço, O. Machado, ap. 54
3.º Ranni, A. Azevedo, ap. 51

Montarias oficiais e informações para hoje

1.º PAREO — As 14 h — 1 400 metros — Cr\$ 140 000,00.
1-1 Alpes, M. Silva 6 57 Chance de primeira
2-2 Balle, A. Santos 7 57 Andá bem. Corre menos na areia
3 Zangão, D. Neto 4 57 Pule alta e possível
3-4 Agadirb, A. Reis 1 57 Vai correr melhor
5 D. Emperor, N. Correia 3 53 Não acreditamos
6 Celiab, A. Ricardo 2 57 Muito falado nos bastidores
7 Barco, N. Correia 5 57 Não corre

2.º PAREO — As 14 h 30 m — 1 400 metros — Cr\$ 140 000,00.
1-1 D. Scotch, R. Freitas F. 6 57 Bem na distância e na turma
2 Lec, J. Carlinho 1 57 Andá beliscando. Cuidado
2-3 El Rei, J. Correia 8 57 Um dos prováveis
4 Cibandi, D. Moreno 4 53 Não acreditamos
3-5 Flyon, J. Negrello 7 57 Há muita fé
6 Nubiani, A. Azevedo 2 57 Cuidado com este. Azar
4-7 Lambão, C. Morgado 3 57 Contam ganhar. Viável
8 Sister, A. Santos 9 57 A turma ficou mais forte
9 Jane Eyre, A. Olivares 5 53 Não como surpresa

3.º PAREO — As 15 h — 1 300 metros — Cr\$ 170 000,00 — VARIANTE.
1-1 Buri, A. Reis 6 56 Vai dar trabalho
2-2 Kemipo, J. Negrello 4 56 Não tem confirmado
3 Hada, A. Pinheiro 7 56 Regular reforço ao número.
3-3 Actium, D. Moreno 2 56 Entrando em carreira. Olho
4 Babul, P. Lima 1 56 Melhorou e pode ameaçar
4-5 Boa Vida, M. Silva 5 56 Estreia com fumagão
6 B. Garçon, R. Freitas F. 3 56 Bem trabalhado. Placê

4.º PAREO — As 15 h 35 m — 1 400 metros — Cr\$ 140 000,00.
1-1 Amaralina, M. Silva 3 57 Andá bem e pode ganhar
2-2 Aitor, A. Santos 4 57 Adversária de respeito
3 Ais, J. Ramos 6 57 Bom reforço ao número
2-3 Arapixuna, J. G. Silva 1 57 Retornou bem trabalhada
4 Almani, C. Morgado 3 57 Pule alta e possível
4-5 Q. Isuelt, W. Andrade 5 57 A turma ficou mais forte
6 Nahusia, D. P. Silva 2 57 Não acreditamos

5.º PAREO — As 16 h 10 m — 1 000 metros — Cr\$ 170 000,00 — PISTA DE GRAMA.
1-1 Black-Tie, M. Silva 9 56 Ligeiro e atrevido
2 Missa, A. O. Silva 4 56 Não acreditamos
1-2 Anavim, J. Carlinho 1 56 Pode passar rápido
3-3 Calman, J. G. Silva 3 56 Pule alta e possível
3-4 Huffy, A. Barroso 2 56 Na distância, é perigoso
5 Balle, J. Correia 5 56 Melhorou, mas é difícil
4-5 Bover, A. Santos 6 56 Corre menos na pista
6-6 G. R. Curvallho 10 56 Excelente azar na carreira
8 Galuzo, A. Ricardo 7 56 Difícil, não impossível

6.º PAREO — As 16 h 40 m — 1 000 metros — Cr\$ 140 000,00 — GRAMA — BETTING.
1-1 Quiet Boy, J. Marchant 2 56 Tem confirmado. Viável
2 Cico, J. G. Silva 4 54 Na pista, não
2-3 Astória, A. Ricardo 4 54 Ligeira e bem na distância
4 Aitor, A. Santos 5 54 Estreia melhor na grama
3-3 Fama, A. Bolino 6 56 Uma das favoritas
6 G. Wind, J. M. Santos 1 56 É atrevido. Não acreditamos
7 Shit, D. Moreno 1 56 Ligeiro e parador. Pule alta
4-3 Aperama, M. Silva 1 56 Andá retroçando. Perigosa
9 G. Fellow, A. Barroso 5 56 Pode ganhar novamente
6-6 G. R. Curvallho 3 56 Não corre

7.º PAREO — As 17 h 15 m — 1 200 metros — Cr\$ 120 000,00 — VARIANTE — BETTING.
1-1 Conciliação, A. Santos 3 56 Andá bem e pode repetir
2 Fauvette, D. P. Silva 4 56 Bom reforço ao número
3 Nahusia, M. Nielewisk 10 56 Andá não dá
2-3 Changuita, C. R. Curvallho 7 54 Corre menos no barro
4 Pin-Up, Azevedo 1 54 Muito falado. Pule boa
5 Batavio, Ad. Bolino 2 56 Só como surpresa
3-6 Palomita, P. Lima 6 54 Volta bem e há fé
7 Hillynd, R. Freitas F. 11 54 Perigosa na distância. Olho
9 Kim Sul, A. Ramos 3 56 Pode chegar no placê
10 Kanagava, S. Reis 9 56 Difícil, não impossível
11 Sayonara, L. Luis 5 56 Regular reforço ao número

8.º PAREO — As 17 h 50 m — 1 200 metros — Cr\$ 120 000,00 — VARIANTE — BETTING.
1-1 Alight, M. Silva 2 58 Se largar, vai desencabular
2 Pampelão, A. Azevedo 4 58 Difícil, não impossível
3-3 Gelboe, I. Sousa 6 56 Muito fiel em suas apresentações
3 Ze Curiboca, J. Tinoco 10 58 Um bom placê
6 Moquetim, A. Baffin 11 56 Não acreditamos
3-7 Rison, J. Barroso 1 56 Andá bem e pode ganhar
8 Marchant, W. Andrade 3 56 Na ilha, nada fez. Olho
9 Kim Sul, A. Ramos 3 56 Não acreditamos
4-10 Dinar, J. M. Santos 9 54 Cuidado com este.
7 Phoebeis, F. Conceição 5 54 Fraco para a turma
11 Epon, A. Bolino 7 54 Mais aquedante. Perigoso
12 Turbi, C. R. Carvalho 5 56 Não inspira confiança

Dark Scotch com 44" 2/5

1.º PAREO
Alpes, M. Silva, 600 em 36" 1/5.
Balle, A. Santos, 500 em 33" 2/5.
Agadirb, A. Reis, 700 em 46" 2/5.
Celiab, A. Ricardo, 700 em 46" 2/5.
2.º PAREO
Dark Scotch, R. Freitas F., 700 em 44" 2/5.
Cibandi, D. Moreno, 600 em 36" 2/5.
3.º PAREO
Hemipo, J. Negrello, 600 em 36" 2/5.
Actium, D. Moreno, 600 em 36" 2/5.
Babul, P. Lima, 600 em 42" 2/5.
Boa Vida, M. Silva, 600 em 39" 2/5.
4.º PAREO
Amaralina, M. Silva, 600 em 37" 2/5.
Aitor, A. Santos, 700 em 44" 2/5.

AVISOS RELIGIOSOS

São Judas Tadeu
Agradeço graças alcançadas — Celia C.L.

DRA. DYRCE MAIA DAQUER

(MISSA DE 7.º DIA)
Jayme Moniz de Aragão de Góes Daquer e seus filhos Egas, Afonso Henriques, Ilse, Guilherme e Alfredo; Fernando Alfredo Maia, senhora e filhos, agradecem as demonstrações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de sua bem amada esposa, mãe, irmã, cunhada e tia DYRCE MAIA DAQUER, e convidam os demais parentes e amigos para a missa de 7.º dia que, em intenção de tão boníssima alma, mandam celebrar hoje, dia 9, sábado, às 8 horas, no altar-mor da Igreja do Santíssimo Sacramento, na Av. Passos, com antecipados agradecimentos aos que comparecerem a esse ato religioso.

Geraldo Pereira Gomes

(FALECIMENTO)
A família de GERALDO PEREIRA GOMES cumpre o doloroso dever de comunicar seu falecimento, convidando parentes e amigos para o seu sepultamento que sairá hoje, às 10 horas, da Capela da Igreja de N. S.ª da Glória para o Cemitério de São João Batista.

JOCKEY CLUB BRASILEIRO LEILÃO DE POTROS

Hoje, 9 de dezembro, às 21 horas, no Tattersal da Vila Hípica, com entrada pela Rua General Garçon (Ponte de Taboas), Paládio Tupinambá, leiloeiro oficial do Jockey Club Brasileiro, venderá em leilão, os produtos dos seguintes Haras: Haras Belmont, Haras Jabberave, Haras Paraná Ltda., Haras Itajubá, S. A., Haras Guanabara, Haras Itapevi e Haras Valente. Nesta noite será feito o REPASSE.

Nossos palpites para hoje

- Alpes — Agadirb — Caleb
D. Scotch — Lambão — Flyon
Boa Vida — Buri — Babul
Amaralina — Arapixuna — Aix
Black Tie — Rover — Muslo
G. Fellow — Quiet Boy — Fama
Conciliação — Fauvette — Changuita
Alight — Dinar — Rison

Advertisement for JOURNAL DO BRASIL featuring a horse and jockey, with text: 'Ouça as Reportagens de Turfe da RÁDIO JOURNAL DO BRASIL e acompanhe os últimos acontecimentos esportivos, através do PLACAR ESPORTIVO Firestone'.

UMA AMIZADE VALIOSA



Abraão Francisco de Sousa ficou muito amigo de Archie Moore quando ele esteve no Brasil e agora foi convidado para três meses e três lutas nos EUA

Abraão lutará nos EUA convidado por Moore como o melhor daqui

Abraão Francisco de Sousa, para a maioria dos fãs do boxe já o campeão brasileiro dos meios-médios, antes mesmo de sua luta com o atual dono do título, Felipe Cambeiro, volta a lutar no Rio, no domingo, dia 17, contra o uruguaio Hector Rodríguez.

Sua luta contra Felipe Cambeiro será logo depois dessa e então, título em mãos, como espera, Abraão deverá seguir para uma ligeira temporada na América do Sul e finalmente Estados Unidos, onde ficará três meses em casa de Archie Moore, que acaba de enviar convite nesse sentido "ao mais grande campeão brasileiro de boxe", num dialeto hispano-português.

SUL E NORTE

O empresário de Abraão Francisco de Sousa, Sr. Francisco Sangiovanni, recebeu convites para lutas de seu pupilo na Colômbia, no Chile e no Peru. Deverá aceitá-los — uma luta para cada país — desde que eles concorram em esperar a luta de Abraão Francisco de Sousa com Felipe Cambeiro e o recebam em melhores condições financeiras, já então com o título de campeão brasileiro, com que o Sr. Sangiovanni conta.

O outro convite recebido, o de Archie Moore, também será aceito, mas o empresário de Abraão escreverá ao grande campeão dos meios-pesados dizendo que a viagem só poderá ser feita depois das lutas de Abraão nos três países da América do Sul que o convidaram. Abraão também deverá fazer três lutas na América do Norte e para isso espera manter a correspondência com Archie Moore até lá, para informar-se sobre condições para as lutas que espera fazer lá e com consultas diversas acerca dos aspectos que envolverão a temporada.

Teresinha busca um recorde que nasceu de assovio e barco

Da extremidade de Niterói mais próxima à Ilha da Conceição, o homem, já noite escura, dava apenas um assovio — desses que saem bem alto, quando a gente enfia dois dedos na boca — e ficava esperando a filha, menina de 9 anos, que pouco depois aparecia, remando, no barquinho de fundo chato que o levava de volta à casa, no fim do dia de trabalho.

A menina da história, que é verdadeira, é Teresinha Maria Ventura, a mesma que tentará em breve, para o Flamengo, mais um recorde carioca e talvez brasileiro, nos 80 metros com barreiras, recorde que já igualou ao competir no Campeonato Carioca, mesmo nunca tendo participado dessa prova antes.

TREINANDO A REVELIA

É foi levando esse bote da Ilha para Niterói, de manhã, e de Niterói para a Ilha, de noite, que Teresinha começou a viver sua vocação de atleta, treinando sem saber e por necessidade, porque seu pai morava na Ilha da Conceição, mas trabalhava no Rio em Ramo e precisava ir a Niterói todo dia, portanto.

E no atletismo realizou-se, a princípio no disco e no dardo, duas provas em que se especializou e chegou a quebrar os respectivos recordes cariocas. No campeonato carioca de atletismo, parte feminina, o Flamengo precisava de uma atleta para fazer pontos nos 80 metros com barreiras e não tinha nenhuma. Teresinha foi chamada às pressas e prontificou-se a correr, mesmo nunca tendo participado de corridas de velocidade antes, muito menos com barreiras. Mas correu, correu, ganhou e igualou o recorde carioca da prova.

NOVO RECORDE

O recorde carioca dos 80 metros com barreiras era um dos mais antigos. Datava de 1941, quando Crisica Jane Cotton, do Fluminense, marcou 12"4. Daí para cá — 20 anos — só uma atleta tinha feito tempo igual: Dirce Couto da Silva, do Vasco, em 1957.

Teresinha então se entusiasmou com seu feito e durante uma semana toda procurou se aperfeiçoar na prova, treinando muito. Num desses treinos melhorou ainda mais esse recorde, fazendo 11"9, quando já tinha feito vários arremessos de disco e dardo e estava muito cansada.

PARA O BRASILEIRO

Os fatos mostram que a grande esperança de Teresinha, sobretudo seu grande entusiasmo — um entusiasmo que é pura alegria — em quebrar o recorde de novo não é sem razão.

Uma nova marca carioca significará para ela o figurar sozinha na tabela de recordes. E as perspectivas são de que em muito pouco tempo ela poderá — a confirmar seu 11"9 recente, com menos de uma semana de treinos — até derubar o recorde brasileiro, numa prova que durante longos anos foi exclusiva de Vanda dos Santos, no Brasil, ou quase isso.

É questão de cerca de um segundo apenas. Não mais. E Teresinha considera-se em condições de baixar já hoje o recorde carioca, bastando confirmar sua marca daquele treino, que evidentemente não pode ser oficial, por ter sido num preparativo sem pretensões.

UM SORRISO AMIGO

Daqui para a frente Teresinha tem uma finalidade única: treinar, e treinar muito para brilhar nos jogos Ibero e Pan-Americanos. Para isso segue um duro programa de treinos diários.

Muitas vezes nem o auxílio do técnico Edgar Santos tem, pois ele não pode ir ao clube todos os dias. E em outras até está inteiramente sozinho, sem a companhia de nenhum atleta. Mas de um modo geral, para alegria sua, lá está Sebastião Mendes, que ela chama de motor do espírito de família do atletismo rubro-negro, espírito que tantos títulos tem dado ao Flamengo.

Tião, aliás, é o mais querido dos atletas do Flamengo, porque apesar de ser um dos de técnica mais apurada, é de uma simplicidade enorme. Essa simplicidade é sempre acompanhada de um sorriso largo, uma alegria constante, que se transfere para todos os atletas do Flamengo — e ajuda Teresinha nos difíceis treinos diários.

ENTRE OS JUNIORES



Lúcia Faria, a amazona da Sociedade Hípica Brasileira integrará a equipe carioca de juniores no Campeonato Brasileiro de Salto

Cavaleiros disputam em Curitiba títulos nacionais de hipismo

Em Curitiba, a Confederação Brasileira de Hipismo realizará, de hoje até o dia 19, os Campeonatos Brasileiros de Salto (veteranos e juniores), Adestramento, Concurso Completo de Equitação, Salto em Altura e Salto em Largura, além do III Congresso Brasileiro do esporte, onde serão debatidos vários problemas e planos da equitação nacional.

A Federação Carioca se fará representar no certame acima pelos cavaleiros veteranos Elói Meneses, Antônio Eduardo Alegria Simões, Leopoldo Figueredo Neto e Gianni Pareto e, no campeonato de juniores, pelos jovens Gérson Monteiro, Antônio Eduardo da Mota, Lúcia Faria e Rita Bezerra de Melo.

PAULO, O CHEFE

Na chefia das duas equipes cariocas no Campeonato Brasileiro de Hipismo, de Curitiba, está o tesoureiro da Confederação e futuro candidato à Presidência da FHM, Sr. Paulo Borba. Borba já seguiu para a Capital paranaense confiante numa boa exibição dos cariocas.

A presença do Coronel Elói Meneses na representação civil do Rio de Janeiro é uma nota interessante, pois, pela primeira vez em sua vida, o veterano cavaleiro não defende, num concurso de âmbito nacional, as cores do Conselho de Desportos do Exército. Depois que se reformou, Elói é ginete da Sociedade Hípica Brasileira.

PROGRAMA

- Está assim organizado o programa do Campeonato Brasileiro Hípico:
Dia 9 — Cerimônia de abertura — Primeira prova qualificativa de salto da categoria sênior;
Dia 10 — Segunda prova qualificativa sênior;
Dia 11 — Adestramento — extra — Reprise Jácome; Duas provas de salto extras — categoria livre;
Dia 12 — Duas provas extras de salto;
Dia 13 — Terceira prova qualificativa sênior; Adestramento — prova extra — Reprise Coronel Chiappini;
Dia 14 — Concurso completo de equitação — prova qualificativa da categoria júnior; Duas provas extras de salto;
Dia 15 — Concurso completo de equitação — prova de fundo; Segunda prova qualificativa júnior; Duas provas extras de salto sênior;
Dia 16 — Adestramento — extra — Reprise São Jorge; Concurso completo de equitação — prova de salto; Série final saltos sênior;
Dia 17 — Campeonato de salto em largura e altura; terceira prova qualificativa salto júnior;
Dia 18 — Duas provas extras de salto;
Dia 19 — Adestramento — Reprise Grand Prix; Série final salto júnior; Cerimônia de encerramento e entrega dos prêmios aos vencedores.

IGUALOU E QUER MAIS



Teresinha lanceou-se a uma prova que até então desconhecia — os 80 m. com barreiras iguais e já tenta melhorar o recorde brasileiro

Amanhã há acromodelismo em Manguinhos

A Associação de Acromodelismo realizará, amanhã, às 9h 30m, nas pistas do Aeródromo de Manguinhos, a prova denominada Mini-Modelaria de Acromodelismo, em disputa do campeonato carioca.

Governo promete, mas não cumpre e Rio tem dívidas com Botafogo

O Rio está em dívida com o Botafogo e as promessas feitas e não cumpridas pelo seu Governo causaram e continuam causando prejuízos ao clube — essa informação é do Diretor do Departamento do Patrimônio do Botafogo, Sr. Cidilo Carneiro, e foi prestada ao JORNAL DO BRASIL numa entrevista em que fala dos problemas criados quando a Cidade e o clube crescem juntos.

NO LEME

A Cidade do Rio de Janeiro tem recebido tudo o que tem solicitado do Botafogo, mas ainda não retribuiu como devia e era sua obrigação — começou declarando o Sr. Cidilo Carneiro ao falar sobre o patrimônio do Botafogo.

Assim, em 1946, o Botafogo já utilizava há vários anos, por contrato, um terreno à saída do túnel do Leme, onde mantinha quatro quadras de tênis e uma para basquetebol e volei. A Prefeitura do então Distrito Federal planejou a construção de um segundo túnel destinado a desafogar o trânsito para Copacabana e adjacências. Era necessário que o Botafogo desocupasse o local. Não justa era a promoção, que traria, como realmente sucedeu, tão grandes benefícios, que o nosso clube não teve dúvidas em atender imediatamente ao Poder Público. Este, em gesto de alta compreensão, prometeu conceder ao Botafogo um terreno do mesmo tamanho e em local mais próximo de sua sede social. Fazem 18 anos. O Botafogo, com o fechamento daquelas dependências, perdeu 700 sócios. Hoje seriam 2.500.

INQUILINO TEIMOSO

E o Diretor Cidilo Carneiro continua: Para que pudesse ampliar suas instalações junto ao estádio, o Botafogo pleiteou do Governo Federal o terreno em pagamento ao seu, que fica entre a Rua General Severiano e Avenida Venâncio Brás. Ali estava e está uma repartição da então Prefeitura, que, aliás, pretendia mudar-se. Até hoje o imóvel não foi entregue ao seu dono. E isto aconteceu há 20 anos.

NOVO FAVOR

O Prefeito Dulcídio Cardoso — prossegue o Diretor do Botafogo — em 1953 resolveu concretizar o projeto Túnel do Pasmado. Ainda era necessária a boa compreensão do clube, pois seria preciso demolir sua sede do Mourisco, onde estavam a piscina e a quadra de basquete, além da garagem para os barcos de remo.

Propôs-se a Prefeitura comprar o terreno que absorveria o estádio, com outro de igual tamanho, e o fez, junto ao mar; reconstruir a piscina, as quadras, a garagem, etc, mediante projeto apresentado e aprovado. O prazo seria de 406 dias. O Botafogo perdeu 800 associados, que hoje seriam 2.500. Ficou o clube sem suas seções de natação e polo-aquático, como dez anos antes ficara sem a de tênis. Os esforços foram fabulosos para manter as de basquete e volei. Quedas aludadas. Preços altos. Irreverências dos locadores. Desconforto. Sacrifícios de toda a ordem. Fazem quase oito anos e as obras continuam se arrastando. As verbas nunca chegam para o término dos trabalhos.

A primeira, votada pela Câmara Municipal de Vereadores, diz que com folga para a realização, dentro do prazo estipulado de todo o projeto. Os atrasos, mas algumas das numerosas vezes que se vão o tempo, vieram colidos em vários aumentos dos níveis de salários.

Voleibol: Flu pode ser hexa

Uma vitória dará ao Fluminense o hexacampeonato carioca de voleibol feminino, no jogo que disputará hoje, às 16h 45m, contra o Flamengo, na quadra coberta da Gávea. As duas equipes lideram o retorno, mas o Fluminense venceu o turno, sendo as fases disputadas isoladamente, conforme determina o Regulamento. Caso vença o Flamengo, será o vencedor do retorno, tornando obrigatória a realização de uma série melhor de três, para se conhecer o campeão da temporada.

FLU MELHOR

O Fluminense começou mal o campeonato, tendo perdido para o Botafogo. Ao final do turno, entretanto, passou novamente a contar com sua cortadora Maril, o que provocou total recuperação do sexteto. Vencendo o Flamengo em melhor de três, conseguiu ainda sagrar-se vencedor do turno e, agora, apresenta-se como favorito.

O Flamengo tem sido uma equipe bastante irregular. Em nenhuma apresentação, este ano, atuou dentro do padrão técnico à altura do valor individual de suas jogadoras. Apenas no último jogo, contra o Botafogo, o quadro exibiu bom sistema defensivo, embora o adversário não exigisse demais. Em que pese o favoritismo inegável do Fluminense, não será impossível ao Flamengo alcançar a vitória, também porque atuará em sua própria quadra.

A direção do encontro caberá a Luciano Segismundi, tendo Newton Leibnitz como fiscal e José Guio apontando. As equipes deverão formar inicialmente assim: Flamengo — Leila, Marina, Norma, Lúcia, Doranita e Ineborg. Fluminense — Maril, Lúcia, Hilda Lassen, Lílian, Maria Alice e Enedina. O Fla x Flu da 2ª Divisão não oferece atrativo, pois o Fluminense já garantiu, por antecipação, o título de 61.

PRETO NO BRANCO

Tudo o que aqui está dito foi assinado, estampilhado, averbado, registrado, enfim, cumpridas todas as formalidades legais e burocráticas. De qualquer forma, o Botafogo sente-se orgulhoso de ter contribuído para a melhoria e embelezamento desta Cidade Maravilhosa, e em particular do bairro de que tomou o nome. Sêmente um clube de grandes desportistas poderia ter proporcionado a esta Cidade o que lhe deu o Botafogo. Qualquer um de nós, em se tratando de bens particulares, não cederia coisa alguma sem se cercar de todas as garantias — disse o diretor do patrimônio.

UM NOVO ESTÁDIO

— Todavia, o Botafogo é o clube que maiores possibilidades tem de se remodelar radicalmente e tornar-se um verdadeiro centro de recreação desportiva — continua. — Basta mudar o seu campo de futebol para outro local. Há muitos anos não se justificou a ocupação de um terreno que vale 800 milhões, por um campo de futebol onde se realizam treinos e dois ou três jogos pequenos por ano. O estádio teve a sua época. Com o advento do Maracanã, perdeu completamente o seu valor como praça de desportos. O futebol pode ir para outro local, em terreno não tão caro, pois, em Venâncio Brás podem ser construídas dez quadras de tênis, quatro de baby-tênis, duas quadras para basquete e volei, uma piscina de 50 metros e outra de 20 para crianças, além de bolão e outros — disse.

POR UM FUTEBOL INDEPENDENTE

Seria a mais completa praça de desportos do Estado da Guanabara, em local de melhor acesso na cidade. So assim o nosso clube poderia ficar sossegado quanto ao futuro. O futebol seria independente financeiramente, podendo, inclusive, ser auxiliado, eventualmente, pelas outras arrecadações — juntamente ao contrato do que ocorre e atualmente. E para a construção deste vasto e caro programa, sinceramente, só vejo um homem capaz: é o grande benemerito Paulo Antonio Azeredo — concluiu.

Chile vai patrocinar o Sul-Americano de Vôlei com Mundial de Futebol

O V. Campeonato Sul-Americano de Voleibol será patrocinado pelo Chile, na mesma época do Campeonato Mundial de Futebol, com o objetivo de aproveitar o grande número de turistas que comparecerá àquele país.

O patrocínio pertencera à Federação Argentina, que já oficiou à Confederação Brasileira comunicando a cessão de direitos ao Chile, pois não dispõe de numerário suficiente para arcar com as responsabilidades do torneio.

JOGOS NOTURNOS

O Campeonato estava inicialmente programado para março próximo, mas a Federação Argentina avisou que só poderia realizá-lo em dezembro. Agora, resolveu ceder o patrocínio ao Chile. A entidade chilena pretende fazer todos os jogos à noite, para aproveitar o público que comparecerá aos encontros realizados pela Copa do Mundo de Futebol.

O Sr. Roberto Calçada, presidente da CBV, declarou que será problemática a presença do voleibol brasileiro no Chile, porque as despesas para deslocar a delegação serão bem superiores às já orçadas para a viagem à Argentina. Pretende, inclusive, consultar a Confederação Sul-Americana, para saber se esta entidade foi avisada sobre a cessão de patrocínio do campeonato.

VASCO NA REVANCHE COM O FLU HOJE À NOITE

Brigam por datas e esquecem a lei

Célio de Barros

A Federação Carioca de Futebol, repentinamente, sem que fosse possível esperar-se, no momento, o pedido de demissão dos árbitros que constituem o quadro oficial para os jogos do campeonato da Cidade e outros de grande relevo, conseguiu superar a crise, imediatamente, substituindo os demissionários pelos seus colegas dos considerados de segunda categoria.

A providência tomada pelo ilustre Presidente da Federação, Dr. Antônio do Passo, mereceu aplausos gerais e apoio dos clubes concorrentes ao campeonato, cuja disputa prossegue sem maiores inconvenientes, o que dá margem para que o problema seja examinado posteriormente com maior serenidade, passado o período da exacerbação provocada pela atitude assumida pelos árbitros de forma realmente intempestiva, muito embora reconheçamos a justa mágoa de que se achavam possuídos pelos desabridos ataques que sofreram, em sua maioria sem base sólida que os justificassem.

Afastado de pronto o mal das demissões, acalmada a situação sob esse aspecto, surgiu outra, de caráter mais sério, no tocante à realização de partidas de futebol expressamente proibidas pelo Governo no período de 18 de dezembro a 7 de janeiro, sob pena de os infratores desse dispositivo legal ficarem sujeitos a uma suspensão que pode variar de 15 a 365 dias, conforme a gravidade da falta, a juízo do Conselho Nacional de Desportos.

Ontem, à tarde, na entrada do Edifício Cineac, onde a Federação Carioca tem sua sede, ouvimos, de um dos grupos que costumam reunir-se ali, comentários mais desarrazoados sobre a realização das partidas restantes do campeonato guanabarrino e mais o jogo Rio x São Paulo em favor dos Sindicatos de Jogadores Profissionais, Taça Brasil e campeonatos estaduais.

Atendendo ao chamado de um dos desportistas, que pontificava em seu grupo, expusemos, francamente, sem o menor intuito de prejudicar a quem quer que seja, o que realmente existe sobre o assunto sob o ponto-de-vista regulamentar, e, como verificásemos que os textos legais que regem a matéria eram desconhecidos, prometemos publicá-los nesta coluna, o que fazemos com a melhor das intenções, pois nenhum interesse temos em criar dificuldades.

Decreto n.º 51.003, de 20 de julho último, nesse mesmo dia publicado no Diário Oficial:

Artigo 4.º — Será considerado de recesso obrigatório, para todos os futebolistas vinculados a associações desportivas sediadas no País, o período entre 18 de dezembro e 7 de janeiro inclusive, ocasião em que será proibida a realização de treinos coletivos, a disputa de partidas ou quaisquer outras atividades congêneres.

Artigo 5.º — Só com autorização expressa do CND, em decisão tomada pela maioria absoluta de seus membros e em caráter excepcional, será permitida a realização de competição futebolística fora das exigências constantes deste Decreto.

Artigo 6.º — A inobservância dos dispositivos deste Decreto será punida com a suspensão da associação de 15 a 365 dias, a juízo do CND, levando em conta a gravidade da falta e os antecedentes do infrator, nos termos da legislação vigente.

A solução legal para o caso em lide seria uma autorização do CND baseada no Artigo 5.º, mas esse poder continua acéfalo, e não vemos como, em tempo útil, possa ele ser bem resolvido. Ficamos à espera do que vai acontecer.

Jogo Rio x São Paulo é mesmo a 21 e será segundo a convocação

O goleiro Castilho vai segunda-feira à Federação Carioca de Futebol a fim de se entender com o Presidente Antônio do Passo, a respeito da convocação dos jogadores para a partida em benefício de seu sindicato.

O jogo continua marcado para o dia 21 deste mês e deverá ser no Maracanã, estando Castilho, Vice-Presidente do sindicato, a espera de uma resposta da associação dos jogadores paulistas.

FORÇA MÁXIMA

Pretende Castilho formar uma seleção com os melhores jogadores do futebol carioca. Uma comissão de jogadores formará a seleção, estando em estudos um convite ao antigo craque Danilo Alvim para a direção do selecionado da cidade.

Os paulistas também deverão estar representados pelos seus maiores craques e, para tanto, o encontro do Santos com o Bahia, pela final da Taça Brasil deverá ser adiada.

RENDA RECORDE

Castilho e seus companheiros estão certos de que a partida deixará um saldo compensador para os dois sindicatos do Rio e de São Paulo. Se os paulistas concordarem em trazer o jogo para o Maracanã, espera o goleiro tricolor uma renda acima dos 12 milhões de cruzeiros. O preço inicialmente fixado para as arquibancadas será de cem cruzeiros e a ADEG não cobrará nenhuma taxa, cabendo a renda bruta para as duas associações de classe.

Com este jogo, Castilho e seus companheiros pretendem

Hungria e Chile jogam esta noite

Santiago do Chile (AP) — As seleções do Chile e da Hungria, que disputarão a próxima Copa do Mundo, jogam hoje à noite, no Estádio Nacional de Santiago, a primeira das duas partidas amistosas programadas entre ambas.

Ontem, a lotação do estádio — 55 mil pessoas — já estava toda vendida, despertando enorme interesse o jogo de hoje. Na próxima quarta-feira, dia 13, Chile e Hungria se enfrentarão pela segunda vez.

Depois os húngaros jogam para jogar em Bogotá, contra a Colômbia; em Guayaquil, contra o Equador; em Montevideo, contra o Uruguai; e em Buenos Aires, contra a Argentina.

Valdemar substitui Roberto

O quadro de Belini nos dias de bate-bola recreativo do Vasco, batizado como o dos grossos, por Sabará — e para fazer jus à denominação precisa ter sempre Joel Brito, Barbozinha e Ita — perdeu ontem mais uma vez, numa brincadeira que durou hora e meia, por 6 a 4.

O próprio Sabará não treinou, porque está muito gripado, e também esteve de fora Roberto Pinto, que aliás é a grande incerteza para o jogo de hoje contra o Flu, devendo ser substituído por Valdemar, se realmente não puder jogar.

METODO DE CURA

Sabará vai jogar, apesar da gripe ser forte, porque, segundo ele, restringido se cura no jogo. Ficou concentrado com os outros, sob medicação prescrita pelo Dr. Valdir Luz.

O caso de Roberto Pinto tem a julgar-se três opiniões diferentes: a do médico, que acha que as possibilidades de jogar e não jogar são exatamente iguais para o meia-armador; Paulo Amaral, para quem Roberto melhorou muito e deve jogar hoje; por fim, a opinião do próprio jogador, que acha muito difícil poder jogar.

ASPIRANTES REIVINDICAM

Antes do treino, ontem, o Vice-Presidente de Futebol do Vasco, Sr. João Silva, foi chamado a São Januário para decidir sobre a questão de gratificação aos aspirantes, pois os jogadores não pedem nada de mais, se se atentar para o fato de que seus salários não chegam a ser, de um modo geral, o que se possa chamar de bons. Os jogadores fecharam-se firmemente em sua resolução e resolveram não receber enquanto o prêmio por vitória for esse.

Alegam que estão em condições excepcionais na tabela, muito distanciados dos demais, e que já é hora de ser um pouco aumentada a tabela de gratificação, pelo menos enquanto forem mantendo a liderança. O Sr. João Silva acha a reivindicação muito justa e ficou de resolver o assunto com o Presidente Alá Balista, pois os jogadores não pedem nada de mais, se se atentar para o fato de que seus salários não chegam a ser, de um modo geral, o que se possa chamar de bons. Os jogadores fecharam-se firmemente em sua resolução e resolveram não receber enquanto o prêmio por vitória for esse.

Estocolmo — (UPI) — A Associação de Futebol da Suécia recusou uma oferta para jogar duas partidas, em abril, no Rio e em São Paulo, contra o Brasil.

No entanto, a Associação Sueca indicará à CBD se esses jogos poderão ser realizados em novembro de 1962. A recusa da Suécia é baseada no fato de não poder alterar seu programa de jogos já estabelecido.

Suécia não vem jogar com Brasil

Estocolmo — (UPI) — A Associação de Futebol da Suécia recusou uma oferta para jogar duas partidas, em abril, no Rio e em São Paulo, contra o Brasil.

No entanto, a Associação Sueca indicará à CBD se esses jogos poderão ser realizados em novembro de 1962. A recusa da Suécia é baseada no fato de não poder alterar seu programa de jogos já estabelecido.

Quarentinha suspenso por 2 jogos

Os jogadores Belini, do Vasco, e Humberto, do Fluminense, foram suspensos, ontem, pelo TJD da FCF, e Quarentinha, do América, foi suspenso por dois jogos.

Lorenzi só treina o América até o jogo de amanhã com o Fla

Após o jogo de amanhã contra o Flamengo, em São Januário, Lourival Lorenzi entregará aos dirigentes do América o seu cargo de técnico, no qual acha que não foi feliz, apesar de ter trabalhado incansavelmente desde o primeiro dia que chegou a Campos Sales.

Lourival Lorenzi informou aos jogadores de sua resolução ontem pela manhã, um pouco antes de todos irem à sede do clube para comer alguns doces pelo aniversário de Márcia, filha do Presidente Valdir Mota.

ROUPA MOLHADA

Por falta de material, os jogadores só iniciaram o treinamento depois das 9 horas. A lavadeira não conseguiu aprontar os calções e as meias que ainda estavam molhadas, devido às chuvas que caíram desde o início da semana. Vários aspirantes ficaram de fora do exercício por isso, pois só foi possível conseguir cerca de 20 calções e mesmo assim da seção de basquetebol. O técnico iria dirigir um treino de conjunto, mas foi obrigado a fazer um ligeiro bate-bola e um leve individual.

Jorge e Ivã fizeram exercícios, mas ainda não têm condições físicas satisfatórias para jogar contra o Flamengo. Hoje os dois serão novamente examinados pelo Dr. Luciano de Oliveira, médico do clube que acha ainda muito cedo para eles voltarem ao time titular na partida de amanhã.

SEM SORTE

Após o treino, Lorenzi conversou com os jogadores e dis-

CAUTELA MANTÉM DIDI



Didi foi cauteloso contra o São Cristóvão, esforçando-se pouco, e assim não sentiu o torçozelo, o que lhe garante a escalção amanhã, contra o Olaria

Didi nada sentiu e Neivaldo vai continuar titular

Com a mesma formação que venceu o Bangu e o São Cristóvão — pois Didi nada sentiu, embora jogasse quinta-feira um tanto recesso — o Botafogo vai enfrentar o Olaria, amanhã à tarde, no Maracanã, no jogo número um da rodada.

Neivaldo, que substituiu Amoroso no centro do ataque nestes dois últimos jogos, destacando-se pelas boas atuações e pelo espírito de luta, continuará como titular, pois está agradando muito ao técnico Marinho.

TREINO LEVE

Hoje, pela manhã, os jogadores alvinegros realizaram um leve exercício antes de seguir para a concentração. O prêmio pela vitória sobre o São Cristóvão, que foi de Cr\$ 10 mil, será pago segunda-feira.

Na tarde de hoje, quando da sua habitual visita aos jogadores, o presidente Paulo Azere do vai voltar a falar sobre o seu assunto predileto: a cautela dos craques durante as partidas. Julga o dirigente, que sua melhor ajuda ao time é a de alertar constantemente os jogadores contra a falsa impressão de título conquistado. E é o que vem fazendo todas as semanas.

VONTADE FAZ GÉRSÓN VOLTAR



Gerson, praticamente bom da contusão nos quadras, exercitou-se com cuidado, mas também com vontade, para poder jogar amanhã, contra o América, quando voltará ao time, do Flamengo, juntamente com seu companheiro de meio-campo, Carlinhos

O Vasco, um dos vice-líderes do campeonato, abre hoje à noite, no Maracanã, a terceira rodada do retorno, enfrentando o Fluminense, que apesar de sua fraca atuação neste campeonato o venceu no turno, em São Januário, por 2 a 1.

O jogo Fluminense x Vasco terá como juiz Geraldo César e está marcado para as 21 h 30 m.

DERROTA LÍQUIDA

O Vasco, com sete pontos perdidos, no lado do Flamengo e cinco pontos atrás do Botafogo, precisa vencer de qualquer maneira para manter suas esperanças no campeonato. A derrota, ou mesmo o empate, já colocam o quadro cruzmaltino numa situação difícil, reduzindo a quase nada suas possibilidades de conquistar o título.

Depois de uma fase irregular, o Vasco firmou-se nas últimas partidas e conseguiu manter a vice-liderança. Seus dois pontos de diferença sobre o Fluminense, porém, pouco significam, embora se saiba que a equipe tricolor enfrenta um momento crítico e de plena decadência. No turno, entretanto, também era assim e o Fluminense surpreendeu o

Vasco em seu próprio campo, vencendo por 2 a 1.

OS OUTROS

A terceira rodada termina amanhã à tarde, com Botafogo x Olaria, no Maracanã, às 17 horas, tendo como juiz Gualter Portela Filho; Flamengo x América, em São Januário, às 17 horas, com José Teixeira de Carvalho; e Bangu x São Cristóvão, em Moça Bonita, às 15 h 30 m, com Valdir Rocha Lima.

A rodada de juvenis, que será disputada domingo pela manhã, às 9 horas, é a seguinte:

Botafogo x Bonsucesso, no campo do Botafogo; Vasco x Fluminense, no campo do Vasco; Flamengo x Bangu, no campo do Fluminense; e América x Madureira, no campo do América.

Zezé treinou Jaburu e Flu repete time para enfrentar Vasco

Jaburu, dos jogadores que enfrentaram o América, foi o único a treinar ontem, para o jogo de hoje contra o Vasco, pois o técnico Zezé Moreira acha que ele está falhando muito nos chutes a gol e precisa se aperfeiçoar.

Bastante aborrecido por ter sido afastado do time, depois que Zezé Moreira acusou a equipe, após o jogo contra o Flamengo, de não lutar como devia, Telê reclamava ontem do técnico, dizendo que este cometera contra ele uma injustiça e o colocara numa situação difícil perante os dirigentes.

O TIME

Zezé Moreira, para enfrentar o Vasco, hoje, vai escalar a mesma equipe que venceu o América, inclusive podendo contar com Humberto, que melhorou do pé e foi absolvido pelo TJD da FCF, ontem.

Assim, para hoje, o Fluminense jogará com Castilho, Jair Marinho, Pinheiro, Clóvis e Altair; Edmilson e Paulinho; Calzans, Humberto, Jaburu e Escurlinho.

ATENÇÃO PARA JABURU

No treino de ontem, Zezé Moreira deu especial atenção a Jaburu, o único dos titulares que treinou. Zezé, dizendo que no tempo que passou parado, Jaburu perdeu a forma e o sentido de gol, o colocou para treinar ontem, justificando: — Jaburu está com pouca noção nos arremates e assim não é possível. Um jogador de ataque, acima de tudo, tem de marcar gols.

Após o treino, foi iniciada a concentração, que vai durar até amanhã, pela manhã, dormindo os jogadores na casa da Rua Paissandu, depois do jogo de hoje.

TELE REVOLTADO

Telê, evidentemente magoado, queixava-se da atitude do técnico Zezé Moreira, afastando-o do time.

— Depois do jogo contra o Flamengo — disse Telê — o técnico acusou a equipe de não se

empregar, no que foi por todos contestado. Agora, tira-me do time. Se eu sou o único que fui afastado, parece que era também quem não estava se esforçando. E isto é falso, é injusto. Todos que me conhecem sabem como jogo. Nunca levei problemas para dentro do campo e jamais fui displicente.

Torneio para os veteranos do basquete

Quatro clubes — Mackenzie, Riachuelo, Valim e Florença — solicitaram inscrição para o Torneio de Veteranos, que a Federação de Basquetebol realizará pela primeira vez na atual temporada.

O sorteio da tabela do torneio será segunda-feira, às 19 horas, com o retorno dirigido. Haverá mando de quadra.

IDADE MÍNIMA

Só poderão participar do Torneio atletas com a idade mínima de 35 anos e que não tenham participado de qualquer campeonato ou torneio, ou de 30 anos, no mínimo, inativos há mais de 36 meses. É necessário ainda ao atleta estar inscrito pelo clube que defenderá e não cumprir, no momento, pena disciplinar.

Carlinhos e Gérson voltam amanhã, mas Ari pára uma semana

Ari, com uma forte distensão no ombro direito, ficará fora da equipe do Flamengo por mais uma semana, continuando Fernando em seu lugar no jogo de amanhã, contra o América, em São Januário.

Carlinhos, que sofreu uma torção no tornozelo direito, e Gérson, que se contundiu nos quadris, já estão recuperados e, segundo o Dr. Antônio Pelosi, poderão voltar à equipe.

RATOS X PARA ARI

O Dr. Pelosi, por precaução, mandou o goleiro Ari a exame radiológico na tarde de quinta-feira, já que ele estava fora de cogitação para o jogo contra o Olaria, à noite.

Tranquilizou-se o médico rubro-negro com o resultado da chapa, que não indicava nada de anormal. Ari continuará o tratamento da distensão, fazendo aplicações de ultra-som.

QUEM JOGA

Carlinhos e Gérson se apresentaram ontem de manhã na concentração, mas o Dr. Antônio Pelosi preferiu poupá-los do treinamento individual que estava programado, fazendo apenas aplicação de ondas curtas no meio e ultra-som e hidromassagem no meio.

Os dois jogadores, como não atuaram contra o Olaria, farão um individual puxado hoje de manhã, quando se apresentarem na concentração, encerrando o treinamento para o jogo contra o América.

O quadro deverá jogar assim: Fernando, Joubert, Jadir, Boleiro e Jordan; Carlinhos e Gérson; Joel, Henrique, Dida e Babá.

PROGRAMA

Depois da partida contra o Olaria, os jogadores do Flamengo voltaram para a concentração, sendo liberados ontem às 7 horas. Tiveram o dia livre e voltam a se apresentar hoje,

Basquete multou o Sampaio

O Sampaio AC sofreu multa de Cr\$ 5 mil, com redução de 50%, e o atleta Iva P. Silva, suspensão por 4 jogos, no julgamento do processo 100/61, feito pelo Tribunal de Justiça da Federação de Basquetebol.

Em outra decisão (processo 105/61), o TJD suspendeu Gilberto Moura de Castro por dez dias. O julgamento do caso em que figuram como indiciados e EC Valim Amauri Reis da Silveira e outros foi adiado para a próxima sessão.

Espanha e França jogam amanhã

Paris (UPI) — A seleção espanhola, que jogará amanhã, contra a França, no Stade Colombien, em Paris, amistosa, já chegou a esta cidade.

O problema da terra na América Latina

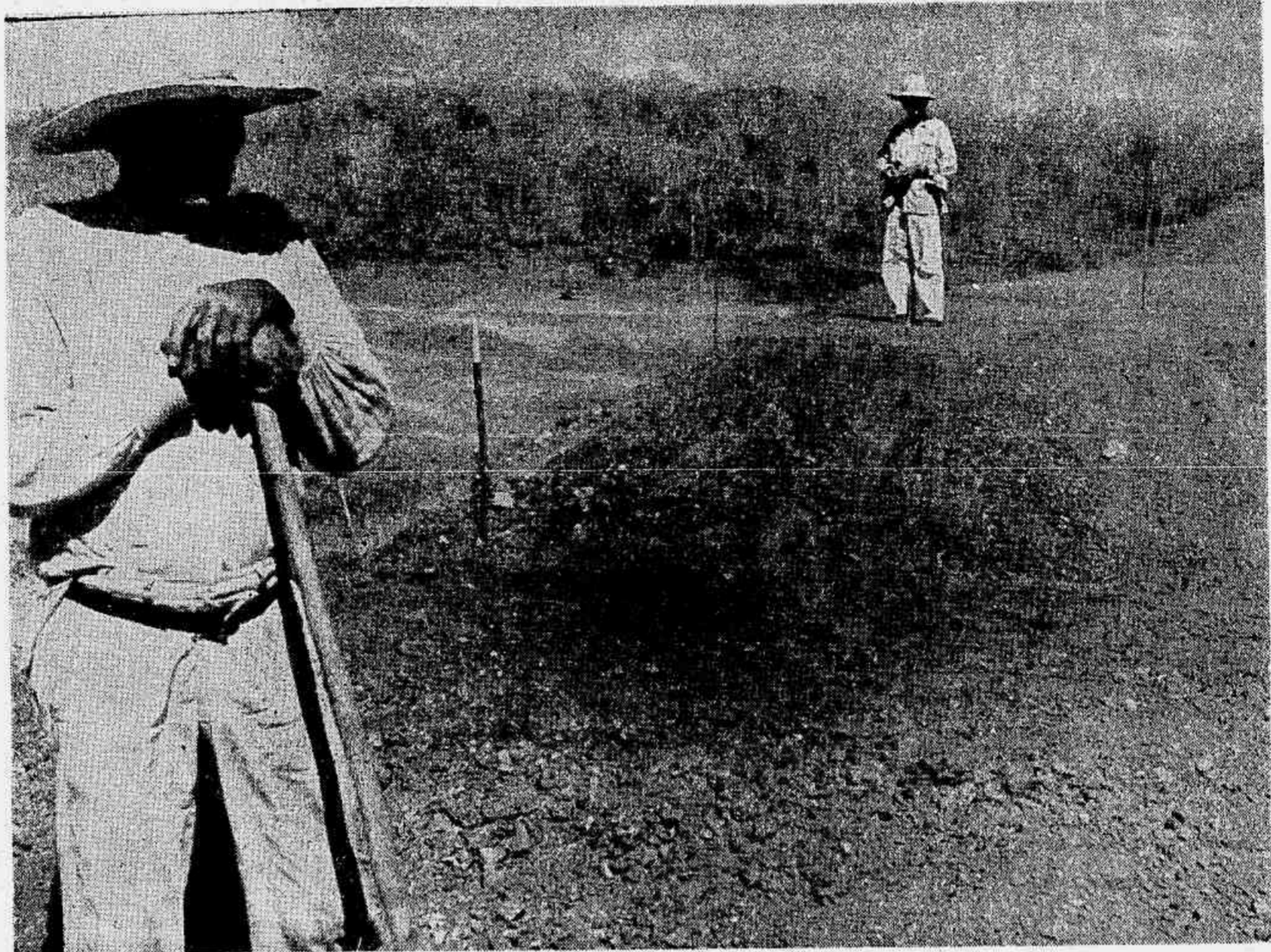
caderno b

SI

situação internacional

ESTA SEÇÃO SAI AOS SABADOS
JORNAL DO BRASIL — Sábado, 9 de dezembro de 1961

newton carlos



A metade do total de terras das propriedades agrícolas da América Latina está em mãos de apenas um e meio por cento de sua população. Este fato é suficiente para dar a medida da concentração agrícola em nosso Continente.

O problema, que a revolução cubana, as perspectivas de convulsão social e o programa Aliança para o Progresso catalogaram como de solução inadiável, está nesta página em dois itens principais:

1 — Depoimento de Chester Bowles, assessor do Presidente Kennedy para assuntos latino-americanos e afro-asiáticos. Esse depoimento foi retirado da revista *Combat*, de Costa Rica;

2 — Pequeno histórico das iniciativas visando modificar a estrutura agrária em países da América Latina, desde as medidas revolucionárias na Bolívia, adotadas a partir de 1953, até a reforma aprovada em novembro deste ano pelo Congresso da Colômbia.

Reformas e contra-reformas

A dois de agosto de 1953 decretou o Governo revolucionário boliviano:

1. O solo, o subsolo e as águas do território da República pertencem, por direito originário, à nação boliviana;

2. O Estado reconhece e garante a propriedade agrária privada quando esta cumpre uma função útil à coletividade nacional; planifica, regula, racionaliza seu exercício e tende à distribuição equitativa da terra, para assegurar a liberdade e o bem-estar econômico e cultural da população boliviana.

Segundo o censo de 1950, para 1,3 milhão de bolivianos que viviam da terra existiam 86 mil propriedades. Eram proprietários apenas sete por cento dos que trabalhavam no solo. Cerca de 1,2 milhão de pessoas dependiam de terras de outros.

Cerca de 615 latifundiários, 0,7 por cento do número total de proprietários e 0,55 por cento da totalidade dos bolivianos que dependiam da terra, eram donos de metade da área total dos estabelecimentos agrícolas. Os proprietários de área superior a mil hectares, embora representassem apenas seis por cento da população rural da Bolívia, controlavam 91 por cento das terras cultivadas.

Havia ainda o problema das terras virgens, tão grave como o elevado grau de concentração agrária. Em 1950, a área total das propriedades agrícolas não alcançava 1/3 do território boliviano. Somente dois por cento das terras da Bolívia estavam sendo cultivadas. Do outro lado, estava o minifúndio levado às suas últimas consequências: 50 por cento de todos os proprietários rurais só dispunham de lotes com áreas inferiores a três hectares.

A reforma agrária boliviana limitou entre 3 e 600 hectares o tamanho das pequenas propriedades, que obedecem a uma escala de localização. As de 600 hectares, por exemplo, só podem estar na zona subtropical.

Nas zonas dos vales, onde se encontram as melhores terras, o limite é de 42 hectares. O Artigo 77 assegura a todos os bolivianos maiores de 18 anos, sem distinção de

sexos, que se dediquem ou queiram dedicar-se às atividades agrícolas, um lote onde haja disponibilidade de terras, de acordo com os planos do Governo e sempre que, ao fim de dois anos, iniciem trabalhos agrícolas. Diz-se que aí está uma das marcas mais evidentes de que a Revolução Boliviana foi inspirada na Revolução Mexicana, de 1910.

A reforma na Bolívia não resolveu, principalmente, o problema da produtividade agrícola, que sofreu um grave declínio durante os primeiros quatro anos de Governo revolucionário, dirigido por Paz Estensoro. O Presidente Siles Suazo, sucessor de Estensoro, decidiu executar um plano de desenvolvimento das baixadas tropicais, região bem irrigada e fértil, até então deixadas ao abandono. Investiu-se maciçamente ali, a partir de 1956. Por ironia, fixou-se no departamento mais beneficiado, o de Santa Cruz, a maior oposição ao Movimento Nacional Revolucionário. Os colonos europeus, que já predominam na região, são contrários à política do Governo de distribuição de terras. Parece o início da contra-reforma.

Segundo o sociólogo brasileiro Pompeu de Azevedo, foram as seguintes as falhas mais graves da reforma agrária boliviana:

1. Doações raríssimas às propriedades cooperativas;

2. Quanto às doações individuais, não foi possível fazê-las com unidades à pequena propriedade nas diferentes zonas e subzonas, por falta de uma política oportuna de migração interna. Alastrou-se o minifúndio, sobretudo nas zonas de forte pressão demográfica;

3. Não se fizeram planos de produção para as unidades criadas com a reforma;

4. Não se traçou um sistema efetivo de organização de trabalho;

5. Limitaram-se em excesso as disponibilidades de crédito.

Feita a reforma agrária boliviana, veio a experiência da Guatemala, que terminou com a deposição de Arbenz, em 1954. Somente a 17 de maio de 1959, seria decretada uma nova reforma agrária, na América Latina: a de Cuba. Bolívia e Cuba escolheram o proces-

so revolucionário. Em 1960 e 1961, Venezuela e Colômbia tentariam o que seria chamado de réplica democrática. Fizeram suas leis agrárias sem violentar latifúndios. A respeito da lei venezuelana, disse o Presidente Betancourt:

— A nossa reforma agrária não inclui o despejo, sem a devida indenização, de terras pertencentes a particulares, porque, num regime legal como o da Venezuela, ninguém está autorizado a fazer justiça pelas próprias mãos.

A Venezuela tem cerca de sete milhões de habitantes, dos quais trinta e seis por cento estão no campo. Noventa e oito por cento de suas terras estão em mãos de dois por cento de sua população. De seus vinte e dois milhões de hectares de terras aproveitáveis, apenas três milhões são trabalhados. A 6 de março de 1960, diante de cem mil camponeses reunidos no campo de Carabobo, no mesmo lugar em que Bolívar consolidou a independência política do país, decretou Betancourt a plena vigência da reforma agrária venezuelana, anunciando o emprégo, em sua execução, de um bilhão de dólares, nos próximos quatro anos. Previa:

1. Doação de terras a mais de setecentas mil famílias;

2. Eletrificação do campo, construções de casas e escolas rurais e formação de cooperativas;

3. Assistência técnica e créditos aos camponeses estabelecidos nas novas terras.

Embora ainda seja cedo para analisar os resultados da reforma agrária na Venezuela, as informações são de que o espetáculo do campo de Carabobo não está tendo as consequências esperadas. Há poucos meses, o Presidente Betancourt fez um apelo às companhias de petróleo para que ajudem o Governo na execução de programas sociais cambaleantes, entre eles a parte de assistência à reforma agrária.

A lei de reforma agrária da Colômbia foi aprovada a 24 de novembro deste ano, pela Câmara dos Deputados. Cria ela um Instituto de Reforma Agrária que dispo-

rá de cem milhões de pesos para comprar terras e assistir os camponeses que irão recebê-las. As terras compradas poderão ser pagas em dinheiro batido ou em bônus que renderão juros de oito por cento ao ano. A 30 de novembro, declarou no Rio o Deputado colombiano Philippe Salazar Santos:

— A reforma agrária aprovada pelo Congresso da Colômbia, é, antes, uma contra-reforma. Desde 1936 diz a Constituição que a propriedade da terra tem uma função social, não sendo apenas um direito natural. A nova lei restabelece o direito natural, pois as terras serão compradas pelo seu valor comercial e não pelo valor declarado para efeito de pagamento de impostos.

Em dezembro de 1960, o Executivo peruano entregou ao Parlamento um projeto de reforma agrária, "destinado a mudar a estrutura agrária do Peru, assegurando sua transformação econômica e social sem recorrer a soluções de violência e arbitrariedade". A lei peruana ainda não superou a sua fase legislativa.

Também o Presidente Stroessner, do Paraguai, ensaiou uma reforma agrária. O Governo Camillo Ponce, do Equador (1956 a 1960), decretou uma lei de emergência em julho de 1959, determinando a distribuição de terras que haviam pertencido à Igreja.

São exemplos que valem apenas como referências de que a velha estrutura agrária do Continente sente seu fim próximo e procura sobreviver através de expedientes.

A reforma agrária cubana parece bem sucedida, principalmente quanto ao problema fundamental de diversificar a produção agrícola do país. Segundo o último informe do Instituto Nacional (cubano) de Reforma Agrária, entre 1959 e 1961 dobraram, ou quase dobraram, as produções de arroz, milho (de vinte mil para cento e oitenta e cinco mil toneladas), batata, soja (de mil para dezesseis mil toneladas), alho, cebola, tomate, algodão (de vinte mil para cinquenta e três mil toneladas) e outros.

A maioria dos povos da América Latina atravessa uma fase de profundas transformações sociais, políticas e econômicas. Na década atual esse fenômeno provocou revoluções na Bolívia, Argentina, Colômbia, Haiti, Venezuela e Cuba, enquanto em outros países registram-se acontecimentos que prenunciam novas transformações.

Os dirigentes nacionalistas, fortemente anti-comunistas em sua maior parte, estão empenhados em erradicar a pobreza, o analfabetismo, as dívidas em caráter perpétuo e o temor que durante gerações impediu a todos — com exceção de uma reduzida minoria — de participar do desenvolvimento de seus respectivos países. Inevitavelmente, uma das principais armas será a reforma agrária tendente a proporcionar a maioria das famílias camponesas a propriedade da terra.

Os comunistas latino-americanos aumentaram, sem dúvida, seus esforços para se associar ao movimento. A versão comunista da reforma agrária é somente o primeiro passo para um sistema de coletivização que converte o camponês em um escravo do Estado. Entretanto, essa fórmula exerce uma poderosa atração sobre muitos camponeses ingênuos que vêem nela uma promessa de libertação.

Considerar a História Fidel Castro como um ardente patriota ou um aventureiro? Ainda não se pode saber ao certo. Mas uma coisa é evidente: seu programa de reforma agrária — que limita a propriedade a mil acres e limita todas as aquisições para os cubanos — é indubitavelmente algo que se ajusta ao sentimento latino-americano.

Muitos políticos e dirigentes norte-americanos, situados no campo dos negócios, alarmados com a sorte das inversões em um sistema que os ataca, apressaram-se em qualificar de técnica comunista o confisco da terra. Não se dão conta das poderosas forças que impulsionam a medida. O agudo conflito existente entre suas reações e as latino-americanas reflete uma falta de compreensão que pode nos levar a novos crises com nossos vizinhos do Sul, de importância vital para nós. Que elementos estão em jogo? Que possibilidade existe de se resolverem os problemas por meios democráticos?

A estrutura social da maior parte dos países da América Latina e as injustiças que sofreram durante os tempos da conquista e da colônia. Os conquisadores se as-

senhorearam dessas terras nos séculos XVI e XVIII, trazendo para elas suas instituições feudais. Quando foram rompidas cadeias coloniais em princípios do século XIX, o papel dominante dos grandes proprietários de terras quase não sofreu alteração.

Atualmente 1,5% do povo — ou seja: os que possuem 15 000 ou mais acres — são os donos da metade de toda a terra dedicada à agricultura na América Latina. Na Venezuela, 3% do povo é dono de 9/10 da terra. Enquanto uma alta porcentagem de latino-americanos está constituída por empobrecidos camponeses arrendatários, escravizados por pesadas dívidas contraiadas com os proprietários da terra.

Se esse antiquado sistema agrário produzisse uma adequada colheita de alimentos e fibras a preços razoáveis, as injustiças sociais e econômicas seriam menores e menos visíveis. Mas como a maior parte da terra está destinada ao cultivo da cana e do café, produtos que somente beneficiam a uns poucos, e como os métodos de cultivo são rudimentares, a maioria dos latino-americanos continua vivendo à base de uma dieta insuficiente. Enquanto isso, a população aumentou de 2,5% por ano, intensificando o problema da subalimentação.

Com os fortes ventos de reformas social, política e econômica que sopram pelo Continente e com os comunistas que agem incansavelmente, a situação na América Latina é explosiva e tende a agravar-se cada vez mais.

Ainda bem que as vozes anticomunistas falam cada vez com maior ênfase em prol de uma reforma agrária democrática que assegure completa e permanentemente a propriedade da terra aqueles que a cultivam. Entre as vozes mais importantes que se fazem ouvir nesse sentido, temos a da Igreja Católica Romana.

Em abril de 1957, o 4.º Congresso Católico Internacional sobre o Problema da Vida Rural reuniu-se em Santiago do Chile. A conferência chegou à conclusão de que o estabelecimento de pequenas fazendas e de propriedade independente constituía a chave para a estabilidade e o progresso da América Latina e da maioria dos países subdesenvolvidos do mundo.

centa em outra parte: "Não é a vontade de Deus que alguns desfrutem de extravagantes riquezas enquanto outros... carecem do que é mais necessário."

O Congresso chegou também à conclusão de que as modificações necessárias nos velhos moldes da sociedade não se podem conseguir simplesmente por meio das exortações e que, portanto, "uma certa medida de intervenção do Estado é necessária".

Em toda a América Latina os elementos genuinamente liberais e democráticos reconhecem que uma transformação do sistema da posse da terra é indispensável para a paz e a estabilidade. A classe dos grandes proprietários de terra, entretanto, parece incapaz de compreender isso. Como a terra é tradicionalmente um símbolo de poder e prestígio, seus proprietários recusam as mudanças tenazmente. Os excessos da revolução mexicana, há uma ou duas gerações atrás, e as lições ainda mais terríveis das revoluções soviética e chinesa não parecem ter-lhes ensinado coisa alguma.

Cada país tem um tipo particular, com suas condições específicas. Em muitas repúblicas, milhões de acres pertencem ao Estado ou aos Governos federais. Essas terras em grande parte permanecem sem ser cultivadas. Distribuir parte delas entre os camponeses, provendo-os ao mesmo tempo de ajudas essenciais como crédito, sementes, apêlo, e orientação, pode ser o melhor método para realizar a reforma.

Não há dúvida de que grandes modificações no sistema de posse da terra na América Latina são inevitáveis. Mas como se efetuarão essas modificações? Por meio de uma revolução sangrenta ou por meio de um plano democrático de amplo alcance? Vejamos as lições do passado.

No México, entre 1916 e 1934, aproximadamente 25 milhões de acres de terra feudal foram expropriados e entregues aos camponeses. Mais de 900 000 peões receberam doações de pequenas fazendas nessa primeira fase do sistema. Durante a administração do Presidente Cárdenas, que começou em 1934, 50 milhões de acres adicionais foram expropriados passando à propriedade de 8 milhões de camponeses que não possuíam terras.

Alguns dos pontos fracos das primeiras fases da reforma agrária mexicana acabaram por fazer-se patentes. Os novos proprietários índios, conquanto tivessem muita vontade de trabalhar, não se achavam em condições de

fazê-lo por falta de sementes, animais e equipamento. Não tinham a quem recorrer em busca de crédito. Não estavam familiarizados com planos e técnicas, nem tampouco com os mercados. O resultado foi uma queda da produção agrícola e uma redução considerável nas safras do milho e do feijão que figuram entre os principais produtos básicos. A partir de então, o governo do México, com o auxílio público e particular dos Estados Unidos, deu grandes passos para superar os pontos fracos e hoje a produção segue em aumento constante.

Na Venezuela, o Presidente Rómulo Betancourt apresentou ao Congresso em julho passado um projeto de lei que aborda de maneira vigorosa o problema agrário e sua atrasada estrutura atual. Tomando em consideração as experiências do México, o programa venezuelano contém um crédito liberal do Governo, destinado a equipamentos, sementes, fertilizantes e um serviço de orientação para os novos proprietários da terra. Esta é a segunda vez que Betancourt aborda o problema. Em 1948 o seu partido, Ação Democrática, que chegou ao Poder pela primeira vez como resultado das primeiras eleições livres realizadas na Venezuela, aprovou uma Lei de Reforma Agrária, por meio da qual se estabelecia a expropriação da terra com sua correspondente compensação, e redistribuição da mesma entre os camponeses que não a possuíam. Trinta e seis dias depois, os militares derrubaram o Governo reformista.

Na Bolívia, a reforma agrária foi o primeiro passo do regime revolucionário de 1952. Os proprietários de terra bolivianos se caracterizaram pelo sistema de servidão que lhes permitia exigir serviços pessoais por parte dos peões e de suas esposas. O governo revolucionário fez planos para dar a cada camponês entre vinte e cinco e dois mil acres, fixando a quantidade de acordo com a produtividade da terra. Mas na Bolívia não se havia feito nem sequer um mapa adequado das terras disponíveis cultiváveis. Impacientes, os camponeses armados se lançaram à luta. Atualmente a reforma agrária na Bolívia se encontra em um estado caótico. Mas uma coisa é certa: os camponeses bolivianos jamais voltarão a suportar em silêncio a dura servidão feudal.

Os dirigentes latino-americanos verdadeiramente responsáveis es-

(Continua na pág. 2).

Estatística

Os Estados Unidos têm cerca de 183 milhões de hectares de área cultivada. Sua população rural corresponde a 36 por cento de sua população total. Vai a 5,7 por cento o analfabetismo no meio rural norte-americano. A porcentagem de casas rurais com água corrente é de 57 por cento e de 83 por cento as que têm eletricidade. A população rural do Bra-

sil corresponde a 64 por cento da população total e a área cultivada é de apenas 19 milhões de hectares. O analfabetismo no meio rural brasileiro quase chega a 70 por cento; é de apenas um por cento o número de casas rurais que têm água corrente e de quatro por cento as que têm energia elétrica. O paralelo é chocante. Apenas os EUA são uma

exceção, nas Américas. enquanto o Brasil representa a regra geral, na América Latina. Eis os índices da Colômbia, que inicia um programa moderado de reforma agrária: população rural corresponde a 65 por cento da população total, quase cinco milhões de hectares de área cultivada, cinco por cento de casas rurais com água corrente e quatro por cento com eletricidade.

O número de analfabetos no meio rural da Venezuela vai a mais de 70 por cento, a área cultivada não chega a três milhões de hectares. Na América Latina, apenas a Argentina quase rompe a barreira do subdesenvolvimento, no campo: sua área cultivada vai a 30 milhões de hectares, sendo de apenas 23 por cento o número de analfabetos no meio rural.

Doze anos de Direitos Humanos

Jo Castanheira

Especial para o JORNAL DO BRASIL

Uma mensagem do Secretário-Geral da ONU, U Thant, onde versos de Tagore reforçam a aspiração do advento de um mundo no qual todos terão liberdade, será o ponto alto da celebração, amanhã, em todos os cantos do mundo, do Dia dos Direitos Humanos.

Há 12 anos, nessa mesma data, a ONU aprovava a Declaração Universal dos Direitos Humanos, consagrando, em um instrumento jurídico internacional, os princípios da igualdade e da liberdade dos homens. Embora sem aquele elemento coercitivo que caracteriza o direito comum, a Declaração dos Direitos Humanos, 12 anos depois de nascida, vem exercendo um importante papel na vida entre as nações.

MENSAGEM

— Este dia — diz o Secretário-Geral em exercício, U Thant, na mensagem que enviará a todos os povos — representa uma oportunidade para que nos concentremos na urgente alternativa com que se defronta a humanidade. Escolheremos, em desespero, um caminho que levará inevitavelmente à extinção da própria vida? Continuaremos a preparar-nos para um holocausto que resultará num mundo sub-humano em que mal valerá a pena sobreviver? Ou deixaremos de lado o instigado apelo da desconfiança e o constante jogo do medo, para voltarmos a dedicarmo-nos à consecução dos padrões comuns estabelecidos pela Declaração dos Direitos Humanos? As palavras da Declaração são claras e imperativas. Elas proclamam como a mais alta aspiração da humanidade o advento de um mundo no qual todos os seres humanos gozarão da liberdade de palavra e de crença e da liberdade em relação ao medo e à privação.

— Olhemos para dentro, por um momento, neste Dia dos Direitos Humanos e reconhecamos que ninguém, nenhum indivíduo, nenhuma nação e, decerto nenhuma ideologia tem o monopólio da retidão, da liberdade ou da dignidade.

A mensagem do Secretário-Geral U Thant pede que se faça ao desejo expresso por Rabindranath Tagore, de modo que o mundo de hoje possa ser verdadeiramente um mundo:

"onde a mente é sem temor e a cabeça anda erigida; onde o saber é livre; onde o mundo não foi reduzido a fragmentos por estreitos muros do mistério; onde as palavras surgem das profundezas da verdade; onde o esforço incansável ergue os braços rumo à perfeição..."

A DECLARAÇÃO

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi aprovada, sem votos contra, pela Assembleia-Geral da ONU, em 1948. A Declaração tem ao todo trinta artigos, sintetizando as liberdades civis, políticas e religiosas por cuja implantação os homens lutam há séculos. Incorpora ainda a Declaração novos direitos econômicos e sociais que só agora vão sendo reconhecidos pela consciência mundial.

Os antigos direitos à vida, à liberdade, à segurança pessoal, o reconhecimento da personalidade jurídica e uma proteção igualitária da lei são consagrados. A escravidão, a tortura, as ingerências arbitrárias na vida pri-

vada, na família, no domicílio e na correspondência ficam proibidos. Reconhece-se o direito da nacionalidade, da liberdade de movimento e o direito de asilo político.

A Declaração defende também o direito de propriedade, da qual ninguém pode ser arbitrariamente privado. Os direitos econômicos e sociais são proclamados: o direito ao trabalho, a férias pagas, a proteção contra o desemprego; o direito de cada um de escolher livremente o seu trabalho; de tomar parte em sindicatos e de receber remuneração justa pelo trabalho praticado. A Declaração reconhece o direito de cada pessoa a um nível de vida adequado, compreendendo casa, assistência médica e serviços sociais em caso de doença, niuvez e velhice.

INFLUÊNCIA

Após a sua aprovação, a Declaração de Direitos Humanos tem sido citada em resoluções e recomendações tomadas pela ONU, e mesmo Governos individuais têm inspirado muitos dos seus atos na Declaração que é muitas vezes expressamente referida.

Assim, a ONU reconheceu, em 1949, que uma paz genuína e duradoura não pode ser mantida sem que os direitos e liberdades fundamentais do homem sejam respeitados. A resolução aprovada em 1949 pela Assembleia Geral cita expressamente a Declaração dos Direitos Humanos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos não distingue países independentes e países não independentes. Seus princípios devem ser aplicados a todos os homens, vivendo em países soberanos ou em colônias. A Carta da ONU, no seu artigo 73, recomenda que os Estados administradores de países ainda não independentes informem anualmente as Nações Unidas sobre o desenvolvimento desses países sob tutela, a fim de que no momento devido a sua independência possa ser concedida. Em 1950, a Assembleia-Geral convidou os países administradores a transmitir informações "sobre a extensão em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos é implementada nos territórios não soberanos, sob sua administração".

A Assembleia-Geral tem ainda adotado várias resoluções condenando a segregação racial, citando expressamente a Declaração dos Direitos Humanos.

A família, protegida pela Declaração, como o grupo fundamental e natural da sociedade, tem encontrado também grande proteção, sobretudo no Conselho Econômico e Social da ONU.

Vários instrumentos do sistema jurídico interamericano consagram a Declaração dos Direitos Humanos, assim como outros tratados e declarações internacionais. A famosa Conferência de Bandung — unindo os países chamados neutralistas — consagrou no seu comunicado final a Declaração dos Direitos Humanos.

Doze anos depois de sua assinatura, a Declaração Universal dos Direitos Humanos é o instrumento básico tendente a salvaguardar a paz mundial, pois só a dignificação do ser humano, e dos direitos a ele inerentes, poderá proporcionar a convivência pacífica das nações.



CONTRA A OPRESSÃO
A Declaração dos Direitos Humanos proíbe, entre outras formas de opressão, a escravidão (Foto Nações Unidas)

Os comunistas italianos debatem o polícentrismo

Sandro Volta,

de L'Express para o JORNAL DO BRASIL

"O caminho italiano para o socialismo", como o definiu Palmiro Togliatti pouco tempo depois do 20.º Congresso do Partido Comunista da URSS, recebeu ampla consagração no 22.º Congresso, há pouco realizado em Moscou. E, no entanto, a crise que ameaça o Partido Comunista Italiano e a mais grave de todas as que afligem, atualmente, os partidos comunistas ocidentais.

Em 1958, Nuovi Argomenti, revista não comunista dirigida por Alberto Moravia, havia publicado um artigo de Togliatti que traçava o "caminho italiano para o socialismo": caracterizava-se tal caminho por uma certa independência dos partidos comunistas locais em relação ao Estado-guia. Independência que deveria promover uma liberalização progressiva e permitir o desenvolvimento de uma ação política adaptada às situações particulares dos diversos países.

As teses de Togliatti receberam muito fria acolhida em Moscou e o PCI renunciou à sua aplicação. Contudo, a posição de seu líder permitiu aos dirigentes comunistas italianos conservar um certo desembaraço e evitar o isolamento político fatalmente advindo de um sectarismo muito extremo.

Essa condenação do dogmatismo excessivo por parte do PCI deu origem, de resto, a uma querela com o Partido Comunista Francês, impermeabilizado que se achava este último numa intransigência que o privava, forçosamente, de exercer qualquer influência sobre a vida política francesa. Muito embora Jaia tivesse uma repercussão insignificante entre o grande público, a querela se manteve acesa durante os últimos cinco anos. Era de esperar, portanto, que seria o PCI, em lugar do PCI, o mais transformado pelo lance teatral do 22.º Congresso. Ora, o que se deu foi exatamente o contrário. Os dirigentes do Partido Comunista Francês, querendo impedir a todo custo qualquer discussão interna, apressaram-se a aprovar integralmente o

discurso de Krushev, sem tentar, sequer, explicar aos militantes de base as espantosas conclusões do mesmo.

Na Itália, onde os militantes apreciam a autocritica e as discussões internas, um tal alinhamento conformista era de todo impossível. Se bem que ele possa reivindicar o mérito de haver, antes que qualquer outro, proposto que se acelerasse o movimento de desestalinização iniciado no 20.º Congresso, na verdade Togliatti encontrou-se numa situação das mais delicadas dentro de seu partido; pois o "caminho italiano para o socialismo" precisava uma evolução gradual e não uma denúncia brutal levada até as últimas consequências.

MAIS CLAREZA

Na reunião do Comitê Central do PCI, que teve lugar na primeira semana de novembro, Togliatti fez frente à crise com sua habitual prudência tática. Sem deixar de se declarar de acordo com Krushev sobre o essencial, levantou a questão de "se seria verdadeiramente indispensável, no decorrer do 22.º Congresso, ter reaberto o dossiê de acusações e ter concentrado o fogo sobre um grupo de velhos colaboradores de Stalin, expulsos em 1957 do Comitê Central".

"Não é fácil — disse ele — dar uma resposta satisfatória a essa questão, pois nós não conhecemos tudo sobre a vida interna do partido soviético." Essa confissão de ignorância em que estivera daquilo que se tramava em Moscou deu-lhe a oportunidade de criticar os métodos moscovitas: "Talvez — acrescentou — uma informação mais completa tivesse ajudado o movimento comunista internacional. A clareza, nesse caso, não pode prejudicar, pois quanto maior luz se faz, tanto mais rápido o progresso."

Apoiando-se nessa crítica e em algumas outras, Togliatti proclamou o valor atual do "caminho italiano para o socialismo" e afirmou que "o Estado-guia tem que desaparecer".

O que mais preocupa Togliatti é que a denúncia contra Stalin serviu para aumentar o afastamento entre o PCI e o Partido Socialista. Dando motivo a que o Sr. Pietro Nenni afirmasse que os erros e os crimes de Stalin não passavam de consequências da própria estrutura do Estado soviético, centralizado e totalitário, onde cada um era obrigado a se inclinar diante da opinião do Ditador.

O PAPEL DE TROTSKY

Togliatti respondeu ao líder socialista reconhecendo a existência desse grave perigo, mas negando que seja impossível proteger-se dele ou que sua origem esteja dentro do próprio sistema. Para ele, o intercâmbio de idéias pode e deve ser constante em um partido marxista.

"As instituições soviéticas — disse ele — são o resultado de uma longa evolução histórica, e uma volta para trás é impossível. Sua própria existência, bem como os progressos econômicos e políticos da sociedade soviética, constituem uma prova de sua legitimidade."

Os argumentos de Togliatti, não obstante sua garantia de eficácia, não bastaram para convencer todos os membros do Comitê Central quanto à excelência de um sistema que pôde permitir a um homem exercer sua ditadura absoluta durante mais de trinta anos. Houve, assim, alguns que levaram mais longe a autocritica.

O Sr. Mário Alicata, retomando as teses de Pietro Nenni, declarou que havia um problema institucional na URSS a ser considerado — o que, de resto, não importava em colocá-lo nos mesmos termos que os inimigos do comunismo.

O Sr. Gian Carlo Pajetta, muito embora não achasse haver motivo para uma revisão das estruturas, reconheceu a necessidade de uma "circulação mais ampla das idéias na vida interna dos partidos comunistas".

O Comitê encerrou seus trabalhos aprovando, por unanimidade, uma moção que afirma que "o PCI manteve sempre um procedimen-

to democrático que permitiu a formação de um grupo dirigente fiel aos princípios de tolerância e de livre discussão".

Essa conclusão não traz, entretanto, nenhuma solução para a crise atual e não bastará de certo para conter a corrente renovadora que se manifesta no interior do PCI.

A Federação das Juventudes Comunistas, em sua publicação oficial Nuova Generazione, publicou um editorial onde se lê:

"Não esperaremos pelo 23.º Congresso do PC soviético para afirmar a necessidade de uma revisão crítica de toda a história soviética, mesmo recente, e para reclamar uma análise mais justa do papel desempenhado por Trotsky na Revolução de Outubro."

UMA CORRENTE RENOVADORA

Ansiosos por recuperar na vida política italiana uma influência comprometida até o presente pela dependência dos dirigentes do Partido em relação a Moscou, os jovens comunistas escreveram: "Quarenta anos de História permitiram a edificação de um mundo socialista forte e respeitado e abriram perspectivas para a paz universal"... "E com orgulho e confiança que retomamos um debate durante muito tempo freado por métodos frequentemente ilegais"... "Podemos afirmar hoje que uma nova geração entra na luta do movimento operário; uma geração que não conhece a época estalinista e que busca sua vocação revolucionária nas fontes racionais e críticas do marxismo-leninista e não mais cede ao imperativo de uma unanimidade servil."

A tomada de posição das Juventudes Comunistas teve repercussões imediatas entre os intelectuais inscritos no PCI e criou um movimento irresistível nas federações, nas células e nos sindicatos.

Palmiro Togliatti tem agora a seu cargo a difícil tarefa de canalizar essa poderosa corrente vinda da base para fazer triunfar o "caminho italiano para o socialismo".

Depoimento de Chester Bowles

(Conclusão da 1.ª)

tão ansiosos por poder legislar um plano cuidadoso de distribuição da terra antes que a impaciência do povo dê lugar a algo parecido com a experiência que acabamos de expor. O principal obstáculo, além da resistência dos proprietários de terras, é a falta de dinheiro para pagar as expropriações das mesmas. Somente quatro vezes em nosso século se efetuaram reformas em grande escala por governos democráticos com compensações razoáveis aos donos de terras: na Tcheco-Eslováquia em 1926, no México pós-revolucionário, em algumas partes da Índia e em Porto Rico, onde o Congresso em 1900 aprovou uma lei que limita a propriedade da terra por corporações a 500 acres.

Hoje, na América Latina, somente a Venezuela, por causa de seu petróleo, tem o capital necessário para realizar as transações sem lesar mescurposamente o anterior proprietário das terras. Mas a História esperará? Essa situação é um desafio à diplomacia dos Estados Unidos na América Latina. As inversões privadas dos cidadãos dos Estados Unidos nesta área ultrapassam a cifra dos 9 bilhões de dólares. São maiores do que em qualquer outra região do mundo e nem todas estão baseadas em acordos estritamente legais. Muito embora somente uma parte dessas inversões diga respeito a terras, alguns interesses financeiros americanos estão convencidos de que serão seriamente afetados por uma lei que acabe com as grandes propriedades.

Tal situação permite supor que qualquer tentativa — por muito tentativa e razoável que seja — de liquidar o velho sistema agrário da América Latina será interpretada como confisco comunista. A pressão sobre o Congresso e o Departamento de Estado aumentará gradualmente e mais cedo ou mais tarde obrigará-nos a apoiar os interesses que criam obstáculos para o desenvolvimento de uma região da qual dependa nossa própria segurança.

Ironicamente, esta atitude se apartará da tradição americana de dividir a propriedade da terra. Um de nossos primeiros atos depois da obtenção da independência consistiu em revogar as leis coloniais britânicas que protegiam a existência de grandes fazendas. Confiscaram-se as terras dos partidários da metrópole. A lei de 1862 concedeu 160 acres a cada chefe de família que se dispusesse a cultivá-los. Por volta de 1880, três de cada quatro camponeses americanos eram proprietários ou co-proprietários das terras que cultivavam.

Durante a depressão dos anos 30, nossa convicção profunda das vantagens das pequenas fazendas deu lugar a que o Congresso aprovasse leis que facilitam empréstimos a longo prazo e com juros muito baixos a fim de impedir embargos ao compeço, ajudando-o assim a continuar trabalhando e controlando sua própria terra.

Desde a Segunda Guerra Mundial, nossa convicção histórica de que a distribuição de terra entre pequenos proprietários é essencial para a estabilidade democrática refletiu-se constantemente em nossa política externa. A reforma mais radical dessa natureza na História moderna foi ini-

ciada sob os auspícios dos Estados Unidos pelo General MacArthur no Japão, logo depois da guerra. Antes de Pearl Harbor, dois terços dos camponeses do Japão eram arrendatários. Hoje, 92% das famílias camponesas nipônicas são donas de sua terra e estão quebrando os records de produção.

Foi a pressão americana também que forçou Chang Kai-Shek a pôr em vigor em Taiwan um sistema democrático de propriedade da terra — sistema que se houvesse estabelecido na China continental, dez anos antes, teria provavelmente conseguido que os camponeses lutassem a seu favor. Sob o programa do Generalissimo, não se permite a nenhum camponês possuir mais de dez acres e ninguém pode ter terras que não cultive. Os funcionários governamentais em Taipé consideram que essas medidas têm dado ótimos resultados, especialmente sensíveis no aumento de produção do arroz por acre.

No Vietnã do Sul está-se desenvolvendo com êxito um programa similar, também sob a orientação de representantes dos Estados Unidos. Tal era a força da oposição a essas reformas de após-guerra que só puderam ser implementadas por meio de decretos.

Como se pode ver, os fatos demonstram que os Estados Unidos não só são partidários das reformas agrárias como ainda patrocinaram as medidas drásticas que por vezes foram necessárias para a implementação da reforma em países como a América Latina e a Índia. Podemos pôr à prova essa nossa tradição nos meses e nos anos vindouros.

Podemos demonstrar uma alternativa prática frente à simples confiscação comunista? Pode a diplomacia americana atuar com o necessário tato, a necessária adaptabilidade e a conveniente persuasão para trabalhar junto com os novos e latentes governos latino-americanos em prol desses objetivos?

Se bem que nosso Governo não possa dirigir o curso dos acontecimentos, pode, entretanto, exercer sua influência construtiva. Por exemplo:

1. Podemos reafirmar nosso tradicional apoio a medidas razoáveis que assegurem a subdivisão da terra entre o maior número possível de proprietários que a cultivem.

2. Podemos contribuir com nossa ampla experiência mundial para auxiliar os governos da América Latina em seus planos de compensação que estabeleçam um pagamento justo aos proprietários de terras confiscadas, sem criar uma carga desproporcionada para os novos proprietários.

3. Podemos de antemão acostumar-nos à idéia de que a razão não prevalecerá sempre, que se produzirão injustiças e que o preço que a curto prazo se venha a pagar pela estabilidade duradoura parecerá em certas ocasiões exorbitante.

Acima de tudo, cumpre não perder de vista o essencial. Na América Latina, como na Ásia, como na África, a verdadeira eleição tem que ser: escolher entre a cidadania e a servidão, a esperança e o desespero, o desenvolvimento político ordenado e o levante sangrento. Se fracassarmos na interpretação desta alternativa, ou no apoio vital aos novos elementos, que se estão esforçando para dirigi-la, seria catastrófico.



Martelada custa caro a campeão

PARIS — Por haver ferido acidentalmente um colega, no lançamento do martelo, o campeão francês da modalidade, Guy Husson, foi condenado pela Corte de Apelação de Paris ao pagamento de um milhão e meio de francos leves.

... A penalidade atinge a sociedade esportiva da qual Husson faz parte, mas, como ambos estão segurados, as companhias seguradoras é que arcarão com as despesas.

Itália premia espôsa ideal

Pavia — Um concurso de âmbito nacional para premiar a Espôsa da Itália 1962 acaba de ser lançado no país, impondo como condições para obter classificação, "dotes excepcionais de espírito de sacrifício, constância, modéstia, gentileza e fidelidade aos ideais da família".

O prêmio estende-se, também, às senhoras italianas residentes no estrangeiro, e quem souber de alguma que reúna todas essas qualidades poderá fazer a indicação até 25 de janeiro do próximo ano.

Pizza é bom mas tem hora

Logo após receber o prêmio de fabricante da melhor pizza de Paris, Monsieur Filippo di Piazza sofreu o vexame de ser agredido por um dos candidatos derrotados no concurso, que amassou, num rasgo de despeito, a sua própria pizza no rosto do campeão.

Filippo só ficou aborrecido pelo fato de ter que provar, à força, o trabalho do desleigante concorrente, mas por fim admitiu ter sido o melhor assim, já que pôde confirmar, na própria língua, a honestidade do paladar do júri: a pizza do rival estava intolerável.



Domésticas trocam os seus fogões por táxis

Havana — Três mil empregadas domésticas abandonaram recentemente as suas patroas para trabalhar, em data próxima, como motoristas de carros de aluguel, a fim de ajudar na solução do problema de transportes da Cidade, que se agrava sempre ao meio-dia.

Acostumadas a dirigir seus fogões e tanques, no balnete diário, as ex-domésticas estão dispostas a botar junaça no tráfego cubano para lavar a autêntica roupa suja em que se constitui o rush em Havana.

Cérebro humano suporta 42 graus

Washington — O cérebro humano pode suportar mais de meia hora temperaturas de 42 graus, segundo comunicação feita ao Congresso de Neurocirurgia Internacional, que se realiza nesta Capital, pelo Dr. Basil Harris, que fez a experiência com cães, mas admite que os homens tenham a mesma reação.

A descoberta pode ter grande importância para o tratamento de tumores cerebrais, mesmo porque experiências em vidro demonstraram que os tecidos cancerosos podem ser destruídos, em certos casos, com altas temperaturas.

É difícil dormir com tique-taque no estômago

RÉGION DE EMILIA — Durante cinco dias, o menino Willer Spallanzani, de Montecchio, viveu com um relógio de pulso no estômago, expulsando-o afinal pelos trâmites normais, quando os médicos, após comprovar a presença do corpo estranho no raio X, dispunham-se a praticar a cirurgia.

O menino, de três anos, encontrou o relógio por acaso, quando brincava em sua casa e, como se tratasse de uma peça muito pequena, levou à boca e engoliu sem esforço. Livre, afinal, do aparelho, o menino confessou que a única coisa que o incomodava era o tique-taque persistente, que não o deixava dormir.

Para bom entendedor, fone vale um cicerone

Uma nova invenção acaba de ser apresentada em Paris, por ocasião da abertura da exposição O Século do Automóvel, no Conservatório Nacional de Artes e Ofícios. Trata-se de um autêntico guia eletrônico, através do qual os visitantes podem conhecer em detalhes todas as peças expostas, graças a um fone especial que transmite, em gravação,

tudo aquilo que os mais curiosos gostariam de perguntar.

... Ao penetrar no recinto da exposição, o visitante recebe um desses aparelhos e, assim munido, pode percorrer todos os stands, sem a necessidade de recorrer aos habituais demonstradores, que, por sua vez, descansam de uma tarefa das mais aborrecidas, sem dúvida.

Não dá sorte ter nome do Duce

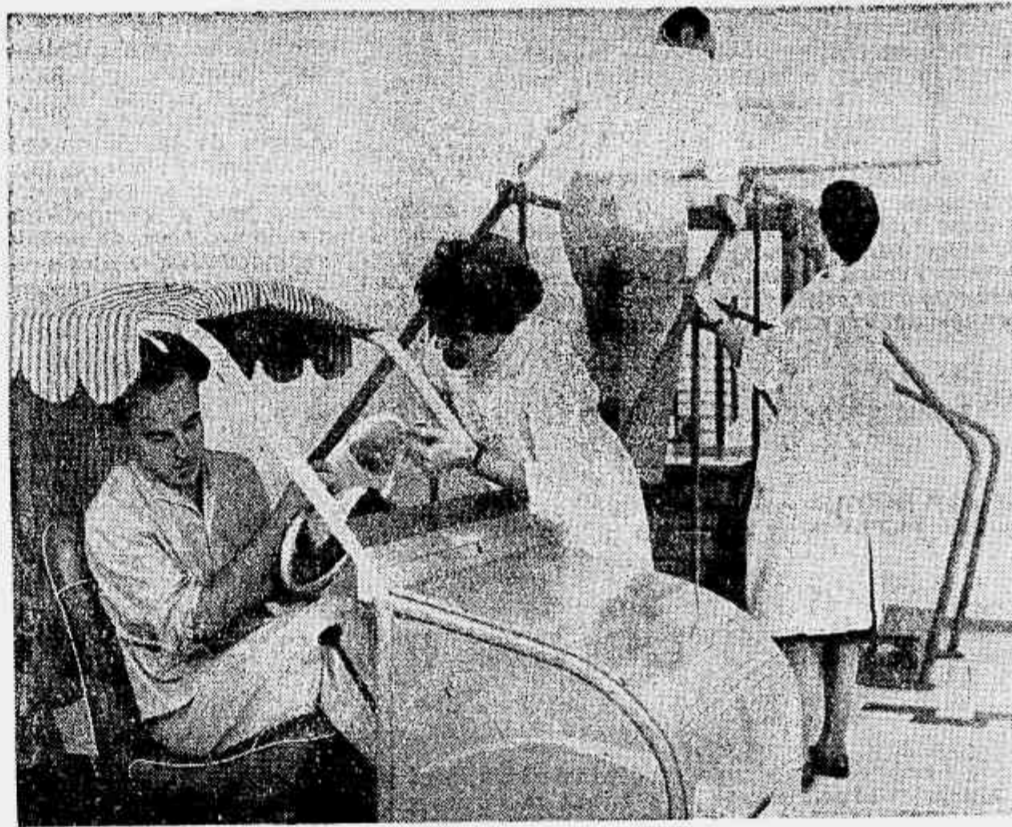
GENOVA — Um jovem italiano de Bari pagou caro por ostentar o nome do ex-Ditador Benito Mussolini. Casado de trabalhar como camareiro de primeira classe num navio italiano, Benito desertou e foi empregado-se, clandestinamente, nos Estados Unidos.

Em Brooklyn, tornou-se muito popular entre membros da colônia italiana, que na intimidade o tratavam por Duce. Essa popularidade levou o seu nome até aos ouvidos dos agentes de emigração, que acabaram por instaurar inquérito e, descobrindo que Mussolini era clandestino, mandaram-no de volta para a Itália.

Apreendida novela do século XVII por obscena

ZURIQUE — Os metos literários suíços foram agitados pela decisão das autoridades da Censura, que ordenaram a apreensão de 1 480 exemplares de uma novela chinesa do século XVII e a destruição dos manuscritos da tradução alemã, sob acusação de obscenidade.

O editor da obra — intitulada Yo pu Tuan — alega que se trata de obra científica e literária, que nada tem de obsceno. Os debates em torno do caso esbarraram, porém, num grave impasse: a ordem da Censura foi de tal forma bem executada que não há um só exemplar disponível para a esclarecimento da dúvida suscitada.



Acidentados têm nova chance de acidentarem-se

MUNIQUE — Os motoristas, vítimas de perturbações motoras ou psíquicas, em consequência de acidentes no exercício da profissão, encontram meios de recuperar-se no Hospital de Munique, onde enfermeiras especializadas (que também entendem de mecânica) os levam a reiniciar a carreira em carrinhos especiais.

Conquanto mais pareça um automóvel de brinquedo, o original modelo dispõe de todos os elementos de um carro de verdade e, no seu comando, os acidentados vão readquirindo coragem e agilidade suficientes para enfrentar novas escaramuças no tráfego.

Inglêses fumam o cachimbo oriental

LONDRES — A partir desta semana, Londres conta com o seu primeiro restaurante persa — o Omar Khayyan — que vem atraindo grande número de fregueses, em Cannon-Street, onde se encontra instalado.

Além da culinária persa, que tem aguçado o paladar dos mais exóticos frequentadores, o restaurante apresenta como grande atração o bubble-bubble, cachimbo oriental que é servido com grande prazer antes e depois das refeições.



OS PERIGOS DE UMA DITADURA MILITAR NOS ESTADOS UNIDOS VEJA EM PN DESTA SEMANA

até onde chega hoje a influência dos militares na política americana, para muitos dos quais

A GUERRA SERIA O MELHOR CAMINHO

E AINDA:

- * A ofensiva russa no mercado petrolífero europeu
- * Análise estatística das 170 mil fábricas do Brasil
- * Mais impostos: preço do estado paternal
- * Preços dos carros novos e usados

E UMA CONDENAÇÃO DE

todas as informações importantes

para a política, os negócios e a economia aparecidas nos grandes jornais e nas revistas especializadas

Leia PN

A REVISTA DA POLÍTICA E DOS NEGÓCIOS NAS BANCAS: CR\$ 40,00

Cinema

- A NOVA PROIBIDA — Plaza, Palasandu, Astória, Olinda e Mascote. Produção francesa. Drama trágico. Uma carta ao bispo revela a vida e a trama fatídica de uma jovem prestes a fazer os votos religiosos. Dir. Alberto Laurent. Com Pascale Petit, Jean-Paul Belmondo, Massimo Girotti. Imp. até 18 anos. Hor.: 14h — 16h — 18h — 20h e 22h. No Plaza começa às 10 horas. No Olinda e Mascote às 14h 30m — 17h 30m e 21h 30m. (Condor).
- A LEMBRANÇA DO CRIME — Riachuelo, Bonassuco, Bento Ribeiro, Gril Cassino. Prod. americana. Drama de um adolescente que se sente perdido num mundo de rivalidades e perseguições. Dir. Jus Addiss. Com Harry Lauter, Jack Nicholson, Caroly Mitchell. (Allied A.).
- BRIGA, MULHER E SAMBA — Metro Pussio, Metro Copacabana, Metro Tijuca, Azteca, Paz, Dramar, Palácio Higienópolis, São José, Gunnabara, Imperator, Monte Castelo, Leopoldina, Brás de Pina, Capitólio Petr. Comédia nacional. Dir. Ronaldo Lupo. Com Renita Frontal, Violeta Ferraz e outros. Livre. Horários diversos.
- O DEMÔNIO ENFURECIDO — Odeon, Alasca, América, Floriano, Madureira. Prod. americana em cores. Drama de terror em 4.ª dimensão. Com Robert Lowrey, Lee McWhether. Imp. até 10 anos. Horários diversos. (Prog. duplos).
- O SEXTO HOMEM — São Luis. Prod. americana. Drama de um jovem índio que luta contra o preconceito racial, nas trincheiras defende heróicamente o seu país mas deixa-se vencer na luta contra si mesmo. Dir. Delbert

ROTEIRO

- MULHERES, CHEGUEI! — Opera. Cineac, Estyke Tijuca, Iris, Rio Branco, Fluminense, Royal, Florida, Coliseu, Vaz Lobo, Iraja, Regência, Méier, Brasília, Jussara, São Pedro, Guaraci, Santa Cecilia, Azul, Esplendor, Ramos, Cascaes, S. Jorge (Nit.), S. João de Meriti. Prod. nacional. Comédia musical. Dir. Vitor Lima Com Zé Trindade, Laura Suárez, Jaime Costa. Livre.
- MAS... QUE MULHERES! — Paris Palace. Comédia, show, striptease, francesa. Imp. até 18 anos. Hor.: 14h — 15h 40m — 17h 20m — 19h — 20h 40m e 22h 20m.
- O MONSTRO DE FOGO — Capitólio. Americana. Drama de ciência-ficção. Com mais de 1 000 figurantes. Imp. até 10 anos.
- O CANTOR E A BAILARINA — Art. Palácio Tijuca, Avenida. Prod. luso-brasileira em cores. Muita música, balados e romance. Dir. Armando Miranda. Com Domingos Marques, Nanci Rinaldi, Zoloni, o ballet Fernando Lima e o conjunto Brasília. Livre. (União F.).
- SÁTIRA E A MULHER NUA — Pathe, Riviera, Mauá, Para Todos

audaciosa quadrilha. Dir. Stanley Kubrick. Com Sterling Hayden, Colleen Gray, Vince Edwards. Imp. até 18 anos. Hor.: 14h — 15h 40m — 17h 20m — 19h — 20h 40m e 22h 20m. (United A.).

NOTA — A fim de satisfazermos aos nossos incontinentes leitores e em especialidade ao público cinematográfico, pedimos aos distribuidores a gentileza de cooperarem conosco enviando-nos com antecedência a programação completa dos filmes e com especialidade a dos horários.

PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4	5
6				
7		8		
9	10		11	
12		13		
14				

ALFA = RIO

HORIZONTAIS

1 — Carlinhos. 6 — Romano. 7 — Mulher acusada ou criminosa. 8 — Bria. 9 — Carta de jogar com um só ponto marcado. 11 — Graçala. 12 — Possuidores. 14 — Competidor; rival.

VERTICAIS

1 — Número de del. mil. 2 — Inapido. 3 — Noctivo. 4 — O mesmo que alf. 5 — Ato de sair. 10 — Ruído. 11 — Relação. 12 — Despido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA ANTERIOR:

HORIZONTAIS: — For. má, aprem, efuso, sãri, caracã, ar, ras.

VERTICAIS: — Fã, operar, refr, música, amo, curar, açã, às.

Toda correspondência relativa a Palavras Cruzadas, deverá ser endereçada a Sílvio Alves, nota 2 da Redação.

PELOS CAMINHOS SECRETOS QUE TRANSFORMAM OS ESPÍRITOS E OS DESESPERADOS EM HOMENS DE ALTA CIVILIZAÇÃO E QUE REVELEM QUE HÁ UM SENSO SEU SEGRÉDO DE DIABRÃO PARA CUMPRIR UMA PENSADEIRA MASSIVA

RICHARD WIDMARK

SÔNIA ZEMANNA

OS CAMINHOS SECRETOS

2ª FEIRA

FLORIANO ZARISKI

3ª FEIRA

FLORIANO ZARISKI

4ª FEIRA

FLORIANO ZARISKI

5ª FEIRA

FLORIANO ZARISKI

GRAN CIRCO NORTE AMERICANO

O MAIOR E MAIS COMPLETO DA AMÉRICA LATINA! APRESENTA:

2 ÚLTIMOS DIAS

4 Elefantes Gigantes Leões Tigres

Números internacionais com:

Trapezistas Acrobatas Saltadores Malabaristas Tonil Palhaças Acrobatas

80 ARTISTAS DO MUNDO INTEIRO!

HOJE E AMANHÃ, às 14 h 30 m, às 17 h 30 m e 21 horas

AVENIDA PRES. VARGAS, JUNTO A PRAÇA 11

2ª FEIRA

VITÓRIA RIAN

POTAFORD NATAL

MAURICIO CACHIMBY

5ª FEIRA

FLORIANO ZARISKI

BURT LANCASTER

JUVENTUDE SELVAGEM

CRUEL CHOQUE

José Auto



TSHOMBE MOBILIZA CRIANÇAS
Membros da Juventude de Catanga desfilam em Elizabethville

CUBA

Uma nova tática?

Afinal Fidel Castro resolveu tirar sua própria máscara e a venda que tapava os olhos do Hemisfério, declarando: "Sou marxista-leninista e o serei até os últimos dias de minha vida."

Na longa arenga de cinco horas, pela televisão, o líder máximo, cuja vocação messiânica é de todos conhecida, jogou uma grande cartada, que provavelmente mais contribuirá para a sua perda do que para produzir os dividendos políticos que dela espera: um jornal como o Washington Post, que nunca foi dos mais extremados na crítica à Revolução Cubana, disse que Fidel Castro causou mais danos a si mesmo com a sua profissão de fé comunista do que poderiam causar-lhe os seus piores inimigos.

A sua confissão revela os antecedentes marxistas da Revolução Cubana que, se não existiram na realidade, ele agora os cria com a declaração de suas leituras de adolescente, os livros dos mestres do socialismo científico — Lênine e Engels em antologias de trechos escolhidos, e O Capital de Marx até a página 370 — prova de que a paixão revolucionária do estudante, como a do Chefe de Estado, não pôde resistir aos estímulos soníferos que essa literatura exala.

No entanto, declara ele que "crê inteiramente no marxismo e acreditou nessa doutrina desde os primeiros momentos, desde que se lançou à luta revolucionária". Não sabia muito, confessa ao declarar que "não conhecia o marxismo como agora".

Mas para vencer Batista, ao lado de quem aliás se colocavam os comunistas, tinha de ocultar essas idéias para "não afastar o apoio da burguesia e outras forças que sabíamos que depois teríamos de combater", conforme aprendeu lendo O Estado e a Revolução, de Lênine. Conta como evitou durante meses, antes da nacionalização de propriedade, conceder audiência ao Embaixador americano Philip Bonsal, cuja conversa era "sempre a mesma cantilena sobre bancos, companhia telefônica e empresas americanas", justifica a necessidade do partido único ("porque não se pode fazer uma revolução sem uma organização

forte e disciplinada"), o qual "ainda não está oficialmente constituído e não o estará antes que seja realizado o seu primeiro Congresso, para o qual não se fixou nenhuma data". No mais, o seu discurso é uma completa submissão à linha kruscheviana ("porque não há meio-térmo entre socialismo e capitalismo (...) e os que procuram colocar-se numa terceira posição adotam uma atitude completamente falsa (...) de cumplicidade com o imperialismo").

Fidel Castro quer, com sua profissão de fé, que o seu alinhamento com o bloco soviético seja o mais claro e completo, e sua escolha parece tão deliberada que o seu maior elogio vai para o relatório de Kruchev no 22.º Congresso, classificando pelo temperamental antilhanos como "todo um tratado de política que mostra como a sociedade se desenvolverá até o comunismo".

Prosterna-se pois Fidel Castro diante de Moscou com muita fé e muita pobreza teórica, e sem querer meter-se em complicações ideológicas chinesas e albanesas — um cristão-novo disciplinado e dócil. Não admira, por conseguinte, que Washington tenha recebido a confissão de Castro com alívio e até como uma ajuda a planos de isolamento de Cuba que se estavam revelando difíceis de realizar, em face da resistência oferecida até agora com sucesso pelo Brasil, Argentina, México, Chile, Equador e Bolívia às tentativas de violação dos princípios de autodeterminação e não-intervenção, patentes na gorada incursão física de abril à Ilha e na ação diplomática de bastidores.

Os telegramas dão notícia de que não houve surpresa em Moscou com a guinada de Fidel Castro para o comunismo, que aliás vinha sendo preparada há vários meses com sucessivas declarações de Ché Guevara e outros líderes cubanos (em Moscou, na Austrália, em Pequim), ao tempo em que Cuba era um país atirado ao colo de Kruschev pela intransigência de grupos econômicos americanos e do Departamento de Estado, que não quiseram ver na revolução cubana um movimento democrático

de transformação de estruturas sociais e econômicas arcaicas que são um empecilho ao progresso do Continente e querem fazer a Aliança para o Progresso, que é uma compensação à América Latina pelo erro cubano, sem partir alguma louca. Não se faz omeleta alguma sem quebrar alguns ovos.

Por não terem os Estados Unidos compreendido isto falharam as sanções econômicas, o isolamento diplomático e a invasão. E dificilmente a Reunião de Consulta dos Ministros do Exterior, convocada por proposta da Colômbia e marcada para 10 de janeiro vindouro, chegará à almejada ação coletiva contra Cuba. O Hemisfério, que com tanta paciência e esforço comuns conseguiu eliminar gradualmente a tutela dos Estados Unidos sobre os países latino-americanos, não pode incidir no erro irreparável que seria lerar às últimas consequências a propósito da colombiana, cujo propósito é legitimar a aplicação de medidas de força.

É por conseguinte uma hipocrisia invocar agora a profissão de fé de Fidel Castro, da qual é conhe-

cida apenas uma transcrição telegráfica, talvez de trechos escolhidos, como prova provada da instalação do comunismo em Cuba, quando esse país há muitos meses vota nas Nações Unidas com o bloco soviético e foi o único no mundo a bater palmas à série de detonações de bombas nucleares soviéticas no Ártico. Hipocrisia para dramatizar o gesto teatral do irrequieto barbudo.

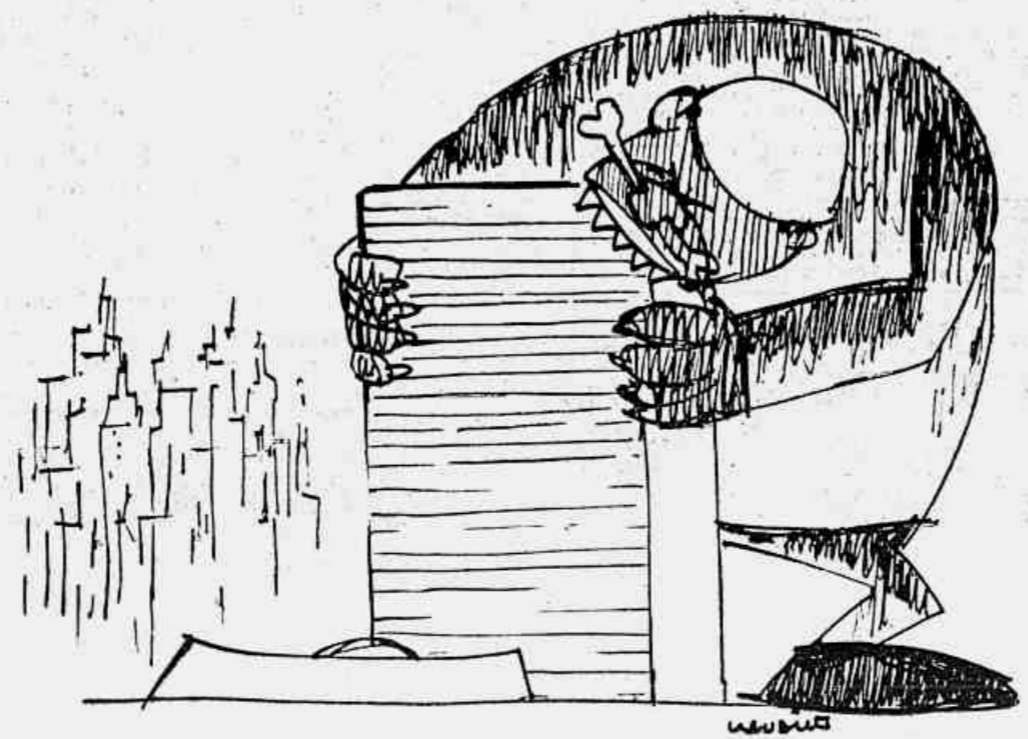
O Presidente Victor Haedo, do Uruguai, que agora nos visita, tomou, a propósito do voto de seu delegado à Organização dos Estados Americanos e que é ao mesmo tempo Embaixador de seu país em Washington, a atitude diplomática correta condenando na prática o voto dado em favor da resolução colombiana "porque o seu Governo não conhece o texto oficial das declarações atribuídas a Fidel Castro", assegurando dessa maneira que o Uruguai se mantém intransigente na defesa da autodeterminação dos povos e da não-intervenção.

E mais: diz que o Uruguai prefere primeiro conhecer "as circunstâncias que cercam o proble-

ma cubano para se manifestar depois por uma solução que assegure a unidade do Continente, "cujos países devem unir-se para enfrentar a ameaça do Mercado Comum Europeu, que se vai transformando em inimigo comum".

Castro é antes um voluntário borboleteante do comunismo, talvez importuno para Kruschev, do que um revolucionário sério que se servia da proteção de Moscou para levar avante a sua revolução cubana: com sua nova máscara, logo também afivelada por Francisco Julião, ele vem facilitar a tarefa de todos os que se opõem às reformas sociais de que tanto necessita o Continente. Agora, desaparecido o fidelismo, tudo será comunismo para os que temem qualquer progresso, inclusive a Aliança para o Progresso. A não ser que desta vez Fidel Castro esteja fazendo uma jogada sincera com a exibição às claras de seus ideais, para que fiquem avisadas a burguesia e as forças que terá de combater... o que é precisamente o contrário da tática que usou ou diz ter usado em Cuba.

Tshombe e a ONU



ESTADOS UNIDOS

Redescobrimto da Europa através do Mercado Comum

As notícias que nos chegam é que pouco a pouco a opinião pública norte-americana está despertando para o fato de que se a Grã-Bretanha se unir ao Mercado Comum Europeu, juntamente com outros novos membros e associados que, no caso, seriam os países que fazem parte do bloco liderado pelos ingleses, como as nações escandinavas, por exemplo, o resultado será a formação de uma união econômica verdadeiramente grande, o que implica na possibilidade de uma mudança na estrutura do Poder mundial.

Durante dez anos os Estados Unidos têm apoiado a integração europeia sem pestanejar, por amor dos dividendos políticos que isso representaria em relação ao grande rival do Oriente. Agora que esse objetivo está para ser atingido, os americanos estão compreendendo que não se podem deixar ficar como meros espectadores. Alguns, como os protecionistas e isolacionistas, já estão reagindo pela insistência por mais proteção aduaneira como autodefesa. Há, porém, reações mais positivas. E a mais notável entre elas foi o relatório bipartidário feito a uma comissão conjunta do Congresso pelo Sr. William L. Clayton, um dos arquitetos do Plano Marshall em 1947, e pelo Sr. Christian Herter, o republicano que foi Secretário de Estado do Presidente Eisenhower.

O relatório conclui pela necessidade urgente, para os Estados Unidos, de organizar uma mais estreita associação comercial com a Europa. No momento o que existe é apenas um relatório, mas não se

tenha dúvida que ele vai influir no pensamento do Governo.

O objetivo imediato desse documento, em termos de política interna, é conseguir novos poderes — e muito mais radicais — para o Presidente Kennedy negociar sobre tarifas quando a Lei de Acórdos Comerciais Recíprocos expirar a 30 de junho do ano vindouro, pois são as tarifas reduzidas que os países do Mercado Comum Europeu adotam entre si que feriram os interesses comerciais norte-americanos na Europa, como feriram os dos ingleses.

É isso que está dando aos protecionistas americanos a desculpa para reivindicarem tarifas mais elevadas, e uma redução dos poderes do Presidente nesse terreno, quando a lei expirar. Os liberais, porém, vêm no ataque a melhor autodefesa. O relatório Herter-Clayton observa que, no Acórdo Geral de Tarifas e Comércio, conhecido pela sigla GATT, o poder de barganha com o Mercado Comum já emperrou por causa dos poucos poderes que tem o Presidente para negociar sobre tarifas de artigos isolados. Chegou a ocasião, diz o relatório, de dar ao Presidente, como necessidade mínima, novos poderes para fazer cortes tarifários num toma-lá-dá-cá nas negociações com a Europa, a fim de estimular o exemplo do mercado comum a ser seguido numa escala mais ampla.

O Subsecretário de Estado para Assuntos Econômicos, Sr. Ball, que é um porta-voz de Kennedy, adooa um mercado comum livre em escala mundial, mas o relatório Herter-Clayton vai muito mais longe.

O Congresso, onde ele deverá encontrar forte oposição, deverá estudá-lo. Mas, numa de suas entrevistas coletivas à imprensa, Kennedy declarou que o Governo ia esperar duas ou três semanas para decidir se ele deve ser estudado na próxima legislatura ou na de 1963, embora seja sua opinião que "a ocasião para agir é agora."

Não se sabe se se deixará caducar a Lei de Acórdos Recíprocos ou se ela será prorrogada como está, obsoleta, deixando o Presidente Kennedy sem poderes para negociar reduções de tarifas e sob a pressão talvez de novas emendas protecionistas. Deixá-la e a d u e r seria arrastar a bandeira do comércio mais livre, que os Estados Unidos vêm empunhando desde quase trinta anos. Mas não se sabe também se Kennedy necessita imediatamente de novos poderes, pois ele mesmo disse que a plena significação do Mercado Comum para os Estados Unidos não seria aparente senão em 1963 ou 1964, muito embora os seus auxiliares imediatamente sejam de opinião "que o poder para negociar é essencial se os Estados Unidos quiserem influenciar o curso do mercado comum nos próximos dois anos", conforme reza uma correspondência de Washington para o Economist de Londres.

Não se acredita, porém, que essa batalha pela renovação da Lei de Acórdos Recíprocos se trave em 1962 porque é ano de eleições parciais para a renovação do Congresso, havendo melhores oportunidades para a vitória de uma lei em conformidade com as novas necessidades em 1963.

CONGO

Debaixo do angu há carne

A luta está acesa em torno de Elizabethville e corre sangue de catangueses e capangas azuis da ONU; desenha-se uma situação que se pode tornar mais grave se se confirmarem os boatos que já correm há várias semanas de que Antoine Gizenga, o líder de Stanleyville e Vice-Premier do Governo Central de Leopoldville, cujo paradeiro é ignorado há algum tempo e cujas intenções são pouco conhecidas, planeja por sua própria conta um movimento separatista. Corre um rumor de que Gizenga, que tem sido acusado de ser o herdeiro presuntivo de Lumumba, foi vítima de uma tentativa de assassinato a mando do General Mobutu, Comandante do exército congolês, e um dos responsáveis, entre os elementos do Governo de Leopoldville, pela entrega de Lumumba a Moisés Tshombe, de Catanga, para que o trucidassem.

A luta em Elizabethville decorre da resolução da ONU, de 24 de novembro último, que autorizou o Secretário-Geral Interino "a adotar medidas vigorosas inclusive recorrer à força, para impor a ordem no Congo", pela qual votaram os Estados Unidos e a URSS, ao passo que a Inglaterra e a França se absteram. Não obstante, o Departamento de Estado está vindo a público para declarar que os Estados Unidos não têm divergências com a Grã-Bretanha com relação aos objetivos do Congo, e esse desmentido por si só é uma indicação de que existe em divergências possíveis relacionadas com o pensamento que Sir Roy Wellesley, líder da Rodésia, tem da situação em Catanga, região com a qual o seu país tem fronteira.

Isso explica talvez o recente telegrama em que é noticiado que o Governo conservador de Sua Majestade tomou posição oposta aos Estados Unidos na questão da luta em Catanga, afirmando que as tropas da ONU não estão autorizadas "a tentar impor uma solução política pela força, no Congo", o que sugere que este

em jogo Interesses econômicos imediatos, alguns provavelmente inconscientes, contra interesses políticos de longo alcance, que seriam os da pacificação do infeliz país independente.

Lord Home, Ministro das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, e o Sr. Edward Heath, Lordê do Sêlo Privado, fazem declarações quase idênticas sobre os perigos da situação no Congo e sobre a necessidade de reduzir a tensão, mas se revelam horrorizados com "a malanca em ambas as partes", e acreditam que "as Nações Unidas deveriam procurar continuamente obter a conciliação entre os dois lados em luta".

A linguagem diplomática é perigosamente enganadora e, quando ela surge com essas blandícias, vai-se ver e debaixo do angu tem carne. As coisas chegaram a um ponto claro, já aprovado por maioria nas Nações Unidas, que é a necessidade de domar a rebeldia dos secessionistas de Catanga, e o mesmo Governo que com tanta elegância abre mão de suas colônias, dando-lhes independência, é só panos mornos para Tshombe.

As Nações Unidas acreditam que os catangueses mantêm prisioneiros diversos funcionários civis e soldados da Organização, embora só confessem ter em seu poder apenas um.

O mais graduado representante da ONU no Congo, o irlandês Cruise O'Brien, que se demitiu recentemente fazendo graves acusações contra os Governos britânico, francês e belga, teve suas declarações classificadas por Lord Home de melodramáticas, e é significativo que os trabalhistas britânicos estejam denunciando o Governo de Sua Majestade "por estar sabotando as Nações Unidas e cedendo ante a pressão exercida pela camarilha de Catanga".

A posição de Lord Home é das mais dúbias: ao mesmo tempo que proclama que a política de Londres é de meridiana clareza, que o uso da força pela ONU deverá limitar-se "a impedir a guerra civil e manter a ordem"

(conforme estava previsto na resolução de 26 de fevereiro), acha que a recente resolução de 24 de novembro "ultrapassou esses limites e trata-se de um erro". Catanga não tem futuro como país independente — continua Lord Home — deve unir-se ao regime de Leopoldville "para redigir uma constituição representativa da vontade do povo congolês" etc. etc., e conclui dizendo: "Tais foram as únicas atividades desenvolvidas pelo Governo do Reino Unido e, devo repetir, continuam a acreditar que o uso da força não contribuirá para evitar a guerra civil, estabelecer a ordem e a paz, e fará mais mal que bem ao Congo."

Os ingleses não estão de modo algum contentes com a linguagem usada por Tshombe em suas últimas declarações, falando de uma resistência desesperada ao ataque da ONU, na qual seriam usadas até flechas envenenadas, e por este motivo estão-se esforçando para promover uma reunião entre o líder secessionista e o Sr. Cyrille Adoula, Chefe do Governo de Leopoldville. De qualquer maneira, Tshombe já perdeu qualquer controle efetivo que jamais teve sobre a parte norte de sua Província de Catanga, mas exerce controle firme sobre a parte sul — a região chave, como diz Economist, que é precisamente a carne que está por baixo no angu, "com sua riqueza, seus suprimentos militares e que ele tem probabilidade de defender inabalavelmente".

A resposta a essa esperança da Grã-Bretanha e de outras nações está agora nas mãos das forças em operação da ONU. E é indispensável registrar, em final, que o General irlandês Sean Mckeown, Comandante-Geral das Forças da ONU que acompanhou o gesto do já citado Cruise O'Brien e pediu exoneração do cargo, afirma que a acusação de O'Brien a algumas potências ocidentais era "a absoluta verdade". E isso quer dizer que continua firme a conspiração contra a independência do Congo.

AUTOMOVEIS E ACESSÓRIOS

A PARTIR DE CR\$ 90.000,00... AUTOMOVEIS - Compro, pago a vista, mesmo a consertar. Tel. 39-5871.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

AUTOMOVEIS - Compro em qualquer estado... ATENÇÃO - Relógios velocímetros de automóvel.

CADILLAC 47, ótimo estado... CHEVROLET 1951, 11 cilindrada, motor e câmbio.

CHEVROLET 1954 - Bel-Air, 4 portas, mecânica, ótimo estado... CADILLAC 1956, vendendo hoje.

CADILLAC 1947 - Taxi Capelinha em ótimo estado... CHEVROLET 37, taxi Capelinha, em ótimo estado.

CHEVROLET 37, taxi Capelinha, em ótimo estado... CAMINHÃO FORD 1946, vendendo-se na Rua José do Patrocínio.

CAMINHÃO FORD 1946, vendendo-se na Rua José do Patrocínio... CADILLAC CONVERTÍVEL 50, em ótimo estado.

CADILLAC CONVERTÍVEL 50, em ótimo estado... CHEVROLET 1950, em ótimo estado.

CHEVROLET 1950, em ótimo estado... CHEVROLET 1951, em ótimo estado.

CHEVROLET 1951, em ótimo estado... CHEVROLET 1952, em ótimo estado.

CHEVROLET 1952, em ótimo estado... CHEVROLET 1953, em ótimo estado.

CHEVROLET 1953, em ótimo estado... CHEVROLET 1954, em ótimo estado.

CHEVROLET 1954, em ótimo estado... CHEVROLET 1955, em ótimo estado.

CHEVROLET 1955, em ótimo estado... CHEVROLET 1956, em ótimo estado.

CHEVROLET 1956, em ótimo estado... CHEVROLET 1957, em ótimo estado.

FORD 37 - 83 HP. - Freio... JEEP DANDANGO 4 - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP DANDANGO 4 - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP LAND ROVER 37, capota metálica.

JEEP LAND ROVER 37, capota metálica... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado... JEEP WILLYS - Vendendo-se em perfeito estado.

OLDSMOBILE 48, 4 portas, ótimo estado... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta... RENAULT 48 JUVA - 80 mil, troco p/ lambreta.

Agencia TÂNIA... PUNTO DE PARTIDA PARA UM BOM NEGÓCIO... 1961 - VOLK, 2ª Série, OK, dir. cores.

AUTOMÓVEIS... A prazo, sem fiador, só em Medeiros Automóveis, na Rua São Francisco Xavier, 254-B.

CHEVROLET - 1961 IMPALA... 0 km: cores a escolher, equipados, impostos alfandegários e consumo pagos.

CARROS EM 2 MESES... Marca Ano Entrada... DAUPHINE 1960 210.000

Alugam-se Volkswagen... Sedan e Kombi 1961 - Av. Prado Júnior, 17-6. Telefone 37-4055.

Automóvel Volvo Amazon 4 portas... Vende-se, em perfeito estado, Ver e tratar na Volvo do Brasil S.A.

Automóvel Volvo "Special" 1958... Vende-se, em perfeito estado, 85 HP, 2 carburadores, 4 portas.

Carroceria de Furgão... Vende-se em perfeito estado de conservação, para transporte de carne ou qualquer outro produto.

ALUGUE UM AUTOMÓVEL... Dirija você mesmo. Últimos modelos, Rua Joaquim Nabuco, 14-C. Tel. 47-3721 - P. F. - Posto 6.

ALUGAM-SE VOLKSWAGEN DAUPHINE KOMBI... 180 km p/24 horas. Av. Erasmo Braga, 298, 3/304. Tel. 32-9784.

Buick - 53... Estado excepcional. Vendo barato e financeiro. Rua do Retiro, 16 - 32-5734.

Chevrolet - 1956... BEL-AIR. Leilão da Alfândega, 8 cilindrada, 8 cilindrada, todo equipado.

Chevrolet - 1957... Chevrolet geral ótimo, direção hidráulica, freio a ar, superequipado.

CADILLAC 1954... Cupê De-Ville, estado de zero km, vista, 65.000,00.

CHEVROLET - 57... Vende-se com 4 portas, mecânica, ótimo estado.

CHEVROLET - 57... Vende-se com 4 portas, mecânica, ótimo estado.

CHEVROLET - 57... Vende-se com 4 portas, mecânica, ótimo estado.

CHEVROLET - 57... Vende-se com 4 portas, mecânica, ótimo estado.

CHEVROLET - 57... Vende-se com 4 portas, mecânica, ótimo estado.

COMPRA SEU CARRO SEM LIMITE DE MESES

Adaptamos suas condições aos nossos planos de financiamento

LOJA A - Rua São Francisco Xavier, 342-E Tels. 48-6005 e 34-5423

Table listing car models and prices: 1961 VOLKSWAGEN, 1960 VOLKSWAGEN, 1957 CADILLAC, etc.

Disposições para atender aos nossos clientes, em média, mais de 40 tipos diferentes de veículos.

Motores Perkins a óleo Diesel para pronta entrega. Exibição na Rua Cordovil, 1094.

Alugam-se Volkswagen 1961 Sedan e Kombi. Av. Prado Júnior, 335-C. Tel. 36-2128

Citroen - 15 CV 6 cilindros. Vende-se, perfeito, carro do dono da oficina - Rua Aristides Lobo, 32.

Caminhão BERLIET. Vende-se Diesel com truck, capacidade carga 15 ton.

Chevrolet - 1959 IMPALA. 4 portas, hidramática, 6 cil.

Chrysler - 1952 Mecânico, 6 cil., 4 portas, em ótimo estado.

Chevrolet - 54 CONVERTIVEL. Em excepcional estado.

DAUPHINE 0 km. Preço muito abaixo da tabela, para pagamento à vista.

DKW - 59 Sedan, equipado. Facilito até 20 meses.

FORD - 1931 Limousine. Vendo, conservadíssimo.

FORD - 1955 Particular, 4 portas, conservadíssimo.

FORD Thunderbird. Cupê em estado de novo.

FURGÃO. Vende-se em bom estado.

FORD 1948. Vende-se em bom estado.

FIAT - 100 1948. Vovô, mot. amec., pneus novos.

PONTIAC - 1954. Vende-se em ótimo estado.

PONTIAC - 1951. Vende-se em ótimo estado.

GMC - 1950 Jardineira. Tipo rádio patrulha.

G M C Motor Diesel 4-71. Modelo 630 - ANO 1954.

IMPALA - 1961. Todo equipado - Preço acima 3 milhões.

Oldsmobile 57. Particular vende em perfeito estado.

Oldsmobile 57. Vende-se em ótimo estado.

Oldsmobile 57. Vende-se em ótimo estado.

ATENÇÃO, NOVOIS - Sala e Móveis - Verdadeira pélico no mercado de móveis surgiu no Estado da Guanabara...

SIMCA - 1961 COM RADIO. Particular absolutamente novo, com apenas 2.000 km.

Vauxhall - 6 cil. Modelo 1952, único dono, motor 100%. Vende-se à vista, urgente.

MÓVEIS. A mais sensata oportunidade dos últimos tempos. Dormitório, estilo Rústico Mexicano...

JEEP WILLYS 1958. Americano, 4 cilindros - Vendo em ótimo estado.

JEEP WILLYS. 4 cilindros, última série 57 - Capota de aço estofada.

Karmann Ghia. Vendo em ótimo estado - Tratar diretamente com o proprietário.

Kombi - 61. 0 km para pronta entrega. Facilito até 20 meses.

MERCEDENSBENZ 1960. 4 portas, modelo 180, super-luxo.

Mercedes-Benz 220 S. 1961 - Novo. Vende-se, completamente equipado.

MGA - 1959 FIAT - 1959. Super Sport, conservadíssimo, documentação diplomática.

MERCURY 1951 100%. Vende-se todo equipado, 4 portas, mecânico.

Oldsmobile 1954. Vende-se em ótimo estado, 4 portas, mecânico.

SALA - Vende-se, estilo japonês, Cr\$ 6.000,00. R. Costa Bastos, 27-A, sala 103.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

SALA SUPERLUXUOSA. De linhas italianas, com almofadas soltas em velúscuro.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

SALA DE JANTAR COLONIAL. Vende-se uma completa, inclusive lustre.

Colchões de molas A PREFERIVEL. Acetato encimadas em quites.

Colchões de crina. Vegetal e animal. Reformas em geral para o mesmo dia.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

GELADEIRAS. ATENÇÃO! - Compre 1 geladeira para uso próprio.

À PRAÇA. Geraldo Novas Monteiro, estabelecido na Av. José Mariano dos Passos.

Cooperativa Imobiliária Urussanga L. Edital de Convocação.

DECLARAÇÕES E EDITAIS. Narciso Honorato de Moraes, estabelecido na Av. Getúlio Moura N. 1975.

Condomínio do Edifício Presidente Antonio Carlos. Rua Senador Vergueiro, 138.

Edital de Convocação. Plicam convidados os Srs. Condôminos do Edifício Presidente Antonio Carlos.

Sindicato Nacional da Indústria do Cimento. Não havendo "quorum", realizar-se-á a Assembleia em 2.ª convocação.

AVISO À PRAÇA. Café e Bar Bico Ltda., firma representada pelos sócios Srs. Manuel Fernandes Loureiro e Eduardo de Almeida.

Duplicadores "GESTENER". Venda em Concorrência Pública. Informamos aos interessados que o Sr. Presidente da Administração Regional do SENAC/ARGB.

AVISO À PRAÇA. Café e Bar Bico Ltda., firma representada pelos sócios Srs. Manuel Fernandes Loureiro e Eduardo de Almeida.

Duplicadores "GESTENER". Venda em Concorrência Pública. Informamos aos interessados que o Sr. Presidente da Administração Regional do SENAC/ARGB.

AVISO À PRAÇA. Café e Bar Bico Ltda., firma representada pelos sócios Srs. Manuel Fernandes Loureiro e Eduardo de Almeida.

Duplicadores "GESTENER". Venda em Concorrência Pública. Informamos aos interessados que o Sr. Presidente da Administração Regional do SENAC/ARGB.

AVISO À PRAÇA. Café e Bar Bico Ltda., firma representada pelos sócios Srs. Manuel Fernandes Loureiro e Eduardo de Almeida.

"O mundo é tão cheio de tantas coisas e por isso tenho a certeza de que nós podemos ser felizes como um rei." Qual quer escritor diria isso e até melhor. Mas a continuação: "E você sabe/ quão felizes são os reis!", somente um James Thurber. E acho mesmo que aí está definido o sentido de sua obra: otimista, mas não OTIMISTA. A idéia fixa de detetizar o convencional, encontra-se também nesse texto (final de uma de suas fábulas), porque *ser feliz como um rei é conceito, é clichê que Thurber corrige no ato mesmo de usá-lo.*

Morto JT (66 anos), vamos prestar-lhe a homenagem mais alta lendo sua criação maior. Este é um conto perfeito. Poucos na literatura moderna sintetizaram e transmitiram tão simplesmente, como Thurber, o abafado con-

flito que surge do diálogo entre fantasia e realidade. A narração e estrutura do conto são lições de artesanato literário veiculando expressividade. E ousou afirmar que JT entrará na História da Literatura com peças deste quilate, mais do que com o delicioso humorismo lírico (das fábulas e dos desenhos) que lhe deu fama. Em seus últimos anos, Thurber escrevia e desenhava com grosso lápis preto sobre papel amarelo, porque sua vista começava a falhar. Depois abandonou o desenho e, quase cego, passou a ditar suas histórias à mulher (Helen). *The Thirteen Clocks*, que a crítica norte-americana considera sua obra mais depurada — sobretudo na linguagem — é o resultado do último esforço (já estava cego) para aperfeiçoar ainda mais seu estilo.

A vida secreta de Walter Mitty

conto de James Thurber

Tradução e nota de Nelson Coelho

Estamos entrando! A voz do Comandante soou metálica como lâminas finas de gelo que se rompem. Vestia o uniforme completo com o boné branco cheio de medalhas e inclinado sobre um de seus olhos. Não deveríamos prosseguir, senhor. Isto parece ser um furacão. Digo no caso de o senhor me perguntar. Não penso perguntar coisa alguma, Tenente Berg, disse o Comandante. — Continue acelerando! Permanece nos 8 500! Vamos muito bem! O rugir dos motores se fez mais intenso: ta-pocketa-pocketa-pocketa-pocketa-pocketa. O Comandante dirigiu a vista para o céu que se formava sobre a janela do piloto. Deu alguns passos e começou a manipular uma série complicada de botões. — Ligue o motor auxiliar número 8!, repetiu o Tenente Berg. — Dê a máxima potência à torre número 3! Gritou o Comandante. — Dou velocidade máxima à torre número 3!

Os membros da tripulação, inclinados sobre suas diferentes atividades no enorme e veloz hidroavião de oito motores do Exército, olhavam uns para os outros e cochichavam. — O velho nos vai arrebentar, dizem uns para os outros. — O velho não tem medo nem do inferno. — Não tão rápido! Está acelerando demasiado! disse a Senhora Mitty. Por que está com tanta pressa?

— Eih? Disse Walter Mitty. Olhou para sua esposa que ocupava o assento a seu lado, assombrado. Seu rosto lhe pareceu extraordinariamente estranho, como se uma mulher desconhecida o houvesse interpelado no meio de uma multidão. — O velocímetro já está indicando 95, continuou ela. — E você sabe que não me agrada ir além de 40. Você chegou a 95. — Walter Mitty continuou dirigindo em direção de Waterbury, enquanto o rugido do SN202 em meio da tempestade mais horrível dos vinte anos de navegação aérea, esfumava-se nas remotas e profundas imensidades de sua mente.

— Já está correndo outra vez, disse a Senhora Mitty. — Parece que hoje é seu dia. Seria bom que você se deixasse examinar pelo Doutor Renshaw.

Walter Mitty parou o carro de frente do salão de beleza, onde sua mulher entrou para pentear-se. — Lembre-se que você tem que comprar as galochas para os sapatos, enquanto me penteio, disse ela. — Mas eu não preciso de ga-

lochas, disse Mitty. Ela guardou o espelho na bolsa. — Já acabamos com isso, disse ela enquanto descia do carro. — Há muito que você deixou de ser jovem. — Mitty aumentou o ruído do motor.

— Por que você não põs as luvas? Por acaso perdeu-as? — Walter Mitty meteu a mão em um dos bolsos e tirou as luvas. Colocou-as, mas logo que sua mulher entrou no edifício, e ele por sua vez chegou com o carro até uma luz vermelha, tirou-as de novo. — Caminhe, camarada, gritou um guarda, no momento em que a luz mudava de cor, e Mitty, dando o último puxão nas luvas saiu em disparada. Continuou no carro sem direção determinada por alguns momentos e logo passou diante do hospital, enquanto se dirigia ao lugar de estacionamento. — Trata-se do banqueiro milionário Wellington Macmillan, avisou a formosa enfermeira. — Sim? Disse Walter Mitty, tirando com lentidão as luvas. — Quem atende ao caso? — O Dr. Renshaw e o Dr. Benbow, de Nova Torque, e o Dr. Pritchard Mitford, de Londres. Este último veio de avião. — Abriu-se uma porta no fim do corredor longo e frio e apareceu no umbral o Dr. Renshaw. Parecia cansado e distraído. — Alô, Mitty, disse ele. — O próprio diabo meteu-se no caso que estamos atendendo. Trata-se de Macmillan, o banqueiro milionário e amigo pessoal de Roosevelt. — Ostréias da região tubular. Terceira. Agradeceria se me fizesse o favor de dar uma olhada. — Com muito gosto, disse Mitty. — Na sala de operações cruzaram-se apresentações em voz baixa: — Doutor Remington, Doutor Mitty, Doutor Pritchard-Mitford, Doutor Mitty. — Li seu livro sobre estrepotricosis, disse Pritchard-Mitford, apertando-lhe a mão. — É uma obra magnífica, senhor. — Obrigado, disse Walter Mitty. — Não sabia que você estava nos Estados Unidos, Mitty, murmurou Remington. — Trouxeram a Mitford e a mim para atender a um caso de terciária. — É um grande gesto da sua parte, disse Mitty.

— Um enorme e complicado mecanismo ligado à mesa de operações mediante uma grande variedade de tubos e arames, começou a matraquear: pocketa-pocketa-pocketa. — O anestesista novo começa a falar, avisou um interno. Não há ninguém no Ocidente capaz de consertá-lo! Calma, homem, disse Mitty em voz baixa e tranqüila. Dirigiu-se rapidamente à máquina, cujo matraquear esta-

va progredindo. Apertou cuidadosamente uma série de botões brilhantes. Preciso de uma caneta-tinteiro! Disse logo. Alguém passou-lhe uma lapiseira. Tirou o pistão defeituoso e inseriu em seu lugar a lapiseira. — Isto funcionará assim por uns dez minutos, disse. — Adiante com a operação! — Uma enfermeira aproximou-se e murmurou algo ao ouvido de Renshaw, que empalideceu. — Começou a gangrena, disse Renshaw nervosamente. — Você seria capaz de continuar com a operação, Mitty? — Este olhou para ele, e em seguida para a figura lúgubre de Benbow, e, por último, para os dois graves, taciturnos e notáveis especialistas. — Já que vocês o desejam, disse ele. Imediatamente lhe vestiram uma capa branca, ajustaram uma máscara, colocaram as luvas de borracha, enquanto solícitas enfermeiras dispunham-se...

— Meia volta, meu amigo! Cuidado com esse Buick! Walter Mitty freiou desesperado. — Está entrando errado, amigo! Disse o encarregado do estacionamento olhando Mitty muito de perto. — É mesmo! Disse Mitty. Começou a recuar com cuidado por um lugar em cuja entrada estava escrita a seguinte indicação: "Exclusivamente para as saídas." — Deixe onde está, disse o encarregado. — Eu me encarregarei de colocá-lo no lugar. — Mitty saiu do carro. — Ei, deixe-me a chave! — Oh, disse Mitty, entregando-lhe a chave de contato. O homem instalou-se no volante e com grande pericia levou o carro ao lugar correspondente.

— Esta gente é tão pretensiosa, pensou Walter Mitty, caminhando pela rua principal. Certa vez, encontrando-se em New Milford, tinha procurado tirar por sua conta as correntes dos pneus e o resultado foi que elas se enroscaram completamente nos eixos das rodas. Teve de vir um mecânico em uma camioneta de serviço, e fez o trabalho em meio de grunhidos e protestos. Desde então, a Senhora Mitty exigia que levasse o carro a uma garagem, toda vez que era preciso tirar as correntes das rodas. Aquela vez, ele tinha pensado: Na próxima ocasião em que tiver de fazer isso, vou colocar o braço direito na tipóia e assim não terei de ouvir desaforos. Desse maneira perceberão que me é praticamente impossível tirar as correntes por minha conta. — Nesse instante pisou no barro que cobria a soleira. — Galochas para os sapatos, pensou consigo e começou a procurar uma sapataria.

Quando saiu de novo à rua, com as galochas em uma caixa debaixo do braço, Walter Mitty esforçava-se por lembrar qual era o segundo encargo que sua esposa lhe determinara. Ela repetiu duas vezes antes de sair de casa para Waterbury. De certo modo ele se aborrecia com essas viagens semanais à cidade, pois sempre estava adquirindo precisamente o artigo de que não necessitava. Em vão percorria em sua mente os diferentes objetos: Papel Yes, folhas para enfeitar? Não. Escóva e pasta de dente, bicarbonato, pós para polir metais, e outras coisas até abandonar a esperança de lembrar-se. Mas não devia esquecer que sua mulher tinha boa memória. Onde está meu péido, perguntaria ela, sem dúvida. — Não me diga que você se esqueceu qual era. Um jornalista passou a seu lado, apregando o acidente ocorrido em Waterbury.

— Talvez isso ajude a refrescar a memória. Isto, disse o Promotor lançando repentinamente uma pesada pistola automática em direção à tranqüila figura que ocupava o lugar das testemunhas. Você viu isso antes? — Walter Mitty pegou a arma e examinou-a com mãos de especialista. — Esta é a minha Webley-Vickers 50.80, disse com toda a calma. Uma onda de excitação circulou por todo o tribunal. O Juiz pediu silêncio. — Parece-me que você é um mestre no manejo de qualquer arma de fogo, não é verdade?, insistiu tendenciosamente o Promotor. — Protesto! exclamou o advogado de Mitty.

— Acabamos de demonstrar que o meu constituinte não poderia em nenhum caso haver disparado esse tiro. Provamos que tinha o braço direito na tipóia na noite de 14 de julho. Walter Mitty levantou a mão e a discussão entre os advogados parou. Sua voz soou lenta e clara: — Com qualquer arma de marca conhecida, eu poderia ter matado Gragório Fitzhursst a 90 metros de distância e com minha mão esquerda. — Tal declaração provocou um verdadeiro pandemônio no Tribunal. Ouvia-se um grito de mulher no meio da confusão e inesperadamente uma formosa jovem de cabelos negros deixou-se cair nos braços de Walter Mitty. O promotor gousseou-a. Em resposta Mitty, sem levantar-se da cadeira, descarregou seu punho sobre o queixo do homem. — Cão miserável! — Biscoitos para cãesinhos!, disse Walter Mitty. Parou brusca-

mente enquanto o Tribunal e as demais salas do recinto esfumavam-se em sua mente para dar lugar, de novo, aos edifícios de Waterbury... Uma mulher que passava a seu lado deu uma gargalhada. — Ouvia, disse biscoitos para cãesinhos, exclamou para seu companheiro. — Esse homem está falando sozinho e disse biscoitos para cãesinhos. — Walter Mitty apressou-se e entrou em uma casa de biscoitos, que encontrou depois de andar um bom pedaço rua acima. — Quero biscoitos especiais para cãesinhos novos, disse ao empregado. — Alguma marca especial, senhor? — O campeão mundial de tiro a revólver pensou alguns segundos. — Quero aquelas que dizem "Os cãesinhos ladram por elas", disse Walter Mitty.

Em 15 minutos sua mulher sairia do Instituto de Beleza, observou Mitty ao olhar o relógio, a não ser que tenha alguma dificuldade em secar o cabelo como acontecia de vez em quando. A sua mulher não agradava que ele se adiantasse no hotel; exigia que a esperasse na saída, como costume. Felizmente encontrou uma poltrona de couro na antesala, diante de uma janela, de modo que pôs as galochas e os biscoitos ao lado, no chão, e deixou-se cair sobre ela. Pegou um número atrasado do *Liberty* e leu: "Pode a Alemanha conquistar o mundo pelo ar?" Os olhos de Walter Mitty percorreram as fotografias dos bombardeiros e das ruas em ruínas.

— O tiroiteio afetou o jovem Raleigh, senhor, disse o sargento. O Capitão Mitty olhou para o interlocutor através do seu cabelo desgrenhado. — Mande-o para a cama junto com os outros, ordenou em tom cansado. — Voarei só. — Mas, senhor, isso é impossível, respondeu com ansiedade o sargento. — Necessitam-se pelo menos dois homens para manejar esse bombardeiro, e o inimigo está descarregando o próprio inferno do ar. Von Ritzman tem sob seu fogo a área compreendida entre Saulier e este lugar. — No entanto, alguém tem de trazer esse depósito de munições, — disse Mitty. — Eu me encarregarei disso. — Aceita um trago de brandy? — Encheu um cálice para o sargento e outro para ele mesmo. Algumas fagulhas saltaram no interior da peça. — Foi perto, observou descuradamente o Capitão Mitty. — A barricada está cedendo, avisou o sargento. — Vivemos só uma vez,

disse Mitty com seu sorriso rápido e tímido. — Não é mesmo? — Encheu de novo seu copo e tragou-o. — Perdoe-me, senhor, porém confesso que nunca vi ninguém melhor que o senhor para o brandy, disse o sargento. O Capitão Mitty levantou-se e pegou sua enorme automática Webley-Wickers. — Há uma distância de 40 quilômetros através de um inferno, insistiu o sargento. Mitty bebeu mais um copo. — Depois de tudo, disse ele, como resposta e em voz baixa: — Seja o que for. — O soar dos canhões tornou-se mais intenso; escutava-se o ruído das metralhadoras e de outro lado começou a sentir o ameaçador barulho pocketa-pocketa-pocketa, característico dos modernos lança-chamas. Walter Mitty dirigiu-se à porta da trincheira entoando "Au près de ma Blonde." Voltou-se e despediu-se do sargento. "Cheerios", disse.

Alguma coisa bateu-lhe no ombro. — Procurei você por todo o hotel, disse a senhora Mitty. — Com que intuito você se esconde nessa cadeira velha? — Como queria que o encontrasse? — Tudo termina, disse Walter Mitty distraidamente. — O quê? disse a senhora Mitty. — Comprou minha encomenda? Isso é, os biscoitos para os cãesinhos. O que tem dentro dessa caixa? — Galochas, disse Mitty. — Por acaso não podia tê-las colocado no quarto? — Estava pensando, disse Walter Mitty. — Alguma vez você já imaginou que eu pudesse estar pensando? — Sua mulher olhou-o. — Tomarei a sua temperatura assim que chegarmos em casa, disse ela. Cruzaram a porta giratória, que emitiu um som agudo quando a empurraram. Estavam a duas quadras do estacionamento. Ao passar por uma farmácia, em uma esquina, ela disse: — Espere-me aqui um momento. Esqueci de uma coisa, mas não me demorei nem um minuto. Walter Mitty acendeu um cigarro. A chuva começou a cair, junto com alguns flocos de neve, que ao tocar o chão se dissolviam. Encostou-se na parede da farmácia enquanto fumava... Levantou os ombros e juntou os calcanhares. — Para o inferno com o lenço, disse Walter Mitty com ironia. Deu uma tragada no cigarro e atirou-o longe. — Em seguida, com esse sorriso fraco e irônico nos lábios, enfrentou o pelotão de fuzilamento; alto e imóvel, orgulhoso e altivo, Walter Mitty, o Invencível, indecifrável até o fim.

TABELA

Sobre o pulo

No Correio da Manhã (SL, 2.21.61), Haroldo de Campos responde às restrições feitas por Adolfo Casais Monteiro à tese de Décio Pignatari anunciando "um pulo para trás" da poesia concreta. HC começa afirmando que o relatório de DP põe a crítica em situação, o que no seu entender já estava como função na poesia concreta: mas certos críticos "só têm comércio com defuntos." ACM estranhou que DP, ao se referir às "subdivisões prismáticas da Idéia" do Prefácio de Mallarmé ao Lance de Dados, tenha falado na metafísica hegeliana do poeta. HC responde citando Maurice Blanchot, que vê na dispersão extrema e na tensão unificadora do espírito o tema do célebre poema de Mallarmé, identificando essa dispersão com a "dispersão volátil" que era, para Hegel, a característica do Espírito. Também não aceita HC o reparo do crítico que acusara os concretistas de não darem importância à construção musical do Lance de Dados (ponto acentuado pelo poeta no referido prefácio). HC aduz, então, às experiências concretas paralelas à melodia de timbre de Webern, à vocalização de poemas, contatos com Boulez e Stockhausen. (Com isso não responde à crítica: ACM não disse que os poetas nunca se interessaram por músicas, mas que subestimaram a estrutura musical do Lance de Dados. E finalmente o ponto considerado crucial por HC e que é o da existência de uma poesia concreta e do possível malogro dessa poesia confessado no relatório-tese de DP. Lembra HC que se é difícil entender-se uma nova teoria tentando

compreendê-la de fora, mais difícil será compreender a realização prática da mesma julgando-a por padrões convencionais. Para que os que assim julgam, a palavra experiência é uma arma oportuna para subestimar tudo o que é novo. No seu entender, o que não existe é a poesia discursiva e sentimental que por aí anda. Quanto ao pulo, diz que a poesia concreta não vai recuar, mas continua dentro de sua evolução dialética.

Greve

José Lino Grunewald (SL, Correio da Manhã) comenta o filme de Eisenstein, *Greve*, exibido no programa do Festival do Cinema Russo e Soviético do MAM do Rio. Trata-se da realização de estréia de Eisenstein, mas onde já se encontram resultados de sua teoria da montagem por atração. Acredita-se JLG que o exemplo mais característico do que o diretor entendia por montagem de atração está em *Greve*: a seqüência final em que, paralelamente ao massacre dos operários pelos soldados do Tzar, assistimos à matança de um boi, sangrado e cortado. Escreve JLG: "A montagem se opera, evidentemente, mediante um jogo de alternância dos planos, submetida às solicitações de um esquema rítmico. Esse tipo de confronto, na base da sugestão, e de inspiração nitidamente simbolista seria mais tarde melhor absorvido pelo que, no cinema, se entender por *clips*, quando uma espécie de metáfora motovisual se desenvolveria no sentido de o elemento puramente alusivo suprir o elemento conceitual ou descritivo." O próprio Eisenstein evoluiu para essa "síntese funcional", com-

se pode observar no *Encouraçado Potemkin*. Observar ainda JLG que já na *Greve* o jovem diretor soviético revela o "puro plástico e a fabulosa arquitetura visual" no que foi insuperável: o rigor e inventiva dos enquadramentos e das angulações que se encontram mais intensificados em *Alexandre Nevski* e *Ivã, o Terrível*. Embora não alcançando, em termos de estrutura, o mesmo nível das grandes realizações de Eisenstein, *Greve*, no entender de JLG, é um filme de alto impacto e marca o salto qualitativo que vai das realizações de Griffith a *Potemkin*.

Omissão

Era preciso que um editor (já que os críticos se calam) viesse dizer algumas verdades a respeito do que se passa no Brasil em matéria de crítica literária. Assim faz o artigo de Enio Silveira publicado no Diário de Notícias (SL, 3.12.61). Demonstra ES que a crítica brasileira é omissão. Como o demonstra? Enumerando uma série de obras recentemente aparecidas, dignas de atenção ou pelo seu valor literário ou por suas implicações sociológicas, filosóficas e políticas, ou por ambas as coisas, mas sobre as quais a crítica brasileira simplesmente silenciou. Depois de longa enumeração e argumentação, ES pergunta pelas causas dessa omissão. E responde que são três as fundamentais: a falta de especialização (crítica hoje exige amplo conhecimento não só de literatura em geral como de disciplinas outras: psicologia, sociologia, filosofia, política, estética etc.) e tal formação não se imprime; o modo de opinar; o exercício da crítica exige, no seu entender, uma fo-

mada de posição ideológica, coisa que conduz à angústia os duvidosos, que não estão convencidos do acerto dos sistemas de vida que dividem o mundo de hoje — o capitalismo e o socialismo; e a barreira da grande imprensa: por coerência, a grande imprensa não pode permitir em suas páginas matéria que advogue a mudança do statu quo, e quando ele é posto em xeque por um livro subversivo, extravagante, ou cínico, logo se impede qualquer comentário que contribua para a maior divulgação da obra. As válvulas da pequena imprensa e da imprensa partidária ou não produzem em ressonância ou também se fecham por razões diversas.

Um a um

Forjaz F. Forjan (A Revista, outubro 1961) dá-nos conta da disputa que se verificou entre um crítico científico-matemático e um poeta, ambos suíços. O crítico — que ao que tudo indica é um discípulo do Prof. Max Bense, que há pouco nos visitou — chama-se Fritz Pitt e fez a crítica do poema de Georg Sann com auxílio dos métodos estatísticos e do cérebro eletrônico. O resultado foi o seguinte: o cérebro denunciou "excesso de entropia" no poema de Sam, baixo nível comunicativo, formas estereotipadas etc. Em face de tal julgamento — que equivale à palavra divina da condenação — o poeta não teve outra saída senão a de submeter o artigo do crítico também ao juízo do cérebro eletrônico. O resultado foi parecido: excesso de entropia, chavões, erros lógicos. Crítico e poeta empataram. Quem com cérebro fere, com cérebro

Estudos históricos

Otto Maria Carpeaux (SL, Correio da Manhã, 26.11.61) considera que o enorme sucesso de Toynbee é prova da fascinação que os estudos históricos exercem em nosso tempo. No Brasil — diz OMC — tivemos uma época na qual a historiografia foi sobretudo narrativa, literariamente inspirada e não raro sucumbindo à tentação de romanciar os acontecimentos. Hoje ter-se-á dado um passo à frente, com o método de pesquisa e exame dos documentos. Nesse progresso reside, entretanto, um perigo: o do interesse pelo documento degenerar em acumulação positivista de fatos, importantes ou não, em prejuízo da interpretação desses fatos. Mas OMC revela a causa desse temor: é que, para ele, "a narrativa ainda me parece a forma mais alta de historiografia, mas quando pretende ser "último resultado de uma fase de pesquisa". Isso é evidente, do contrário voltaríamos à narrativa literária. Aduz, então, OMC, ao Boletim de História publicado pelo Centro de Estudos Históricos da Faculdade Nacional de Filosofia, no qual aparece um artigo de José Americo Motta Pessanha: Nesse trabalho, JAMP aborda o problema das interpretações históricas erradas, inspiradas pelo falso conceito de "mentalidade específica" de determinada raça ou nação. Parte OMC para digressões em torno de vários exemplos de "falsas interpretações" históricas, como o da destruição do Império Romano... Conclui afirmando que o interesse de hoje pelos estudos históricos não é fruto de uma vontade de evasão, mas de participação na atualidade.

Teatro

A EVOLUÇÃO

DE MARTINS

PENA (Conclusão)

Barbara Heliodora

Só em 1845 é que Martins Pena tenta, pela primeira vez, a comédia em três atos: *O Noviço* é sua décima obra no gênero cômico e não nos parece possível que seja posta em dúvida sua posição de obra-prima da carreira do autor, pois seja em construção seja em caracterização é um ponto excepcionalmente alto em toda a dramaturgia nacional. Em *O Noviço*, como em praticamente nenhuma outra obra de Martins Pena, é exato, justo, preciso, o equilíbrio entre o conteúdo e a forma, e nela é alcançada aquela medida madura de farsa na qual há espaço para uma caracterização algo mais completa do que a mera esquematização da farsa de situação.

De estatura maior do que a das leves tentativas de um ato, Martins Pena parece, em *O Noviço*, ter em mente a comédia romana mais do que a farsa francesa, menos por idéias conscientes de imitação do que pela busca instintiva, quase, da forma indicada para enquadrar sua intenção de criticar certos aspectos da vida brasileira da época. Já que o Dr. Luis Francisco da Veiga informa em sua *Memória Biográfica* a respeito de Martins Pena (*Revista do Instituto Histórico*, Tomo XL, parte primeira, 1877) que este estudou latim antes de entrar para o Curso de Comércio, não seria de espantar que uma curiosidade aparentemente insaciável como a sua tenha entrada em contato com Plauto, já que diz o mesmo biógrafo que Martins Pena fez sempre vastas leituras no campo da literatura dramática. Sem dúvida é único na obra de Martins Pena o final plautense de *O Noviço*, em que o pedido de indulgência do Mestre de Noviços ainda mais nitidamente coloca Martins Pena, no caso, num esquema clássico.

A construção de *O Noviço* é primorosa, e o entrosamento de três linhas de ação é feito com um cuidado inusitado na obra do autor: Ambrósio e sua mulher Florência são a ligação das três tramas que são as seguintes: Florência, a viúva casada em segunda núpcias com Ambrósio, é suficientemente cega e tola para não ver que foi apenas por interesse que este casou-se com ela e para concordar em mandar para o convento sua filha como já havia feito de seu sobrinho um noviço, e começava, desde cedo, a educar seu filho menor para frade, tudo isto sem perceber que a única intenção de Ambrósio era ficar com seu dinheiro. O resultado dessa trama central será o sofrimento de Florência, a que erra por tolice, e a punição de Ambrósio, o que erra ativamente. Três tramas paralelas servirão para completar o quadro: a de Carlos e seus problemas como noviço, que enquadrarão as críticas de Martins Pena à Igreja e às hipocrisias religiosas de sua época (como já fizera em *Os Irmãos das Almas*), a intrigante amorosa, e a de Rosa, primeira mulher de Ambrósio, que, além de ser instrumento para a denúncia deste, servirá para a ampliação do quadro de documentação da vida brasileira, com a apresentação de uma moçoila, que fala de sua região, dos hábitos e costumes da mes-

ma, sem deixar por isso de ficar inteiramente dispendiosa ao total da peça. O que Rosa diz do Nordeste não passa de algumas poucas linhas, mas já a essa altura Martins Pena era mestre em retratar de maneira a um tempo clara e sucinta os panoramas que, ao tempo de *O Juiz de Paz na Roça*, tornariam provavelmente toda uma cena.

O Noviço demonstra um cuidado de construção que não tem paralelo na obra de Martins Pena. Tentando pela primeira vez a composição de uma comédia em três atos o autor distribui com um cuidado exemplar os momentos de tensão e relaxamento, aumentando progressivamente a complexidade de sua trama, com inúmeras entradas e saídas planejadas de maneira excepcionalmente hábil, sob o aspecto de pura construção teatral, assim como são brilhantemente planejadas as crises de final de cena e — muito particularmente — de ato. Não é somente o final plautense e nem o cuidado da construção geral do plano de *O Noviço*, entretanto, que nos levam a pensar numa intenção mais clássica na composição da obra, mas também o fato de que aqui, pela primeira vez — e única na forma — no monólogo inicial ficam perfeitamente estabelecidos, ante a platéia, o personagem e seu problema. O monólogo inicial de Ambrósio, além disso, determina um clima para *O Noviço* bastante diverso do da grande maioria da obra de Martins Pena, pois aqui temos uma técnica especial de construção dramática, aquela na qual a platéia está, em inúmeros momentos, mais bem informada do que os personagens a respeito de certo assunto ou situação. Nesta técnica o autor abdica do elemento de suspense que é característico do melodrama (e que influenciara Martins Pena muitas vezes), tomando o ponto-de-vista mais clássico, o da clareza de intenções de crítica de costumes, característica da comédia nova grega, de Plauto e de Molière. Em forma, intenção e conteúdo, portanto, parece-nos que *O Noviço* ocupa uma posição única na obra de Martins Pena. Com a exceção de *As Casadas Solteiras*, e de *O Usurário*, (incabada mas com algumas características sugestivas, também a comentar) Martins Pena não tentará mais a comédia em três atos: permanecerá no âmbito da farsa em um ato, no qual brilha incontestavelmente, mas não tentará mais a envergadura de *O Noviço*. Serão inúteis as conjecturas sobre as razões dessa decisão, mas é preciso apresentar ao lado de uma possível consciência de uma limitação natural de talento (que seria facilmente desmentida por *O Noviço*), uma limitação mais plausível, a de sua saúde precária, pois Martins Pena só teria mais dois ou três anos para completar uma obra dramática, e morreria dentro de três, a partir da composição de sua obra-prima.

Depois de *O Noviço*, Martins Pena se apresenta menos alegre, e as duas linhas — a da forma e a do conteúdo — que vinham correndo pa-

ralemas ou pelo menos em equilíbrio muito aproximado desde o *Juiz de Paz na Roça* parecem agora por vezes desequilibrar-se novamente, mas desta vez para o lado da forma, em lugar do conteúdo de informação brasileira como acontecera nas primeiras tentativas. Martins Pena era agora um magistral manipulador de enredos, mas com raras exceções vemos que volta a sofrer a influência do melodrama. E não deixa de ser compreensível esse retorno ao melodrama se considerarmos a época em que viveu: justamente no período em que Martins Pena começou a produzir (e com que facilidade e rapidez, é preciso que se note), despontava no teatro brasileiro o único grande nome de ator que marcou o século XIX como realmente excepcional, João Caetano, cujo talento, ao que se possa verificar, divergia fundamentalmente do do comediôgrafo, era altissonante, e melodramático quando não trágico, e o seu sucesso deve ter criado um clima de procura de veículos adequados a seu gênero que não propiciavam de todo o talento natural de Martins Pena.

Aliás, em sua Memória, o Dr. Luis Francisco da Veiga comenta: "Luis Pena encontrou muitas contrariedades no começo de sua tão breve, mas tão fecunda vida de autor dramático, informando-nos o Sr. Dr. J. F. Viana que o próprio João Caetano dos Santos bastante o guerreara, provavelmente (acrescentamos nós) por cultivar Luis Pena especialmente a comédia, e não ser este o gênero literário das simpatias e da indolente pujante e explosiva daquele tão talentoso brasileiro", e atribui ao interesse de José Antônio Tomás Romero "inspetor de cena" do Teatro S. Pedro, o fato de terem sido as obras de Martins Pena montadas, no período de 1844 a 1847. Ora, o sucesso de João Caetano no melodrama vinha de encontro àquela tendência que o autor ele mesmo já mostrava no início de sua carreira, de querer compor algo fora do gênero cômico, e estamos hoje convencidos de que das todas estas circunstâncias, fica esclarecido o quase abandono da comédia em termos puros nos últimos anos da vida do autor, quando já deveria ter menor resistência para lutar contra o ambiente dominante, e — o que seria lógico — bem menores motivos para ter da vida um panorama otimista ou alegre.

A peça que se segue a *O Noviço* é um excelente exemplo dessa confusão de sentimentos e de estilos, mesmo porque na cuidadosa edição de Darcy Damasceno *O Cigano* vem incluída entre as comédias, enquanto que na Memória do Dr. Luis Francisco da Veiga a obra é classificada como "drama em um ato", com referência do *Jornal do Comércio* de 12 e 15 de julho de 1845. Na realidade o tom é confuso, e se temos uma série de momentos em que muito aprendemos sobre o tratamento de escravos, o roubo de escravos e assim por diante, a atitude do autor não chega a ficar esclarecida

em relação às três filhas do cigano, que servem à trama sem adquirir dimensão própria: os três namorados são mais bem definidos por causa de suas profissões e atividades, mas se no final as três moças são abandonadas em seu triplice desmaio, temos a impressão de que Martins Pena considerou que o final era teatralmente satisfatório, e não queria ter com elas maiores preocupações.

O Caxeiro da Taverna (1845) começa com uma rubrica sobre o cenário que autentica a informação contida na Memória a respeito do autor sobre o fato de ter ele, ao frequentar aulas da Escola de Belas-Artes, tomado interesse particular pelo estudo da cenografia: o ambiente é essencial ao tom desse ato concebido fundamentalmente como melodrama, mas terminado num tom farsesco que se imiscui, desde o início, no personagem de Manuel, que sonhava em ser sócio da firma. A vontade de Martins Pena era de escrever o dramalhão da época, talvez, mas seu senso de humor o levava a revelar os aspectos ridículos de seus ambiciosos, e as mesquinhas fraquezas de seus vilões mais grotescos do que malévolos. Nisto Martins Pena lembra muito o Tchecov de *Platão*, em que o talento natural do autor de comédias aflora repetidamente em meio a uma adolescente tentativa de ser apaixonadamente melódramático... Apesar de não haver falhas de construção na obra, *O Caxeiro da Taverna* inclui uma parcela mínima de inspiração e a nós parece a obra mais fraca de sua breve maturidade.

As Casadas Solteiras é um caso à parte, pois se trata de uma comédia "em três atos imitados do francês". Não sabemos de quem é a obra que Martins Pena imitou, mas usando trama alheia, algo de sua natural exuberância cênica parece desaparecer e é novamente no detalhe informativo, isto é, na observação acumulada, e em certa qualidade de diálogo que encontramos as melhores características: desta obra que não atinge nunca o alto nível de *O Noviço*. Martins Pena volta a ficar dos ingleses como exploradores do Brasil e a fazer uso de sua capacidade para grafar o português mal falado por eles, que já havia experimentado em *Os Dois ou O Inglês Maquinista*. O primeiro ato, em Paquetá, é o mais agradável dos três, justamente por ser o que mais o imitador adaptou a condições verdadeiramente brasileiras. O subterfúgio de Jeremias e Henriqueta é um paralelo um tanto óbvio à história principal de Bolingbroke, John, Virginia e Clarissa, mas, acima de tudo, realmente falta à trama de *As Casadas Solteiras* a espontaneidade, a autenticidade brasileira que marca de maneira tão impressionante a obra de Martins Pena. Por outro lado, é necessário notar que esta é a única ocasião em que as desavenças matrimoniais como tema central não são tratadas em tom farsesco ou caricato. Em *Os Meirinhos* novamente volta o tom melodramático, mas a construção é bem superior à de *O Caxeiro da Taverna*, por exemplo, e a obra tem o mérito de permitir que o autor nos leve para um ambiente inteiramente diverso daquele que prevalece em quase toda a sua obra, isto é, o da burguesia. Aqui vamos penetrar num mundo mais rude, e Martins Pena o revela com um clima realista que tem ao menos o mérito de abrir novas perspectivas para o conhecimento da sociedade brasileira do século passado. Além do mais, também entramos em contato detalhado com mais uma crítica aos costumes da época, desta vez o de se "tirar uma moça por justiça", um raptio comprometedor para forçar um casamento. Fróis, o espetáculo que quer executar uma manobra dessas, tem uma fala na qual descreve muito ao vivo as reações previstas na família da moça: "Não dar dote! Ou é tolo, Plaba, ou queres-me fazer de tolo. Quem tira moça rica por justiça já sabe como estas coisas se fazem, e calcula muito bem. Ah, se calcula! Nos primeiros dias o pai ou a mãe lograda gritam, esbravejam: 'Filha ingrata, abandonar sua mãe que tanto a estimava! Perversa! Quem o diria! Ingrata!' No fim de uma semana já a coisa está mais serenada e principiam a lembrar-se da filha com saudade. Então aparecem as amigas e os amigos: Ora, senhora Do-

na Fulana, ora Senhor Fulano, ela é sempre sua filha... Fêz mal, é verdade, mas enfim o mal está feito; lembre-se que é seu sangue, sua filha, que viverá na miséria, se não a perdoar. Estas e outras lamúrias, que a maior parte das vezes são de encomendas, e a natureza, que sempre puxa..." O retrato parece não só fiel como também saturado do elemento de crítica que é uma das grandes características do autor. Na verdade *Os Meirinhos* não chega a atingir a categoria das melhores obras do autor, mas há sem dúvida muito de aproveitável mesmo para uma apresentação no século XX.

Quem Casa Quer Casa, Provérbio em 1 ato sofre, apesar de ser bastante divertida, dos excessos da caricatura, e não deixa de ser reminiscente do aspecto doméstico de *Os Irmãos das Almas*. A movimentação de cena, entradas e saídas, demonstra que é uma obra essencialmente teatral, mas não estava o autor em sua maior felicidade na escolha do tom, que resulta um pouco mais carregado do que deveria para que fosse atingido o rendimento máximo. Mas há aqui uma alegria que Martins Pena já parecia ter perdido permanentemente, e que recrudescer em *Os Clúmes de um Pedestre*, na qual talvez seja possível encontrar um justo e brilhantíssimo protesto do comediôgrafo Martins Pena contra o dramalhão que dominava os palcos e talvez ofusasse, com sua potência vocal e emocional, o brilho mais leve mas infinitamente mais puro de sua comédia. Com *O Terível Capitão do Mato* fica patente o conhecimento que tinha Martins Pena das melodramáticas adaptações do *Otelo* que o Brasil conheceu no século passado, como também o conhecimento de Shakespeare ele mesmo, nos parece, pois não só o autor pode muito bem, com sua sátira, lembrar ao público que o verdadeiro *Otelo* não é aquilo que se gritava nos palcos locais, como também a entrada dos três navios carregados de riquezas pode muito bem ser um eco de alguém que conhecia *The Merchant of Venice* (além de uma peça simpática a quem não se decide inteiramente pelo drama ou pela comédia...). De qualquer modo aqui o espírito crítico de Martins Pena brilha na íntegra, e a intenção satírica é patente, consciente, com excepcional aplicação de princípio da comicidade do excesso, e pela última vez o autor atinge o justo equilíbrio entre intenção, conteúdo e forma.

As Desgraças de uma Criança, dependendo de uma montagem inteligente, pode ter um rendimento excepcional, e contém uma forma surpreendente de humor, chegando quase ao humor negro, tantas vezes a pobre criança inocente é atirada ao chão no meio dos mais disparatados acontecimentos: o ridículo do velho apaixonado, o recurso do travesti, as confusões de entradas e saídas no escuro, todo o recurso da farsa, enfim, são utilizados nesta última obra em que Martins Pena se realiza satisfatoriamente como autor cômico, e na qual os mal-entendidos se sucedem com facilidade surpreendente. Mas infelizmente o autor estava chegando ao fim de sua carreira. *O Usurário*, que novamente envereda pelo humor negro, tem um primeiro ato delicioso, com uma cortina muito bem trabalhada, mas é truncada, no princípio do segundo ato. Aliás vale a pena notar aqui, novamente, a possibilidade da influência de *The Merchant of Venice*: já *O Jogo de Prendas*, planejada para um ato, não chega nem ao fim de um projeto tão curto, e a última comédia, sem título, é prejudicada pela influência do melodrama, embora tenha momentos de uma leveza de diálogo digna de admiração.

Apesar de seu sucesso relativo de público, Martins Pena não teve o ambiente que merecia: o século XIX não sabia apreciar a boa comédia, e sua alta qualidade não foi estimulada o suficiente para que pudesse brilhar como deveria no panorama nacional. Faltou-lhe um Luis XIV que, com seu apoio, propiciasse o desenvolvimento de seu talento na comédia, livre das opressões do melodrama em moda, reconhecendo ao gênero a alta qualidade que, nas mãos de um Martins Pena, pode atingir.

Uma teoria

da prosa (3)

Enrique A. Imbert

Tradução: Júlio Siqueira

Oratória, ciência e poesia

Dessas atitudes interiores que acabamos de ver, o espírito vai-se formando. O primeiro sinal da atitude prática é a frase imperativa e desiderativa (vem, pronto, traze); da atitude intelectual, a frase enunciativa (hoje é domingo); da atitude expressiva, a frase exclamativa (que triste estou!). Desses ramos elementares vão-se desenvolvendo organismos linguísticos cada vez mais complicados. Selecionamos, arranjamos, estilizamos as palavras. Os resultados dessa tarefa ficam incorporados às especializações já estabelecidas na história da cultura. Isto é, que temos contribuído, conscientes ou não, a certos modos genéricos. Maneiras de formular nossa vontade, de comunicar nosso pensamento e de expressar as imagens de nosso sentir. Essas especializações, esses gêneros não são compartimentos estanques, e sempre o espírito circulará por eles, como o sangue por todos os órgãos do corpo. Mas, a tendência para uma linguagem que atua praticamente para influir sobre o ouvinte, chega a seu ponto mais alto na Oratória. A tendência para uma linguagem que articula o pensamento para comunicar uma idéia sobre o mundo, chega a seu ponto mais alto na Ciência. E a tendência para uma linguagem que expressa a intuição pessoal, íntima e imaginativa chega a seu ponto mais alto na Poesia.

No plano real da cultura, a maneira oratória, científica e poética coexistem, mas é melhor — e não demasiadamente arbitrário — separá-las, segundo seus valores. Na Oratória persegue-se um valor de conduta; o Bem. Na Ciência, um valor lógico: a Verdade. Na Poesia, um valor estético: a Beleza. Na Oratória a palavra não vale nem como imagem pura nem como conceito intelectual, mas como instrumento prático; na Ciência, a palavra — ainda que inseparável do pensamento — distingue a imagem do conceito no ato mesmo de unificá-lo e, por isso, é símbolo que ultrapassa a fantasia; na Poesia, a palavra e a fantasia estão tão indissolubilmente fundidas que nem sequer podemos vislumbrar uma separação.

Verso e prosa

Até agora, não fizemos distinção entre a linguagem oral e a linguagem escrita. Mas, se temos de apressar nossa viagem teórica e chegar quanto antes a nosso tema, que é a prosa, deixemos de lado a linguagem oral e abordemos a linguagem escrita. Recorde-se o que foi dito nos capítulos anteriores: as atitudes prática, intelectual e expressiva animam certos corpos linguísticos, aos que, na morfologia da cultura, chamamos de gêneros; as células desses gêneros são, respectivamente, a Oratória, a Ciência e a Poesia. Tais gêneros, ao serem escritos, apresentam-se de duas formas: o verso e a prosa. Muito bem; nenhuma dessas formas é prerrogativa de um gênero, todos os gêneros podem plasmar-se indistintamente em ambas as formas. Sem dúvida, há uma oscilação de formas intermediárias, segundo veremos em seguida, mas todo leitor, hoje como ontem (o ontem dos gregos, por exemplo), distribuirá os escritos em prosa e verso. Aristóteles já observou que o oratório é uma forma mista de verso e prosa (como a de Gorgias), que há versos que não expressam Poesia e sim Ciência (como

os de Empédocles e, da mesma maneira, há prosas que não comunicam Ciência, mas sim Poesia (como a de Platão).

Não sentimos o mesmo hoje? O meio normal da Oratória tem sido a voz ao vivo. Aparece também escrita, mas seu âmbito próprio é o púlpito, a tribuna e a cátedra. Uma vez que vamos aqui estudar os gêneros escritos, temos de excluir a Oratória ou, em todo caso, examinar apenas o termo na literatura. Ficam, pois, o verso e a prosa. Na história da cultura, o habitual tem sido a Poesia aparecer em verso e a Ciência em prosa, mas houve quantidade de obras mestras em que o coração cantava suas emoções em prosa e o racional se punha a versificar suas razões. As coisas têm mudado depois do ingente desenvolvimento das ciências nos últimos tempos. Hoje é mais raro que o pensamento discursivo e didático eleja o verso (aliás, conhecemos na Universidade de Michigan um estudante que, tendo lido, recentemente, Lucrecio, teve o humor de apresentar a seu professor de Física uma monografia científica em verso). Por outro lado, a prosa é cada vez mais usual na expressão poética. Repetimos: a Poesia nestá comprometida com o verso nem com a prosa. Tem-se discorrido logicamente em verso e, ao contrário, se tem feito poesia em prosa. A Poesia é uma forma interior da expressão, alheia à forma exterior da língua.

Antes de prosseguir, façamos um ligeiro retrospecto. Em nossa aproximação ao tema prosa, deixamos de lado primeiro a linguagem oral; e, na linguagem escrita, acabamos de ver que verso e prosa são meras formas, sem conteúdo determinado. Faltanos, assim, alijarmos o verso e ficarmos apenas com a prosa. Para isso, vamos ver que diferença formal há entre verso e prosa. Não há porque guardar o segredo: essa diferença está no ritmo.

O ritmo da prosa

Como se estrutura o ritmo no verso e na prosa? Avisemos, antes de tudo, que a aplicação dos termos musicais — como ritmo, melodia — aos fenômenos sonoros da linguagem verbal, distam muito de serem exatos. Mas, uma vez esclarecido que usamos esses termos numa acepção muito ampla, e ainda metafóricamente, cremos que não nos reprovarão se dissermos que o sentido unitário de toda frase se desenvolve musicalmente. O que fala ordena seu sentimento e seu pensamento em sons que sobem e baixam, que se afastam e se aproximam, que se intensificam de tom ou não, que se repetem ou não. Enquanto fala, ele goza essa alternância de tensões e distensões. Cada crescendo, cada diminuindo, valem para ele como partes da construção dinâmica que vai orquestrando. As palavras seguem-se umas às outras, e cada palavra aponta o seu próprio objeto; mas o impulso de significação total só se objetiva com uma peculiar entonação de voz. É como um duo entre o discorrer da mente e a melodia verbal. Apenas trocamos idiomáticamente o pensamento, as inflexões da voz mudam-se aos símbolos e os harmonizam numa unidade de sentido.

Um membro da frase nos faz esperar o seguinte: há expectativas e solicitações, e não despertam a atenção, e nova satisfação.

Osman Lins (2)

Assis Brasil

É evidente que, na experiência ficcional de Osman Lins, o autor, em relação ao seu romance O Fiel e a Pedra, tenha reagido, supostamente, em função inversa ao seu primeiro romance O Visitante. Este livro, como já ficou claro, encerra um mínimo de fabulação sob uma forma contida e equilibrada. Ao escritor deverá ter parecido um romance menor, de imaginação podada e inventiva limitada; talvez Osman Lins tenha necessitado escrever algo maior, recorrer a esses ditos painéis que a literatura tem registrado.

O Fiel e a Pedra é, de fato, a tentativa de um painel — mas não um painel à Ghernica (linguagem de uma época; sentimentos de um caos, ilogicidade descritiva) e sim um painel com todos os xexaibos românticos e todo um descri-

tivo exaurido de uma literatura velha.

No comedimento narrativo de O Fiel e a Pedra, na sua concepção consciente e limpa, Osman Lins sai-se bem, embora tenha acabado de incorporar seu último livro no rol de uma literatura que é, apenas, direitinha e acadêmica. Com intenções de fazer um romance maior, tanto em seu espaço material como no seu espaço intrínseco, Osman Lins centraliza a narrativa em torno de um casal de personagens, mas fazendo, de uma maneira às vezes corrida, contrapontos e flashes-backs com uma série de casos e acontecimentos com outras pessoas — que não chegam a adquirir a configuração de personagens — prendendo-se, assim, a inúmeros temas. É na verdade, esse romance, uma espécie

de fuga sem a convergência temática necessária à organização da obra. Sob o prisma de vários assuntos e histórias, abordados aqui e acolá, em O Fiel e a Pedra, desenvolve-se o romance para um painel frustrado, porque destituído de uma visão centralizadora. Osman Lins não precisará ir longe para sentir que em seu O Visitante, há um mundo tão extenso, tão ilimitado, quanto ele pretende retratar em seu último livro por um lado um tanto equivocada-

Além do recurso e excessiva narrativa de histórias de tipos colaterais, Osman Lins usa um outro sem nenhuma importância no arco-ônibus de O Fiel e a Pedra, e que estava ausente em O Visitante: a recorrência freqüente às descrições da natureza; solta os personagens para descrever uma paisagem, uma noite, uma chuva: "Nas ruas, a noite emudecera. Sob as aglaías, à sombra dos portões, ao pé das janelas meio fechadas, os namorados haveriam trocado os seus adeuses. Com uns gestos cheios de torpor, sem alegria e como sem esperança, as famílias tinham recolhido as cadeiras dos passeios e era quase certo que todas as portas já estavam fechadas. As luzes amarelas dos postes nas esquinas, iluminavam um mundo semi-morto e quente."

O que Osman Lins, dessa maneira descritiva, quer mostrar objetivamente — um lugar atrasado, uma província — o faz, através da tibieza dos personagens, numa reformulação artística mais convincente, em O Visitante. Se havia nesse livro — sem prejudicá-lo; talvez engrandecendo-o — uma ausência de um descritivo ambiental e natural, em O Fiel e a Pedra, tal atitude positiva é responsável pelo maior defeito de concepção desse livro.

Claro que para a complementação de determinados momentos, de determinadas situações, essa recorrência descritiva é inôcua: "O anteparo na lâmpada, agora resguardava o morto. Os galos cantaram nos quintais, silenciaram, voltaram a cantar. Madrugada alta, o homem na cadeia pôs-se novamente a uivar. Depois, as luzes da cidade se apagaram, veio o confuso rumor dos passarinhos e uma claridade fresca desceu pelas frestas dos telhados."

Tanto é inprocedente o recurso e sem função formal que, tal ambiente, muitas vezes descrito, desaparece com a mudança física dos personagens. Mas a preocupação de documentar os lugares continua e não podemos atinar a razão pela qual Osman Lins mantém nesse livro situações tão supérfluas em face à ficção: "O Hotel Suiço, onde Te-

les se hospedara, ficava no ponto mais movimentado da Vitória, junto a uma dúzia de estabelecimentos congêneres, na estrada de rodagem. Comparado com os outros, o velho sobrado causava uma fresca impressão de higiene. Renovava-se, de seis em seis meses, a pintura da fachada, portas e janelas, anualmente era caiado por dentro, mas esses cuidados resultavam um pouco enjoativos: o Hotel Suiço tresandava sempre a tinta fresca."

Sem nenhuma importância no desenvolvimento narrativo e na fixação dos valores ficcionais, essa insistência descritiva de Osman Lins só serve para empobrecer seu romance, desequilibrá-lo, e tirar a sua unidade pretendida. Assim, em autor de recursos também objetivos, O Fiel e a Pedra é um mosaico de coisas apreciáveis e outras ruins, sendo responsáveis pelos melhores momentos desse romance os recursos já entrevistados em O Visitante. Creemos que Osman Lins deve rever seu processo narrativo em seu último livro e meditar sobre o que fez.

(x) — Osman Lins — O Fiel e a Pedra — Romance — Editora Civilização Brasileira S. A. — Rio de Janeiro — 1961.

K R A M I A E L M A

Estela Campos

a mulher passou pela cascata do pátio, abriu os braços, baixou a cabeça.

Neste momento, num raio de uns 500 metros à volta, fechou-se a concisão. Brilhava o sol poente nas vidraças com cintilações irradiantes, as sombras aglomeravam-se. Sob a pressão poderosíssima um eixo foi deslocado, a casa dobrou-se sobre si mesma, a fim de conservar a própria estrutura. Como no tempo dos cavalos aquele a quem as coisas, mais tarde, chamaram de — (palavra em potência) chegou com estrepito junto ao portão de entrada.

em nome do Padre, do Filho, do Espírito. Santo
que chamado ocorres?
vejo-te ansioso

para lá
para cá
para lá (passos apressados)
para cá
para lá
para cá

vai fazer frio esta noite

(silêncio taciturno) HUGO!

HUGO!

HUGO!

1 — minha face está tranqüila.
minhas mãos têm anos de repouso. Podem abençoar.
reconheces o divino nas arcadas doloridas destas coisas tão agrestes?

2 — calei-me
o ar continua-se intenso, envolvente, comunicado
passei os dedos, ao de leve, em seus cabelos

(um murmúrio enlanguescido)

3 — a linha do meu horizonte começou a enfraquecer.
tive medo. Agora estou mais calmo.
traze o alimento
quero benzê-lo

ILUDIDA A TEMPORALIDADE QUE OBRIGAÇÃO DE SUSTENTÁ-LA?

isso dizia uma das freiras enquanto outra respondia:

freqüência
freqüência

houve um silêncio de seis segundos.
com voz abafada de contralto uma outra, abrindo os braços exclamava contrafeita:

se eu repercutir, Senhor, será isto a memória?

as paredes estremeçeram, os alicerces aproximaram-se tal como se dava com o teto — um movimento invertido, angular, irritado histórico.
as freiras lutavam, gemiam. Lembrou-me a frase "sob o péso dos seus pecados" — não queria dizer bem isso mas adaptava-se.
os alicerces chamaram mais forças construtivas e ficaram imóveis

visto que, de hoje em diante, as partículas iriam descer à uma profundidade não fisiológica mas latente.

no côro as noivas entoaram cânticos e tudo voltou ao primeiro instante. Houve quem se lembrasse das moitas de amoras, outros de um novo ponto de tricô e até do baile do fim do ano.

Naquele dia as pálpebras pesaram. O homem engarrafou mais um pouco da tarde e foi dormir satisfeito porque os minutos trariam as horas amenas, cheiro de erva fresca pisada pelos pés dos peregrinos.

Voltei ao meu cubículo. Na parede branco-azulada somente uma inscrição.

mas a tarde não terminara. As horas da noite encontravam-se com as do dia quando procurando estabelecer uma ligação limitrofe o mesmo homem lançou, com grande habilidade, um punhal toledano sobre a fissura que se abria. Isso foi o sinal. Os períodos desligaram-se, difundiram-se. O mundo desfez-se em postas circulares e os corações dos homens esvaziados puderam conceber liberdades mais extensas.

FOI-SE O PODER DO DEMÔNIO!

voltaram as freiras — agora todas de branco, nas mãos um ramo muito intrigante. Existidas as nuances possíveis nada mais ficou para o divertimento. Os claustros repetiam-se sedentos. Sabia que estava eminente uma evolução e enlanguescia enlanguescia porque as circunstâncias exteriores, secas, descnxabidas eram por completo avessas ao transporte amoroso. Homens ultrapassados exibiam-se ainda.

Onde buscar o significado?

a Proporção.

dêsse momento em diante urdia urdia como uma aranha feliz, extasiada, integral e além, nos campos ingleses. Diana. Crepúsculo. Muito grega, escultural, perfeita.

Fechei a janela e deixei-me ficar na penumbra da sala.

crach!

ora que este som caindo esborrachado na rua acinzentada resultou numas tantas pontas espinhosas que se desenvolveram num diâmetro suficiente. As triturações tiveram força por mais algum tempo logo sossegando tudo em volta. O arvoredo verde concentrava. De posse desse momento observado e bem delimitado, as psicologias sustinham-se alguns metros acima da superfície, sempre num tom de espera e as tardes TARDES significavam evasões de um pensar meditativo. Cada parte do ar originava uma clemência algo liquefaciente nunca completado. Uma vez concebidas as proporções perfeitas, a figura mantinha-se na formal dimensão preexistente.

Junto à casa isolada, os bosques começaram por ampliar-se em novas solidões. Diana, descuidada, afagava a cabeça da corça. Tudo branco enquanto eu brincava deixando que a água fluísse através dos meus dedos. Era um encanto para os olhos a deusa caçadora. Insatisfeita dava-lhe a meu gosto uns tons mais esbatidos ao fundo de verdura em sua silhueta se recortava. A existência perfazia então o mesmo aspecto que constitui um copo a transbordar mas que não transborda nunca. Aquêlê abaulamento da superfície em direção as bordas era justamente a linha de curva em que nos ambientávamos. Os atos passavam assim a deflagrar obstinações na inércia que se transubstanciava em vivências manifestadas, independentes, harmônicas. Possivelmente um pássaro cantaria. A deusa caçadora levantou-se. Só então verifiquei que no horizonte o sol tinha tocado o ponto da tangente e a noite foi vindo mansa muito leve enquanto que as campainhas tocavam pelas árvores.

cheguei-me ao fogo.
abri a arca.
tirei os dias.

o claustro aproximou-se muito cedo. Ainda havia orvalho no momento em que as freiras, compassadamente, iam coagulando presenças que se acumularam.

Dois contos

de J. E. Monteiro

O PRIMO

Com a morte da tia Beta, a prima Adônia veio morar conosco — aos treze anos de sua puberdade e a rminosa, perfumando a casa toda com suas pétalas sagradas de anjo doído. Cresceu ali ao nosso lado, e eu conhecia a cor de todos os laços de fita que cingiam o seu cabelo pelas semanas adentro, e não foi senão depois daquele beijo que lhe dei na noite dos seus quinze anos festivos, tocando-a com minhas mãos trêmulas e uma flor presa na boca, que ela sorriu ameno e se tornou uma moça. (Muito senti essa transformação, e pela vida nunca me perdoei, porque existe muita maldade e mentira no coração das moças bonitas, alçando aos ares as florissaltas e as ramagens verdes da árvore da Morte, e porque as verdades

são ditas entre parentes.) O anjo outrora doído besunta a cabeça, como se houvesse caído do infinito. Agora, todas as noites nos comprazemos acompanhando-a a namorar o seu namorado, o namorado falante e ela pega a sorrir. Brotava o ciúme desenhado com as cores do suave arco-íris, porque eu sabia com infinita segurança que ela estava ali e me consolava: ela estava ali. A vida breve vai passando no palco giratório como aos nossos olhos vão correndo agora os ventos alantes da tarde, e não voltam, pois numa linguagem complicada o moço eu-primente e vai logo pedindo a meu pai a luz do céu e as águas da cachoeira, os barcos ligeiros do rio e os pirilampus lucinortos da mata, deixando a descoberto

um rosto humano sob as luzes do dia e a inutilidade da vida, com as mósicas passeando sobre a mesa e os vasos brancos de porcelana andarilhando nas capas dos livros, enquanto a nossa casa antiga de pedracal responde com o seu silêncio. A vida é uma condenação, e ai dos que não sabem — gemi pelos que gemem, pois o carro preto acaba de encostar ao meio-fio da calçada, e desconfio que a Felicidade entrou em minha casa, porque o meu pai sorri e abraça o seu compadre, minha mãe está vestindo o seu melhor vestido, minha prima chora ou sorri na sua beleza horripilante, a casa está cheia e muito espagosa, todos estão abraçando-a, enquanto o meu relógio de pulso acusa dez minutos para as três.

QUE É AMOR?

Cinco de outubro é dia de Natal, pois o menino louro bateu na porta tontontom de manhãzinha cedo, batendo palma e chamando ô de casa. Principiou a cantar na sua sala cantada — que falar é mais difícil que cantar, derramando o ouro de sua boca: ô dona, minha mãe mandou eu pedir um bocadinho de comida, ainda não tinha tomado café, sua mãe vinha viajando há vários dias carregando quatro filhos, camião quebrou, dinheiro acabou, sua mãe

está ali numa casa passando necessidade e sofrendo privação acalentando o nenêzinho no colo e com a face muito branca e os cabelos finos, pai trabalha na Cachoira, corre a família pelos campos e cidades ao encontro do seu chefe para fundar o reinado de amor com sorriso e muitos beijos molhados. — Já tomou café? Entre. Príncipezinho vai pisando no mosaico frio e as figuras marrons, amarelas e chviscadinhas do azulejo pisadas são, tapete de pés descalços

rasgando uma roseira no meu coração. Encaro o menino Jesus, os seus olhos me fitam como um gato nos acompanha na existência breve. Sinto amor pela criaturinha naquele instante, percebo que amor não é: nem o presente de pedra do padrinho, nem o beijo longo da namorada, nem a face gorda do Papai, pois o menino mais cuminha é mais bebia, balançando as pernas debaixo da mesa, enquanto a luz da manhã apascentava a sua branda cabeceira.

O S B I C H O S

Para a escultora Lígia Clark, a propósito dos seus bichos

Walmir Ayala

I

Um bicho move-se para dentro
como a alma para fora,
um bicho é multiplicado e sustido por
brandas
dobradieiras,
mas é sempre bicho porque inquieto
e flui
e regorgita no mundo,
é bicho indivisível e orgânico,
em diversas etapas de si mesmo
eterno.

Um bicho tem pelos
que não temos,
tem garras
e nós nos desprendemos,
pode voar
e rastejamos,
no entanto existe para a luta
e é consigo mesmo que concorre
(nós apenas morremos do que o bicho
não morre).

II

Onde está o bicho? Voltado para que
aurora?
Ou na hibernação de um frio sem estação
(sua estação é a ferrugem) —
um bicho não sangra, mas se expõe em
cada lado

da mesma noite
e sob cada região do espaço o bicho rugir,
e seu rugir é claro
como o brilho metálico do lombo —
a boca
do bicho é um gume
voltado para todos os lados,
só ele sabe
o gosto do seu minuto,
só ele sabe
da rosa de sua axila,
só ele sabe
do seu espelho e do óleo nas suas vértebras
expostas.

O olho do bicho é um círculo
perfeito de sua própria existência.
O coração do bicho é
mudo
como o caramujo
que guarda tôdas as ressonâncias,
um sujo caramujo nos atritos,
nos ares arejados, nas águas
límpidas, um bicho
sabe tôdas as possíveis distâncias
de que é vítima.

III

O bicho não tem avêso —
um bicho do avêso seria uma gelatinosa
superfície,
e o bicho é seco.

O bicho tem seu pêlo,
o avêso do pêlo é o espírito
da matéria implantada;
o bicho tem sua pele,
a pele crestada do bicho
nem tem o sol por fora,
e ensolarado
do bicho gera
tôda a sombra que o bicho incinera.
O bicho tem as patas
ocultas sob o seio de nata
de seu bôjo inconsútil.

O bicho é irreversível.
Seu ser não sendo é útil.

IV

Mas quem puder
olhar por dentro o bicho,
olhar seu paraíso de veias,

sua soturnidade de humores,
quem puder
rodar o corpo do bicho como
quem roda uma força centrípeta,
quem pousar a mão sobre a célula
fria que o bicho suplicia.
Quem puder construir uma insônia
amável

no ventre do bicho,
quem puder
amanhecer o bicho
entre estrias de espanto,
e amanhecer com ele
estritamente santo.

Quem desvendar o bicho por silêncios,
quem pelo amor despetalar
a inocência do bicho!

Mas quem puder
sobretudo
perder-se
incessantemente na força do bicho...
Este terá visto a primeira ordem da
memória
onde o bicho mora.

A concha:
seu orgasmo é fortuito,
seu pudor é prudente.

o caramujo: um palácio de rumos em cujo
vestíbulo morre uma rosa fremente.

E o bicho: o hermetismo da concha
involado por fora,
e por dentro esta chama
da rosa
perpétuamente
ausente.

VI

Ele não está quieto
nem tu,
ele não chora
nem tu,
mas tu padeces sua seta
e ele rompe
com sua força de rumo
o sol que te corrompe.

Tua carne madura,
a do bicho perdura
além das áreas claras, nos horizontes
árduos.

O bicho não sonha na sua seara de cardos...

VII

Há um pedaço de luta
em teu músculo
que o bicho escuta — sua orelha
divina
debate em silêncio
o teu discurso avaro,
as razões que suscita
são poço de cismas
infinitas.

Mas não geme
em sua crosta invencível
o bicho
sua vitória é uma justa verdade, que teme.

VIII

Ele não te engana
e não se engana,
se o instigas à fome
sua fome é insana,
se lhe peões silêncio
seu mito é uma rede

onde os ares passam com seus sussurrares.
Se lhe pedes vida
seu ímpeto estável
se transforma em lida.
Se mordes a ponta
de sua cauda grave
seu gemido é o tempo
de uma triste ave.

Ele não te engana.
Seu corpo de bicho
supre a transcendência
humana.

IX

Cuida-te! O momento do bicho
resume a morte, e na morte
do que pensas do bicho
para a tua amorosa culpa
com ele
nascerá o infortúnio.
Mas não corras, não te exaltes
de desgraça, o bicho
já descobriu tôdas as fendas da tua
emoção, ele
já sabe onde está a caverna que lhe
esconde
de um dado momento em diante não são as
tuas palavras que o prendem
mas o bicho que salta das tuas palavras,
irmão dêle, filho, parte, órgão atribulado
dêle — a tua alma —.

Cuida-te! O bicho tem dois olhos de
estrêla, e seu ventre é mais denso
que a noite.
Chorará
como muito antes do sonho da tua
vida mortal.
e, então o bicho estará cordato
a teus pés,
lambendo tuas plantas com sua língua
secular.
embalsamando-te em sua saliva cicatrizante
— porque ele, o bicho, sabe
que te restam mais feridas do que rumos.

X

Seu circuito é de sombra
e se te assombra o minuto
do seu zelo, podes crer
que seu mapa é teu apêlo.

Nada se desagraja entre o que ele não nega
e o que não ousas,
rodam mínimas cousas
(E estas são as migrações do bicho
em tua terra inimiga)

Sua forma não é cuneiforme, como a
fólia, nem coracional como a fólia,
nem vertiginosa como o pássaro,
sua forma não é
a composição de etapas súpticas da morte.

Seu corpo é um rio correndo para dentro
e para fora de seu cio, um ramo ardendo
da sarça profética, um afinete contra
o coração do pasmo.

Seu corpo é uma porta aberta para dois
lados, e que só ele transpõe, e de
funda
o leito que inunda de lágrimas e que ele
reunga em sua Santa inocência de não
ansiar outra
coisa que o canto.
O bicho canta dolorosamente,
e é de metal seu curso,
e são oleos seus olhos,
madrigais entre as fôlhas de um livro
sua sombra, o bicho canta

e sua lírica tromba percorre os ares
mansuetos, o bicho é doloroso,
onipresente em sua ária, e claro.
ROSA NA ETERNIDADE DO SEU ARO.

XI

Dois tempos. Ou seja:
o de andares até seu limite e procurares
ver
o que ele não tem para ti
mas o que tem para si e te atinge porque te
pede ciência.

Outro: o que navega indissolúvel
em seu bôjo infinito, com asas e células
mortas
e vibrações e orgasmo,
o mármore,
o mármore,
e a platina
unhas tôdas do bicho
onde te dilaceras e colhes uma situação
que te apascente.

De pastor és então
o rebanho, e estranhamente o bicho
te dá pastos do que trazias
e sem que saibas
te fartas do regresso daquilo
de que fugias.

E aquilo em que, de que, fugias
é tudo o que te cabe de mais árduo
na compleição das águas,
e só o bicho ergue a chave
da comporta de águas, a única
força que te cabe.

Com esta túnica que lhe arrancas
és mais leve e mais ido que uma ave.

XII

Tu vais até o bicho,
ele partiu.
Sentes seu rogar,
ele inexistente —
mas na exata região do teu desejo
há o seu gesto
que te aprisiona.
Ele está aí, de soslaio
olhas a textura
da sua asa,
sua unha te fustiga, e tremes
pelo que em ti devora:
mas se gritas,
uníssono contigo

GRITA

e nisto está inteiro.
Então seu coração se ostenta e choras
a candura do bicho,
então sua matéria
te carboniza

e este carvão é a graça
com que entornas com ele
a mesma taça;
e passas a temer o bicho
com amor nêle,
e passas a sangrar dolosamente
o roubo do seu esforço
de repente infinito,
de repente apostólico,
penitencial,
crístico,
mágico,
o bicho

o bicho

O BICHO!

E a relação se funde
como a alma no corpo,
e ninguém sabe o início
nem o fim — só se vê
a amarga pálpebra do bicho
que chora
e cre.

(Março de 1961)

Correspondência

LGF — (Belo Horizonte
— Minas Gerais).
Sua carta mereceu ser
transcrita, pela humilha-
de de seu tom e pela com-
preensão de um trabalho
literário que se quer im-
por, sem arroubos ou pre-
cipitação; cremos que ser-
virá de exemplo para os
outros jovens que nos es-
crevem: "Agradecemos
sempre essa oportunidade
que nós temos tido em
ver nossos ensaios serem
críticos por pessoas de
competência e traquejo
profissional, envio mais
um trabalho meu. Digo
ensaio, e isso é no menor
sentido que existir. O que
escrevo é sempre o que
melhor posso oferecer a
mim mesmo, pois ainda
não consegui escrever me-
lhor, por mais que me
esforce. E me parece que
não tenho desanimado;
porquanto escrevo desde
os meus quinze anos. E
estou com vinte e cinco.
Nem consigo me envergo-
nar de, durante tanto
tempo, ainda escrever tão
pouco. Li, reli e estudei
os estudos de Assis Brasil
sobre os contistas novos
do Brasil, e tenho pro-
curado me libertar de tu-
do o que não for literário,
no sentido mais puro da
palavra. Se leio Clarice
Lispector, sinto-me arra-
sado. Se escrevo, não con-
sigo empregar palavras
exatas. Por tudo isso, pe-
ço a ajuda dos senhores, e
agradeço o quanto já fi-
zeram por mim."
Sua novela (22 laudas).
Obras Completas de Ra-
vel, provam em sobejo
que você é um ficcionista,
um criador. Nesse en-
saio, como você o chama,
que é na verdade mais do
que um simples ensaio
circunstancial, encontra-
mos as qualidades que de-
nunciam o seu constante
aprimoramento narrativo
e os defeitos já em fase
de desaparecimento, que
mostram a sua consciên-
cia em relação aos pro-
blemas literários. Você
disse em sua carta que
tem procurado se libertar
de tudo quanto não for
literário, quando melhor
seria se libertar de tudo
quanto não for ficcional,
pois o defeito capital des-
se trabalho seu é ser de-
masiado literário. Enten-
demos a q a i literário,
aquela dimensão intelec-
tualista marcada pelo dis-
cursivo, pelo bombástico
e pelo conceitual, respon-
sáveis pela quebra de um
clima eminentemente fic-
cional. Seu trabalho está
cheio de conceitual —
gratuitas — embora algu-
mas delas tenham sido
pedidas pelo tema, não
surgiram adequadamen-
te, pela maneira como fo-
ram enunciadas. A refe-
rência a escritores e ar-
tistas vivos ou mortos, é
sempre perigosa num a
obra de ficção; surge com-
umente falsa, algo inte-
lectualizada, esnobe. É
preciso cautela. O domí-
nio de seu tema — a con-
cepção — é realizado
convincentemente, estan-
do no desenvolvimento
narrativo as suas melho-
res qualidades — você es-
tá no caminho certo, cre-
mos; é seguro, já bem
consciente do que quer;
o resto é policial mais as
tiradas intelectualizadas e
as conceituações fáceis
sob prismas morais.
NOTA — Qualquer cor-
respondência para esta
seção deve vir acompa-
nhada de nome e endereço
completos, para que
possa ser respondida.